



SPAUTORES

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

70 ANOS DE VIDA
55 DE CARREIRA

António Vitorino D'Almeida

Um trabalhador da música

I ENCONTRO LUSÓFONO DE SOCIEDADES DE AUTORES REUNIDO EM LISBOA

**MOSTRAR O VALOR DA LÍNGUA PORTUGUESA
É O OBJECTIVO DO COMITÉ LUSÓFONO DA CISAC**





UM NATAL DE ESPERANÇA E UM ANO NOVO COM CULTURA E PAZ



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES



N.º: 24
Outubro/Dezembro 2009
SPA Sociedade Portuguesa de Autores

Director: Manuel Freire

Director Executivo: José Jorge Letria

Editora: Edite Esteves

Textos: Administração e Direcção da SPA, Edite Esteves, José Jorge Letria, M. Vinhas e Viriato Teles

Direcção de Arte e Design: José Maria Ribeirinho

Copy Desk: Ayala Monteiro

Fotografia: Arquivo da SPA, Arquivo do Museu Nacional do Teatro, Direitos Reservados, Fernando Filipe (painel Ferreira de Castro) e José Pedro Santa Bárbara.

Design e tratamento de imagem:
JM Design&edições
www.jm-designicoes.com

Propriedade: Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31
1069-153 Lisboa
Tel: 21 359 44 00
Fax: 21 353 02 57
email: geral@spautores.pt
site: www.spautores.pt

Nif.: 500257841
ICS: 100206
Tiragem: 3000
Periodicidade: Trimestral
Distribuição: Gratuita

Impressão e Expedição:
Tipografia Peres

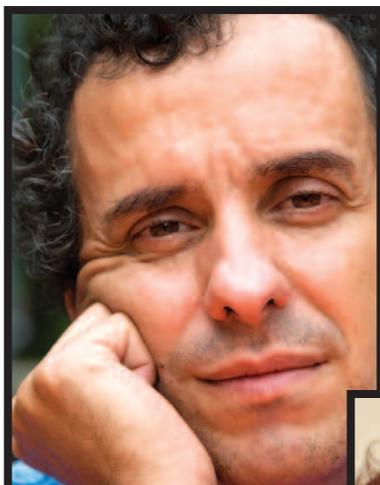
Depósito Legal: 224 872/200

SPA 84 anos.

A nossa casa
A nossa causa

Sumário

Neste final de ano de 2009, a SPA mantém-se firme na sua aposta de desenvolvimento de uma estratégia de modernização em várias frentes. Utilizando, repetidamente, o lema “**Sem Autores não há Cultura**” – e agora ainda com maior visibilidade através da TVI24, no programa “**Autores**” –, a cooperativa transformou essa frase num verdadeiro programa de acção”, conforme



salientam no editorial a **Direcção e a Administração** da casa. Nesta edição da revista “**Autores**” é dado destaque de grande envergadura a uma iniciativa que começou a germinar em 2004, na Assembleia Geral da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores (CISAC), em Seul, e que se concretizou em Lisboa, a 10 de Novembro, no **I Encontro Lusófono de Sociedades de Autores**. Cinco países de três continentes, falando apenas uma língua – a portuguesa – aprovaram por unanimidade uma proposta para a criação de um **Comité Lusófono no âmbito da CISAC**, que entregariam em mão a **Eric**



Baptiste, director-geral da confederação. Um momento histórico especial para a anfitriã, SPA, e para todas as sociedades de autores dos países de expressão portuguesa, quer os presentes, quer os que ainda não lograram formalizar uma instituição que defenda os direitos autorais. Entre os muitos e diversificados eventos culturais que se realizaram neste último trimestre, organizados ou apoiados pela SPA e pela sua delegação no Porto, salienta-se a **homenagem a Raul Solnado**, com



a apresentação da sua biografia actualizada, da autoria de **Leonor Xavier**, e o **programa da TVI24**, conduzido por **Paulo Sérgio Santos**, que lhe foi dedicado e que contou com muitos depoimentos de autores. Em relevo estiveram também a **Tertúlia “Letras com Vida”**, impulsionada por palestrantes de nível académico muito elevado, e o **II Ciclo “Com Todas as Letras”**, coordenado por **João Morales**, director da revista “Os Meus Livros” com sete sessões de franca actualidade animadas por nomes prestigiados dos sectores de autoria, editoria, distribuição e comercialização do livro. No Porto, destaque para o **Clube de Leitura Mário Cláudio**, um ateliê de literatura que, por motivos de eficácia, deixou de fora muitos interessados. São



entrevistados deste número da “**Autores**”, na música, o maestro **António Vitorino d'Almeida** e o cantautor **João Afonso**; na literatura, a escritora e guionista **Rosa Lobato Faria**; e, no teatro, o dramaturgo **Abel Neves**, vencedor do **Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva**, e o encenador **Jorge Castro Guedes**. De salientar a nomeação de **Alice Vieira** para o prémio máximo da literatura infanto-juvenil, o **ALMA**.

“Sem Autores não há Cultura” – esta tem sido a frase repetidamente utilizada pela SPA nos seus documentos e na sua comunicação com o exterior, de forma a tornar ainda mais evidente uma realidade que instâncias responsáveis frequentemente tentam ignorar ou subestimar. Neste novo ciclo de vida da nossa cooperativa, caracterizado por um forte e constante investimento na modernização tecnológica e dos métodos de funcionamento, na estabilidade interna da empresa e numa mais eficaz e regular comunicação com os cooperadores, podemos afirmar que a SPA transformou aquela frase inicial num verdadeiro programa de acção, num firme objectivo estratégico e numa atitude global à qual corresponde também uma nova imagem gráfica e uma nova forma de relacionamento com a sociedade em geral.

O I Encontro Lusófono de Sociedades de Autores, realizado no passado dia 10 de Novembro, com a participação de sociedades congéneres do Brasil, de Angola, de Moçambique e de Cabo Verde, constituiu um passo relevante e de grande alcance para a criação de uma verdadeira política lusófona no tocante à gestão colectiva do direito de autor e também no que se refere ao fortalecimento da unidade e da política de diálogo entre povos e países que falam e criam na mesma língua. Esta iniciativa da SPA saldou-se num êxito reconhecido por todos os participantes, também pelo director geral da CISAC, Eric Baptiste, e pelo secretário executivo do CPLP,

Nova dinâmica, nova imagem, novo ciclo

Dr. Domingos Simões Pereira. Com este encontro, ficaram lançadas as bases para uma cooperação regular e efectiva entre as sociedades lusófonas, que irá muito para além da retórica das boas intenções. A SPA e os seus cooperadores podem legitimamente orgulhar-se com o excelente resultado desta iniciativa, capaz de assumir importância histórica.

Por outro lado, o programa “Autores”, que a SPA mantém desde 24 de Outubro na TVI 24, com apresentação do cooperador Paulo Sérgio Santos, transformou-se num exemplar e abrangente espaço cultural em televisão, pelo qual têm passado autores de diversas gerações e disciplinas, numa demonstração de pujança, diversidade e criatividade da cultura portuguesa contemporânea. A SPA é, neste momento, a única sociedade de autores, no plano internacional, a dispor de um espaço televisivo regular, utilizando-o de forma plural e aberta para mostrar quem são os autores portugueses e o que valem.

Em 2010, irá para o ar um novo programa semanal na RTP2 e será transmitida, no dia 8 de Fevereiro, a partir do CCB, a primeira Gala SPA-RTP, que irá ser, seguramente, um dos mais importantes programas da televisão portuguesa



A equipa que tem a responsabilidade de dirigir a SPA, necessita de ver reforçada, em cada dia que passa, a confiança daqueles que tem a honra de representar e defender

em sentido lato. Deste modo, está a mudar, de forma concreta e visível, a imagem que a SPA de si dá para o exterior e para os próprios cooperadores, sendo essa imagem moderna, dinâmica e apelativa. É neste quadro que se insere, ainda, a intensa política de comunicação da Direcção e da Administração com os cooperadores através de uma informação regular sobre as actividades, projectos e tomadas de posição da cooperativa.

Entretanto, não podem a Direcção e a Administração da SPA, fazendo-se eco do que sabem ser o sentimento geral dos cooperadores, deixar de se congratular com o acórdão do Tribunal da Relação de Lisboa que anulou a sentença, em 1.ª Instância, do Tribunal do Trabalho, relativamente ao processo movido pela filha do ex-administrador-delegado Luiz Francisco Rebelo, a adjunta Catarina Rebelo, contra a SPA. Esse acórdão, ao libertar a SPA do encargo de indemnizar em quase dois milhões de euros aquela ex-administradora

da cooperativa, fez justiça à SPA e aos autores portugueses, possibilitando que uma verba exorbitante que se encontrava afectada àquela finalidade seja reconduzida ao seu destino natural, ou seja, o equilíbrio financeiro da cooperativa dos autores portugueses.

Terminamos o ano de 2009, que foi de intensa crise económica, financeira e social, com a convicção plena de tudo termos feito para estabilizar e moder-

nizar a SPA, para reforçar o apoio assistencial e mutualista aos cooperadores, designadamente os mais carenciados, para assegurar a manutenção dos postos de trabalho de todos os colaboradores da cooperativa, contrariamente ao que aconteceu em sociedades estrangeiras mais ricas e poderosas, para intensificar uma oferta cultural de qualidade e para apresentarmos, para o exterior e para os cooperadores, uma nova imagem de modernidade, competência e capacidade de dar resposta aos desafios desta sociedade e deste tempo globais. Para que tal continue a acontecer, a equipa que tem a responsabilidade de dirigir a SPA necessita de ver reforçada, em cada dia que passa, a confiança daqueles que tem a honra de representar e defender. São eles a principal motivação para o seu trabalho e a razão de ser de uma realidade complexa e fascinante que se chama SPA, a casa de todos nós, o espaço que nos une e mobiliza e que nos recorda a cada passo que “Sem Autores não há Cultura”

A Direcção e a Administração da Sociedade Portuguesa de Autores

Tribunal da Relação de Lisboa dá razão à SPA no processo de despedimento de Catarina Rebelo

O Tribunal da Relação de Lisboa alterou a decisão proferida em 1.ª instância pelo Tribunal do Trabalho de Lisboa, na qual a SPA havia sido condenada a pagar à sua ex-funcionária e filha do ex-presidente da Direcção e administrador-delegado, Luiz Francisco Rebelo, cerca de dois milhões de euros. O Tribunal da Relação considerou que a SPA apenas deveria pagar àquela funcionária a importância de 7.500 euros relativamente ao período de sete meses e meio em que aquela se viu privada da utilização da viatura de serviço que lhe estava atribuída, absolvendo a SPA da restante quantia, que, recorde-se, foi considerada a indemnização mais elevada alguma vez atribuída por um Tribunal de Trabalho em Portugal.

O Acórdão agora proferido considerou existirem dois motivos fundamentais para a justa causa de despedimento: o primeiro que "...a Autora (Catarina Rebelo), com indiscutível frequência, utilizou recursos humanos e materiais da Ré (SPA) com vista a tratar e a resolver questões de ordem pessoal, dentro do horário de trabalho dos funcionários em causa. Ou seja, afectou a seu uso pessoal meios humanos e materiais que deveriam, naquelas ocasiões, estar ao serviço da Ré (SPA), sua entidade empregadora, e que pagava o respectivo salário a esses trabalhadores... E não colhem as objecções de tal utilização ter o consentimento, expresso ou tácito, do superior hierárquico da Autora (CR), por sinal o seu pai... É que não se podem esquecer as relações familiares entre a Autora (CR) e o seu superior hierárquico, que não podem ser confundidas com as relações laborais, e, por isso, não podem dar azo a qualquer tipo de favor, de carácter excepcional, nem a abusos por parte da trabalhadora (filha),

nem que, atentas as funções de especial responsabilidade que estavam cometidas à Autora (CR), a esta estava adstrito o especial dever de zelar pelos meios humanos e materiais da empresa..."

O segundo motivo pelo qual o Tribunal da Relação considerou existir fundamento para o despedimento teve a ver com uma entrevista dada ao semanário "O Independente", no dia 12 de Dezembro de 2003 pela funcionária, e também com um e-mail enviado para vários funcionários, em 17 de Dezembro do mesmo ano, nos quais esta proferiu afirmações que o Tribunal considerou que puseram "em causa, de forma consciente, o bom nome, a credibilidade e a honestidade das altas chefias da Ré (SPA), incluindo o seu, na altura, administrador-delegado, Manuel Freire". O Tribunal vai mais longe ao declarar que "...por mais benevolência que se pudesse utilizar para minimizar as afirmações produzidas em tal texto, a conclusão seria sempre igual: as mesmas estão carregadas de imputações negativas, directas e inequívocas, afirmações claramente desabonatórias do comportamento das pessoas que estavam à frente da SPA" e mais à frente "...não podem deixar de se considerar não só as expressões utilizadas ... como altamente ofensivas da dignidade da Ré (SPA), enquanto instituição, bem como das pessoas à frente dos seus destinos. A Autora (CR) põe em causa, de forma intolerável, a honra e consideração dos seus superiores hierárquicos e da instituição em si."

O Tribunal concluiu que: "...Face ao comportamento da Autora (CR), qualquer empregador, colocado na posição da Ré (SPA), teria perdido de forma irremediável a confiança

na Autora (CR), pelo que é de considerar que, pela sua gravidade e consequências, o comportamento ilícito e culposo da Autora (CR) tornou imediata e praticamente impossível a subsistência da relação de trabalho. A continuidade da relação contratual representaria, neste caso, uma insuportável e injusta imposição para a Ré (SPA) de um comportamento revelador de clara falta de urbanidade. Se a apelante (SPA) não despedisse a apelada (CR), em face da gravidade da sua conduta, a sua prática disciplinar ficaria posta em causa e, além de perder a face, acabaria também por perder o respeito e autoridade disciplinar sobre a Autora (CR) e sobre os demais trabalhadores, ficando assim aberto caminho à indisciplina, jamais podendo por factos desta gravidade e natureza despedir qualquer trabalhador."

Esta decisão do Tribunal da Relação de Lisboa vem assim provar a justeza da decisão da Administração da SPA ao despedir a trabalhadora Catarina Rebelo, em finais de 2003, na sequência do acto eleitoral que operou uma profunda mudança na vida da cooperativa e nas suas regras de funcionamento.

A Direcção e a Administração da SPA não podem deixar de manifestar o seu regozijo pelo facto de ter sido feita justiça, libertando-se assim a cooperativa de uma pesadíssima penalização financeira que nada poderia justificar e que viria mesmo a pôr em risco o equilíbrio das suas contas.

Com esta decisão do Tribunal da Relação, esperam a Direcção e a Administração da SPA ver definitivamente encerrado um capítulo sombrio da vida da cooperativa, cujo futuro chegou a estar seriamente ameaçado.

SPA na expectativa em relação ao investimento do Governo na Cultura e ao aumento do apoio aos criadores

O primeiro-ministro José Sócrates anunciou, na Assembleia da República, no discurso de apresentação do Programa do Governo, o aumento do investimento na cultura e o reforço do apoio aos artistas e aos criadores.

A SPA congratula-se com o anúncio, mas aguarda a concretização efectiva dessas medidas para sobre elas poder emitir opinião.

É sabido que, em contexto de crise económico-social, os criadores culturais se encontram entre os cidadãos mais atingidos pelos efeitos deste ciclo negativo. Por isso, a sua situação e as suas dificuldades deverão ser encaradas com objectividade, coragem e celeridade. Desde o combate à pirataria até à adopção de medidas de carácter fiscal, passando pela criação de canais de divulgação das obras dos autores portugueses e pela transposição célere e adequada da legislação comunitária sobre estas matérias, deverá o poder político encarar o apoio aos agentes culturais como uma prioridade e um dever indeclinável.

A SPA aguarda, assim, a apresentação de medidas concretas para poder pronunciar-se sobre a sua oportunidade e efectiva adequação às expectativas, interesses e direitos dos autores que representa.

Por parte do Governo, o compromisso está publicamente assumido, o que gera legítimas expectativas em relação às medidas que tenciona levar à prática. A SPA fica a aguardar, numa posição expectante e crítica, consciente da sua representatividade e da sua legitimidade quando se trata de falar em nome dos cerca de 24 000 autores que representa.

Entretanto, a SPA solicitou já uma audiência à ministra da Cultura, para abordagem e análise de assuntos como a Lei da Cópia Privada, o combate às várias formas de pirataria e possíveis medidas de incentivo à criação.

A SPA saúda a escolha de uma artista para a pasta da Cultura



A Sociedade Portuguesa de Autores congratula-se com o facto de a indigitada ministra da Cultura, a pianista Gabriela Canavilhas, ser uma personalidade com larga experiência artística e de gestão e decisão no domínio da cultura, devido aos cargos que desempenhou nos últimos anos, designadamente no Governo Regional dos Açores.

Da nova responsável pela pasta da Cultura espera a SPA uma mais apurada sensibilidade para os problemas dos

autores portugueses e para a defesa dos seus direitos. Espera igualmente a SPA que a nova ministra assegure um mais dilatado suporte orçamental para a desejável intervenção em áreas de importância estratégica que têm sido subestimadas ou mesmo ignoradas.

A SPA formula ainda votos no sentido de que a nova ministra da Cultura e a sua equipa venham a ser mais interventivos no combate contra a pirataria que afecta vários sectores da criação musical, literária, audiovisual e para que se garanta a adequada reformulação das directivas europeias que, tendo sido transpostas para o ordenamento jurídico português, são manifestamente inadequadas à realidade nacional.

Por último, da nova ministra da Cultura espera e deseja a SPA que haja uma maior abertura para o diálogo com os autores portugueses e a sua estrutura representativa, de molde a que se tomem neste domínio decisões atempadas e acertadas que vão ao encontro dos anseios de quem, sendo criador, faz com que a cultura portuguesa nunca deixe de progredir, de gerar riqueza e de assegurar um amplo reconhecimento nacional e internacional.

Eis o que a SPA espera de uma personalidade que, além de ter um amplo conhecimento da vida cultural portuguesa, é também uma artista com reconhecidos méritos.

Convocadas para
14 e 22 de Dezembro

Assembleia Geral Extraordinária e Assembleia Geral Ordinária

Nos termos do artigo 34º, nº3 dos Estatutos, foi convocada para o passado dia 14 de Dezembro de 2009, pelas 20H30, no edifício da Rua Gonçalves Crespo, 62, em Lisboa, a Assembleia Geral Extraordinária dos Cooperadores desta Sociedade, cuja ordem de trabalhos previa a aprovação da revisão dos Estatutos da SPA, do novo Regulamento de Distribuição da Cópia Privada, anexo aos Estatutos e do Regulamento Eleitoral da SPA.

O anúncio da convocatória foi feito pelo presidente da Assembleia Geral, José Niza, no dia 25 de Novembro passado e as respectivas propostas dadas a conhecer, inclusive, no portal da SPA.

A 3 de Dezembro deste ano, por seu turno, nos termos do artigo 34º, nº3 dos Estatutos, foi feita a convocatória para a Assembleia Geral Ordinária dos Cooperadores desta Sociedade, a decorrer no dia 22 de Dezembro de 2009, pelas 20H30, igualmente no edifício da Rua Gonçalves Crespo, 62, em Lisboa. A ordem de trabalhos prevê para o período antes da Ordem do Dia informação da Direcção e intervenções de Cooperadores e, no âmbito do período da Ordem do Dia, a apreciação e votação do Orçamento e do Plano de Actividades para 2010, que já foi também divulgado previamente.



I ENCONTRO LUSÓFONO DE SOCIEDADES DE AUTORES

Vanda Guerra, Pedro
Osório, Ana Gomes,
José Jorge Letria,
Eric Baptiste e Pedro
Campos



CINCO PAÍSES DE TRÊS CONTINENTES UNIDOS POR

FOTOS DE JOSÉ PEDRO SANTA BÁRBARA

Comité Lusófono no âmbito da CISAC quer mostrar o valor do português



UMA SÓ LÍNGUA NA DEFESA DOS AUTORES

Cinco países de três continentes, falando apenas uma língua – a portuguesa – aprovaram por unanimidade uma proposta para a criação de um Comité Lusófono no âmbito da CISAC, Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, no culminar do I Encontro Lusófono de Sociedades de Autores, que se realizou em Lisboa, no passado dia 10 de Novembro. Todos os participantes nesta importante reunião, que teve como anfitriã a Sociedade Portuguesa de Autores e como cenário a carismática Sala Carlos Paredes, subscreveram a proposta, tendo esta desde logo sido apresentada ao director-geral da CISAC, Eric Baptiste, representante da gestão do direito de autor a nível mundial, que honrou com a sua presença a iniciativa promovida por esta cooperativa.

Cinco sociedades de autores brasileiras e três de países africanos

de língua oficial portuguesa – Moçambique, Angola e Cabo Verde –, juntamente com a sociedade portuguesa, de quem partiu a ideia inicial, reuniram-se pela primeira vez para fazer valer o peso e o valor de uma língua, de uma cultura e de uma história comuns a 200 milhões de falantes em todo o mundo.

Contando com o alto patrocínio do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), cuja presidência está entregue a Portugal, este conjunto de entidades de gestão colectiva do direito de autor deu os primeiros passos para a concretização de um projecto que o administrador-delegado da SPA, José Jorge Letria, vinha alimentando desde 2004, aquando da assembleia geral da CISAC, em Seul, na Coreia do Sul, e cuja apresentação formal foi feita em Junho deste ano, em Washington, durante a Cimeira Mundial do Copyright/Direito de Autor.



Aspecto geral dos participantes em trabalho

“Como disse um dia Victor Hugo, ‘nada tem a força de uma ideia, quando chega a sua hora’, por isso agora aqui estamos a preparar a criação dos alicerces para a organização de uma instituição tricontinental, já com propostas concretas de formação de equipas técnicas que comecem imediatamente a reunir sistemas e documentação e que dêem apoio aos que mais necessitarem, quer no plano informático, quer na formação”, salientou o administrador-delegado da SPA, deste Comité Lusófono da CISAC, lançando, simultaneamente, um apelo: “Que a nossa unidade se torne mais forte!”

PARTILHA DAS RAÍZES CULTURAIS MÚTUAS

A iniciativa da criação de um Comité Lusófono no âmbito da CISAC mereceu do responsável máximo desta instituição, que tem dado apoio à expansão das sociedades de defesa dos direitos de autor, a sua concordância e apreço. “É crucial, nos dias de hoje, tanto a nível económico como político, que as sociedades partilhem raízes culturais mútuas”, frisou, manifestando-se feliz por estarem reunidos neste encontro representantes de autores, de artistas e do Parlamento Europeu, na pessoa da deputada Ana Gomes. Foi igualmente salientada a necessidade de a criação desse Comité ser complementada com a celebração de um protocolo com incidência em aspectos específicos do trabalho de cooperação das sociedades presentes. “Apesar de estarmos conscientes das diferenças económicas das sociedades de autores envolvidas neste projecto, queremos sublinhar que a CISAC não dá dinheiro, mas sim ferramentas de cooperação para atingirem a eficiência”, advertiu. “É importante partilhar informação com as experiências locais, fazer o intercâmbio de pessoas e aprender com as experiências práticas.”

ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DOS REPORTÓRIOS

E deixou alguns conselhos determinantes aos presentes: “Precisam de organizar o vosso relatório e conhecer outros reportórios. Os reportórios devem estar disponíveis para serem partilhados por

AS BOAS-VINDAS DA SPA AOS PARTICIPANTES NO I ENCONTRO LUSÓFONO DE SOCIEDADES DE AUTORES

É com grande satisfação e sentido de responsabilidade que a SPA acolhe o I Encontro Lusófono de Sociedades de Autores, iniciativa cuja realização propôs pela primeira vez a sociedades congéneres de língua portuguesa durante a Assembleia Geral da CISAC, que decorreu em Seul, em Novembro de 2004.

Esta ideia foi fazendo o seu caminho, adquirindo contornos mais precisos e ganhando adeptos cada vez mais entusiásticos. De outro modo, não teria sido possível encontrarmo-nos hoje aqui, disponíveis para o diálogo, para a fraterna partilha de opiniões e ideias e para a desejável concretização de projectos comuns e de formas de cooperação estimulantes e objectivamente exequíveis.

Temos a grande vantagem de poder realizar um encontro com esta dimensão e alcance sem necessitarmos de intérpretes, já que utilizamos uma língua comum e que essa língua, além de nos aproximar no plano comunicacional, constitui também uma fonte de afecto, cultura e civilização que existe, inquestionavelmente, para nos aproximar.

O objectivo central deste encontro é estabelecer uma plataforma de diálogo regular entre as várias sociedades de gestão colectiva do direito de autor existentes nos vários países de língua oficial portuguesa. Mas desejamos ir ainda mais longe. Conversando com os nossos parceiros do espaço lusófono, entendemos ser este o momento apropriado para propor à CISAC, cujo director-geral, Eric Baptiste, nos dá a honra de estar connosco esta tarde, a criação, no momento oportuno, de um Comité Lusófono da CISAC, o que, a verificar-se, constituirá um passo de indiscutível relevância para a afirmação e consolidação do nosso espaço linguístico e cultural naquela super-estrutura que representa as sociedades de autores à escala global.

Representamos hoje aqui, com a pluralidade enriquecedora das nossas vozes e experiências, cerca de 220 milhões de falantes em cinco continentes. Estamos conscientes da riqueza do desafio e da responsabilidade que este número e esta realidade representam. Trata-se, agora, de converter essa pujante realidade linguística e

“Representamos hoje aqui, com a pluralidade enriquecedora das nossas vozes e experiências, cerca de 220 milhões de falantes em cinco continentes. Estamos conscientes da riqueza do desafio e da responsabilidade que este número e esta realidade representam. Trata-se, agora, de converter essa pujante realidade linguística e demográfica num instrumento poderoso de afirmação e de defesa dos autores de língua portuguesa, estejam eles onde estiverem, sejam quais forem as suas disciplinas de criação”



demográfica num instrumento poderoso de afirmação e de defesa dos autores de língua portuguesa, estejam eles onde estiverem, sejam quais forem as suas disciplinas de criação. Todos sabemos que representamos no mundo um espaço linguístico e cultural que será forte e representativo na proporção directa da coesão e unidade que lhe conseguirmos imprimir. Estamos conscientes de que as nossas sociedades de gestão colectiva representam realidades e experiências diversas mas complementares, porque na génese e na essência do nosso trabalho está o direito de autor, o trabalho criador dos nossos associados e a necessidade de impormos aos poderes públicos dos nossos países quadros legislativos que defendam efectivamente os direitos e os interesses daqueles que representamos e em nome de quem falamos. Por esse motivo, todos temos muito a aprender uns com

os outros, sem complexos, sem reservas e sem o receio de que uns sejam mais beneficiados do que os outros. O pacto de cultura e língua que nos une constitui, em si mesmo, uma garantia de equidade, transparência e solidariedade. Este encontro realiza-se no âmbito da presidência portuguesa do CPLP, fazendo, por isso, a SPA questão de agradecer a presença sempre honrosa e a intervenção sempre esclarecedora do Dr. Domingos Simões Pereira, secretário executivo do CPLP. Aproveito aqui para agradecer a esta prestigiada instituição e ao Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal o alto patrocínio com que nos obsequiaram na realização deste evento.

Temos um dia inteiro para arregaçar as mangas e trabalhar, ou seja, para nos ouvirmos uns aos outros, para partilharmos ideias, para confrontarmos experiências, para concebermos e darmos forma na prática, a projectos de cooperação que levem naturalmente em conta a singularidade das nossas realidades nacionais e a forma como nelas nos inserimos e como nelas lidamos.

Creio que todos temos a convicção de que, juntos, podemos e devemos ir mais longe. Ir mais longe é trabalhar mais e melhor em defesa daqueles que, usando a língua portuguesa, escrevem, filmam, encenam, compõem, pintam ou coreografam, acrescentando um suplemento de luz e de beleza aos quotidianos das nossas pátrias e ao mundo global em que a nossa língua comum crescentemente se afirma e prestigia. É um grande motivo de júbilo para a SPA ter podido realizar este encontro e contar com a presença e a intervenção nele de prestigiados, competentes e representativos dirigentes de várias sociedades de autores do espaço lusófono. Sempre que temos oportunidade de nos encontrarmos em reuniões internacionais, de imediato se estabelece entre nós a comunicação cúmplice e fraterna que aproxima aqueles cujo coração bate com a mesma cadência. É esse o espírito que desejamos imprimir a este I Encontro Lusófono de Sociedades de Autores, pois só ele constitui a garantia de que valeu a pena estarmos juntos neste dia 10 de Novembro de 2009, que ficará gravado nas nossas memórias como um estimulante ponto de partida para um novo ciclo do nosso já produtivo relacionamento.

Neste mundo global em que o direito de autor está cada vez mais ameaçado, é cada vez mais vilipendiado e cada vez mais fragilizado pelo culto da gratuidade que tão acarinhado tem

sido pelos poderes públicos, tudo aquilo que fizemos para criar mecanismos de defesa, de comunicação regular entre as nossas sociedades, para instituímos hábitos de entajuda solidária e de bilateralidade e multilateralidade nas relações será seguramente um contributo para a defesa eficaz dos criadores que representamos e também da identidade cultural das nossas pátrias. Todos temos a convicção, em cada um dos nossos países, de que a cultura não pode nunca ser vista como adorno institucional, como adereço eleitoral, devendo, isso sim, ser entendida e acarinhada como uma fonte geradora de riqueza, de emprego, de coesão social e de fortalecimento das nossas identidades. Por isso, a SPA, que agora dispõe de um programa de televisão no canal TVI e irá dispor de um outro, em 2010, na RTP2, utiliza insistentemente esta frase programática, da qual muito se orgulha: “Sem autores não há cultura.”

Permitam-me, já que nos encontramos entre pessoas que acreditam no poder estruturante da cultura e na sua capacidade de tornar este mundo em que vivemos um pouco melhor, que tome de empréstimo um verso de um poema de Ruy Belo, um dos maiores de língua portuguesa do século XX, que escrevia:

“Tudo era possível, era só querer.” Se nós quisermos, tudo será possível, a começar pela força irradiante e congregadora da nossa unidade e a acabar na alegria de juntos podermos dizer, parafraseando parcialmente Fernando Pessoa, que tudo vale a pena porque esta vontade de caminharmos juntos é tudo menos pequena. No próximo ano esperamos poder voltar a estar juntos, de preferência já com o Comité Lusófono da CISAC constituído, para que a realidade de que somos protagonistas e agentes de transformação seja ainda mais respeitada neste mundo global em que valeremos o que valerem as nossas vozes unidas com a clareza das razões e dos valores por que nos batemos.

Lisboa, 10 de Novembro/2009



Elementos da equipa técnica da SPA

PROCLAMAÇÃO

Reunidas na cidade de Lisboa, por ocasião do I Encontro Lusófono de Sociedades de Autores, as entidades abaixo assinadas, irmãs na defesa e na promoção da Cultura de todos os povos e nações que compartilham a Pátria Comum da Língua Portuguesa, comparecem perante a opinião pública internacional, a comunidade de autores e criadores de todo o mundo, os governos de seus respectivos países e os organismos internacionais relacionados com a Cultura e a propriedade intelectual para expressar o que se segue:

todos os países a nível mundial, logo é preciso organizá-los e ter as ferramentas adequadas para a sua divulgação. Só assim poderão ganhar os direitos que devem ser vossos.”

Os participantes no Encontro acentuaram ainda a importância da comunicação das sociedades de autores com o público em geral, de molde a que se torne ainda mais visível e respeitável o trabalho dos autores. Como exemplo, a SPA apresentou, em primeira mão, um filme-demonstração do programa “Autores”, cujo conteúdo é da responsabilidade da cooperativa portuguesa e que a TVI 24 está a passar todos os domingos às 23 horas, sendo repetido depois três vezes ao longo da semana. Os 26 programas, de 55 minutos cada um, já acordados, conduzidos pelo autor, cooperador e presidente do Conselho Fiscal da SPA, Paulo Sérgio dos Santos, “dão a conhecer os melhores autores portugueses” nas diversas áreas, podendo vir a estender-se, segundo anunciou José Jorge Letria, por uma segunda série, “havendo condições para preencher um ano inteiro”.

“Sem autores não há cultura” é a mensagem que a SPA faz passar nestes programas televisivos, acentuando a ideia de que “cada autor vive daquilo que cria”. Portanto, uma maneira de mentalizar os espectadores da necessidade da cobrança dos direitos de autor, por um lado, e de receber novos conteúdos da parte dos espectadores, já que os meios televisivos são cada vez mais interactivos, na linha das redes produzidas pela internet. De facto, a divulgação das obras autorais pela internet, neste momento, são na ordem dos 60% e dos 40% pela televisão.

“Apesar de estarmos conscientes das diferenças económicas das sociedades de autores envolvidas neste projecto, queremos sublinhar que a CISAC não dá dinheiro, mas sim ferramentas de cooperação para atingirem a eficiência”



A EXPLOÇÃO DO COMÉRCIO ONLINE

Uma deixa que o maestro Pedro Osório aproveitou para defender “as grandes potencialidades futuras” desta união de sociedades de autores que falam a mesma língua, sobretudo através da internet, içando a bandeira do Brasil, que considerou “um dos maiores centros musicais do mundo” e a da África, “o continente onde a música nasceu e que está a evoluir a uma grande velocidade”.

“O comércio online vai ser o futuro do comércio artístico, em primeiro lugar da música e depois da literatura. Depende de os

1 – Vanda Guerra e Pedro Osório; 2 – Mônica Buchmann Battello e Glória Braga (Brasil); 3 – José Jorge Letria, Lucas Serra e o embaixador de Timor Leste, José Barreto Martins; 4 – Alfredo Batista Chissano (Moçambique) e Tozé Brito; 5 – Vanda Guerra, Daniel Spínola (Cabo Verde) e Marcus Vinícius de Andrade (Brasil); 6 -Mauro Feijó, Adelino Francisco (Angola); 7 – Marcus Vinícius de Andrade e Roberto Corrêa de Mello (Brasil) e “Lopito” Feijó (Angola); 8 - Alfredo Batista Chissano (Moçambique) e José Jorge Letria; 9 - Jornalistas que acompanharam a delegação angolana; 10 - António Luiz de Almeida (Brasil); 11 - Alfredo Batista Chissano (Moçambique), José Jorge Letria e Pedro Campos; 12 – Domingos Simões Pereira, secretário executivo da CPLP

1. Que o direito de autor continua a ser o mais importante meio para auto-sustentabilidade da Cultura, de forma a garantir sua independência da tutela dos governos e dos interesses económicos das grandes corporações da indústria cultural;

2. Que a actual sociedade da informação e do conhecimento não poderá desenvolver-se de forma adequada sem que haja o justo reconhecimento, moral e económico, dos que criam e produzem os bens culturais disponibilizados à comunidade mundial por meio de redes electrónicas e recursos digitais;

3. Que é inadmissível que somente os provedores, distribuidores e agentes económicos da cadeia produtiva da Cultura sejam os únicos

beneficiários da comercialização e disponibilização de obras intelectuais no mundo digital, com flagrante prejuízo para aqueles que efectivamente as criam e produzem;

4. Que o acesso dos povos e comunidades à Cultura não é incompatível com a protecção dos direitos daqueles que criam e produzem os bens intelectuais indispensáveis ao desenvolvimento humano;

5. Que a gestão colectiva é o mecanismo indispensável para a efectiva protecção dos direitos dos autores e criadores e para a preservação e valorização do património cultural dos povos e nações;

6. Que deve ser expressamente rejeitada

toda e qualquer iniciativa governamental, como a que agora está em curso no Brasil, que vise limitar os direitos dos autores e criadores, bem como tutelar ou interferir nas suas entidades de gestão colectiva que, por terem carácter privado, devem usufruir de plena liberdade de funcionamento.

7. Que a comunidade lusófona de autores e criadores deve manter-se unida e permanentemente mobilizada para assegurar a defesa das expressões e manifestações culturais de todos os povos e nações que têm, na Língua Portuguesa, a sua força e a sua razão de pensar e sentir.

Lisboa, 10 de Novembro de 2009





governos combaterem a pirataria na internet”, referiu, acrescentando, esperançado, que já está a ser produzida legislação a nível global e, quando ela estiver em vigor, “vai ser a grande explosão”. Depois de alertar para o facto de o licenciamento, tratamento e cobrança da arte na internet ser dispendioso e não estar ao alcance das pequenas organizações e terem de existir licenciamentos pan-europeus ou pan-mundiais, o administrador da SPA lançou aos participantes deste I Encontro Lusófono de Sociedades de Autores um desafio arrojado: “Comecemos a pensar fazer uma *joint-venture* para licenciamento *online* da língua portuguesa a nível musical e audiovisual com eficácia. Poderemos trazer de volta autores agora representados por sociedades internacionais.”

AVANÇO PARA A DIGITALIZAÇÃO

Trocadas experiências e informações sobre a gestão colectiva do direito de autor em cada um dos países que integram a comunidade lusófona e encontradas as afinidades e diferenças entre as sociedades de autores no espaço lusófono, bem como a importância deste no contexto global, era de prever que aquele desafio fosse, de momento, demasiado avançado para os propósitos que nortearam este primeiro encontro. Mas ficou registado, naturalmente. Tal como registadas ficaram as palavras avisadas da deputada portuguesa do Parlamento Europeu Ana Gomes, que fez uma “viagem” fantástica através do seu percurso de vida profissional, para demonstrar a importância da lusofonia e o potencial da língua portuguesa no mundo.

“A língua portuguesa é uma língua global com efeitos na economia europeia”, explicou. “Ter competências linguísticas é um valor acrescentado para as empresas. Um factor de competitividade. As pequenas e médias empresas podem perder negócios, se não tiverem competências linguísticas e o certo é que o português, ao lado do chinês e do árabe, está em crescendo como instrumento valiosíssimo no plano da criatividade económica.”

E sublinhou: “Temos de avançar para a digitalização, pois 3 a 4% do que está na Web é português”. (ver caixa)

“Podemos, para já, criar um fórum das sociedades lusófonas no âmbito da CISAC”



ERIC BAPTISTE

CISAC, Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores (director-geral)

Esperava que se chegasse à conclusão da necessidade de existir uma coordenação das sociedades lusófonas. Já havia uma força de ideias, de experiências e de pontos de vista e era absolutamente certo que quem partilha uma língua, uma cultura e, de certa forma, uma história comum pode melhor cooperar entre si e trocar as ideias que funcionaram e as ideias que foram eficazes, de maneira a que toda a gente progrida.

De momento, não posso comprometer-me com a criação formal de um Comité Lusófono no âmbito da CISAC, mas penso que poderemos criar no nosso seio um fórum para troca de experiências e de projectos, o que será uma boa ideia. Depois, quando se formalizar o comité será outra questão. Terá de ser integrado nos Comités Regionais, o Ibero-Americano para o Brasil, o Africano para as sociedades de Moçambique, Angola e Cabo Verde, e naturalmente o Comité Ibero-Americano para Portugal.

“Comecemos a pensar fazer uma *joint-venture* para licenciamento *online* da língua portuguesa a nível musical e audiovisual com eficácia. Poderemos trazer de volta autores agora representados por sociedades internacionais”

“É a concretização de um grande projecto, nascido em 2004”



MARCUS VINÍCIUS DE ANDRADE AMAR/SOMBRÁS, Associação de Músicos, Arranjadores e Regentes/Sociedade Musical Brasileira (Brasil)

Este encontro constituiu, para mim, a concretização de um grande projecto no qual eu estive no nascimento, juntamente com José Jorge Letria, porque me lembro de que, em 2004, em Seul, nós conversámos sobre a possibilidade de juntarmos as sociedades lusófonas, já que temos uma grande comunidade unida pela língua e com um reportório que é comum, um reportório que é muito expressivo, que tem a força da língua portuguesa, a força da cultura portuguesa com a doçura africana e com a mescla brasileira. E esse reportório precisaria muito de ter um tipo de tratamento especial no âmbito da CISAC, da nossa confederação, porque nós não podíamos ficar aderindo a outros projectos. Então essa ideia surgiu em 2004 e hoje sinto-me muito realizado em vê-la dando os primeiros passos. Conseguimos finalmente sair à rua.

Agora, deixa de ser utopia para começar a ser uma realidade. Isso para mim é fundamental. Porque tudo o que foi dito aqui, o nosso reportório, seja brasileiro, seja português, seja dos países africanos, ele merece um espaço maior dentro do âmbito da comunidade autoral internacional. E hoje já estamos a começar a dar esses passos.

“Vislumbramos uma caminhada com apoios e acordos”



DANIEL SPÍNOLA SOCA, Sociedade Cabo-Verdiana de Autores (Cabo Verde)

Nós já estamos a construir este sonho, tornando-o realidade. De facto, somos uma sociedade muito jovem – temos quatro anos de vida apenas –, mas estamos convictos que este sonho é exequível. Porque temos uma lei moderna, que está de acordo com as grandes convenções internacionais, como a Convenção de Berna, a Convenção de Roma, e o Tratado de Washington. Porque já fazemos parte da Organização Mundial do Comércio (OMC) como país em desenvolvimento e, por isso, tivemos de fazer a revisão do nosso código de direitos autorais, e essa revisão abrange o acordo TRIPs. Portanto, temos uma lei muito moderna, que protege os autores cabo-verdianos. E, neste momento, temos também uma portaria do Governo pronta a ser publicada, cujas propostas de cobrança foram discutidas pela SOCA. O mais difícil era termos um quadro legal para poder cobrar....

A partir daí, com esse quadro legal, nós teremos toda a legitimidade para cobrar os direitos de autor. Já temos tudo preparado em termos da tabela de execução, já estamos a delinear a estrutura que vai ocupar-se da cobrança e pensamos que já vamos começar a cobrar, a partir de Janeiro. E, malgrado os contratemplos existentes no nosso país em termos de défice de formação e de material tecnológico, estamos firmes na decisão de cobrar e distribuir os direitos de autor, no próximo ano.

Portanto, este encontro foi importantíssimo para nós, porque já estamos a vislumbrar um caminho e uma caminhada com outras

sociedades de autores que nos vão apoiar de certeza e a possibilidade até de fazermos acordos e de atingirmos o nosso objectivo, que é cobrar os direitos de autor. Estamos convencidos de que vamos vingar, de que vamos conseguir atingir o nosso objectivo rapidamente. Porque, apesar de sermos uma sociedade recente, muito jovem, nós, o ano passado, projectámos um conjunto de actividades culturais, que conseguimos materializar. Mensalmente, havia uma actividade da SOCA e nós fizemos muita coisa: já temos uma revista nossa, já temos um site nosso, que são algumas das bases para estarmos em comunicação permanente com os nossos autores e com os nossos usuários também, e informar a sociedade civil sobre aquilo que pretendemos sobre as leis cabo-verdianas relativas aos direitos autorais. E, neste momento, estamos a dotar-nos de mais um instrumento que nos vai reforçar o nosso objectivo de cobrança, que é a criação do Instituto da Propriedade Intelectual... são outras cobranças, em termos de marcas, por exemplo. Quanto aos direitos conexos ainda estão dentro da nossa sociedade, porque nós somos sociedade de autores, mas também temos a possibilidade de atender os direitos conexos dos intérpretes.



José Jorge Letria com Vanda Guerra e Pedro Campos (SPA) acompanhados pelo representante da CPLP e pelo embaixador de Timor-Leste

ESTRATÉGIA IMPLICA DINÂMICA DE DIÁLOGO ANUAL

No comunicado final, lido pelo administrador-delegado e vice-presidente da SPA, afirma-se que os participantes no I Encontro Lusófono de Sociedades de Autores se congratularam “com a realização deste evento e com as portas que ele abriu para uma cooperação efectiva e profícua entre as estruturas de gestão colectiva do direito de autor que nele participaram”.

Este encontro constituiu, sem dúvida, conforme acrescenta o texto, “um passo significativo para o lançamento de uma dinâmica de diálogo que irá traduzir-se na criação de canais de comunicação regular entre as várias sociedades lusófonas e de grupos de trabalho orientados para áreas específicas da actividade dessas sociedades”, tendo sido sublinhada, ao longo dos trabalhos, “a importância da língua portuguesa como factor de comunicação, de unidade e de fortalecimento e viabilização dos projectos comuns”.

Para a definição de uma estratégia para a próxima década, foi consensualmente aceite a ideia de que estes encontros passem a ter periodicidade anual, com rotatividade pelos diversos países em que as sociedades presentes existem e funcionam. Para já, as sociedades brasileiras presentes no encontro propuseram que a edição de 2010 se realize no Rio de Janeiro.

O evento, que contou também com a participação e intervenção do secretário-executivo da CPLP, Dr. Domingos Simões Pereira, foi, na opinião de todos os participantes, coroado de êxito, constituindo “um passo relevante para uma efectiva cooperação entre as sociedades de países onde se fala o português”.

No final, foi aprovada por unanimidade uma proclamação, considerada “uma carta política de intenções” destes países lusófonos, apresentada por Roberto Corrêa de Mello, da sociedade brasileira ABRAMUS, e subscrita por todos os presentes, que “sintetiza a posição essencial e comum das sociedades de autores sobre o papel que desempenham neste mundo global em que os direitos e interesses dos autores se encontram cada vez mais ameaçados”(ver texto integral).

■ *Edite Esteves*

“Foi uma reaproximação cultural extraordinária!”



ALFREDO BATISTA CHISSANO
SOMAS, Sociedade Moçambicana de Autores (Moçambique)

Este encontro foi muito interessante, porque abriu portas para a cooperação entre países de expressão portuguesa. Havia talvez um receio de nos aproximarmos. Penso que era de parte a parte. Na realidade, nunca houve abertura nem de uma parte, nem da outra. Estávamos receosos se Portugal iria acolher esta proposta de cooperação connosco e acho que Portugal se questionou também se nós iríamos aceitar o seu apoio, por causa da independência política que tivemos. Mas a independência foi só política, eu meu entender, pois, culturalmente, temos muita coisa em comum: música, literatura, moda, culinária, desporto... Isto foi uma reaproximação cultural de Portugal extraordinária! Esperamos que vá continuar.

“Este encontro constituiu um passo significativo para o lançamento de uma dinâmica de diálogo que irá traduzir-se na criação de canais de comunicação regular entre as várias sociedades lusófonas e de grupos de trabalho orientados para áreas específicas da actividade dessas sociedades”

“Constituiu um momento de muita solidariedade”



**JOÃO ANDRÉ SILVA (LOPITO)
FEIJÓ**

SADIA, Sociedade Angolana de Direito de Autor (director-geral)

Isto para nós representou um momento de muita solidariedade das grandes sociedades de autores, como são, por exemplo, as brasileiras, relativamente às pequenas sociedades de autores, que nós aqui representamos. Para nós, foi motivo de grande aprendizagem, só que em carga, ou seja, apenas ao longo de um único dia. Mas valeu a pena.

Finda a guerra, Angola está a crescer imenso e nós tudo temos feito para que esse crescimento seja equilibrado, do ponto de vista das estruturas económico-financeiras, da estrutura física e do ponto de vista das mentalidades. Estamos lutando para que comecemos com uma nova mentalidade autoral, que os autores tenham o seu apelo devidamente equacionado, visto e respeitado. Se fizermos com regularidade estes encontros, acredito que vai haver uma coordenação entre os desígnios das sociedades dos três continentes: o continente americano, o europeu e o africano, onde a língua portuguesa é falada.

Porque a língua portuguesa, como dizia Fernando Pessoa, é a nossa pátria.

“Acho que se pode engrandecer os artistas com esta união”



CLAUDIA CADIMA

GDA, Gestão dos Direitos dos Artistas (Portugal)

Achei o encontro fantástico! A GDA, felizmente, é uma entidade que já está muito desenvolvida. De qualquer modo, acho que é muito importante juntarmos as entidades todas de língua portuguesa. Nós fazemos parte de várias organizações da Europa e latino-americanas e, realmente, nunca tive esta satisfação de poder sentir que estamos todos a falar a mesma língua. Os nossos artistas, os nossos autores, falamos todos a mesma língua e estamos tão dispersos... Eu acho que isto é o mais importante de tudo. No fundo, somos de continentes diferentes, de países diferentes, mas há muita coisa que podemos fazer juntos. A legislação é diferente em cada país, mas, de qualquer modo, há coisas que podemos aprender uns com os outros, podemos ensinar uns aos outros, podemos ajudar, como aqui foi dito, tecnicamente, aqueles que ainda não estão desenvolvidos. O mais importante para nós é cobrar e distribuir aos artistas e aos autores, portanto, se as entidades não tiverem essa prerrogativa não conseguem subsistir. Os artistas cantam aquilo que um autor escreveu, portanto nós coexistimos, fazemos parte uns dos outros. No fundo, somos todos criadores. Uns são intérpretes, outros são executantes, e realmente fazemos parte de um todo. Eu acho que se pode engrandecer os artistas com esta união.

“A cultura deve ser entendida como fonte geradora de coesão social”



JOSÉ JORGE LETRIA

SPA, Sociedade Portuguesa de Autores (administrador-delegado e vice-presidente)

Representamos hoje aqui, com a pluralidade enriquecedora das nossas vozes e experiências, cerca de 220 milhões de falantes em cinco continentes. Estamos conscientes da riqueza do desafio e da responsabilidade que este número e esta realidade representam. Trata-se, agora, de converter essa pujante realidade linguística e demográfica num instrumento poderoso de afirmação e de defesa dos autores de língua portuguesa, estejam eles onde estiverem, sejam quais forem as suas disciplinas de criação. Neste mundo global em que o direito de autor está cada vez mais ameaçado, é cada vez mais vilipendiado e cada vez mais fragilizado pelo culto da gratuidade, que tão acarinhado tem sido pelos poderes públicos, tudo aquilo que fizermos para criar mecanismos de defesa, de comunicação regular entre as nossas sociedades, para instituímos hábitos de entreatajuda solidária e de bilateralidade e multilateralidade nas relações será seguramente um contributo para a defesa eficaz dos criadores que representamos e também da identidade cultural das nossas pátrias. Todos temos a convicção, em cada um dos nossos países, de que a cultura não pode nunca ser vista como adorno institucional, como adereço eleitoral, devendo, isso sim, ser entendida e acarinhada como uma fonte geradora de riqueza, de emprego, de coesão social e de fortalecimento das nossas identidades.



1 – “Lopito” Feijó (Angola) e Carlos Alberto Moniz com a jornalista angolana; 2 – Marcus Vinicius de Andrade (Brasil), Carlos Alberto Moniz e José Jorge Letria; 3 – Daniel Spínola (Cabo Verde) José Jorge Letria e Carlos Alberto Moniz; 4 – Vanda Guerra, Daniel Spínola e Giordano Custódio (Cabo Verde), Marcus Vinicius de Andrade (Brasil) e Carolina Bottello (Brasil); 5 – Giordano Custódio (Cabo Verde), Vanda Guerra e Hernâni Lopes (Director do Departamento de Execução Pública da SPA)



Carlos Alberto Moniz interpretou à viola várias canções, no final do jantar de despedida deste I Encontro Lusófono de Sociedades de Autores, acompanhado ao violino. Na outra foto, um aspecto do jantar, que decorreu num restaurante em Belém.

PARTICIPANTES

SADIA (Angola)

João André Silva Feijó (Lopito Feijó)
Adelino Francisco
Mauro Feijó

SOCA (Cabo Verde)

Daniel Spínola
Giordano Custódio
Manuela Barbosa
Daniel Medina

SOMAS (Moçambique)

Alfredo Batista Chissano

ABRAMUS (Brasil)

Roberto Corrêa de Mello
António Luiz de Almeida

AMAR/SOMBRÁS (Brasil)

Marcus Vinícius de Andrade
Mônica Helena Buchman Battello
Carolina Battello

UBC (Brasil)

Fernando Brant
Sydney Snaches

ECAD (Brasil)

Glória Braga

GDA (Portugal)

Pedro Wallenstein
Claudia Cadima
Gisela Telles Ribeiro

CISAC

Eric Baptiste (secretário-geral)

CPLP

Domingos Simões Pereira (secretário executivo)

REPER (Timor Leste)

Embaixador José Barreto Martins

PARLAMENTO EUROPEU

Ana Gomes

MINISTÉRIO DA CULTURA

Joana Castelo-Branco Mourão
(Adjunta do Gabinete)

EQUIPA TÉCNICA DA SPA

Lucas Serra
Andreia Andrade
Hernâni Lopes
Vítor Amorim
Alexandre Miranda
Rui Negrão

ADMINISTRAÇÃO E DIRECÇÃO DA SPA

José Jorge Letria
Pedro Osório
Pedro Campos
Vanda Guerra

“A língua portuguesa, em ascensão à escala planetária, é um verdadeiro valor económico”

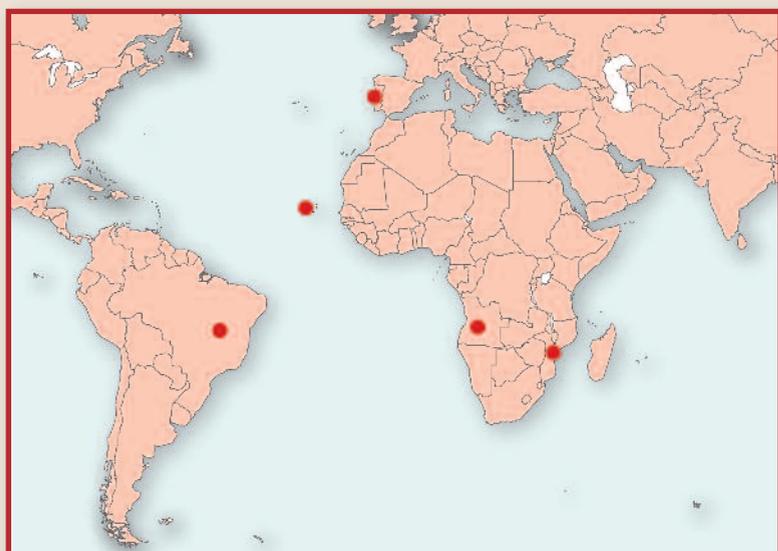


ANA GOMES

Parlamento Europeu
(deputada)

Faz todo o sentido a realização deste I Encontro Lusófono de Sociedades de Autores com os objectivos a que se propõe, porque a língua portuguesa está em crescente procura neste mundo globalizado em que vivemos e em que a língua é vista também como um factor de competitividade económica.

Há, de resto, um estudo encomendado pela Comissão Europeia que procura identificar o valor económico das competências em matéria de línguas para o mundo empresarial e onde se demonstra que muitas PME têm mais capacidade competitiva de exportação, e com reflexos na produtividade interna dos seus países, se têm competências linguísticas. E que, pelo contrário, perdem oportunidades de negócio quando não as têm. Isto num mundo em que o multilinguismo é cada vez maior. Justamente, no estudo das línguas mais procuradas hoje a nível empresarial à escala planetária, o português é uma das primeiras e uma língua em ascensão, juntamente com o chinês e com o árabe. Portanto, a língua portuguesa é um verdadeiro valor económico e faz todo o sentido que o Estado português, juntamente com os outros Estados de língua portuguesa e as organizações da sociedade civil, como as sociedades de autores, se mobilizem para potenciar este extraordinário valor económico, para além de todas as outras dimensões importantíssimas de veículo de comunicação, de cultura e de conhecimento, à escala planetária. E é muito importante o papel das sociedades de autores, porque boa parte dessa projecção cultural, política e económica faz-se justamente através da edição, por exemplo, na net. Portanto, é fundamental que haja uma uniformização das grafias para que a língua portuguesa possa aproveitar todo o potencial que tem e que é uma mais-valia.



VANDA GUERRA

SPA, Sociedade Portuguesa de Autores
(Directora do Departamento de Relações
Internacionais)

“Procuramos dar importância ao mercado cultural lusófono face aos outros mercados”



No mundo globalizado, é muito importante que as sociedades possam partilhar instrumentos de gestão, a nível informático, da documentação das obras, dos processos de distribuição, porque, se comungarmos dos mesmos instrumentos, vamos facilitar o entendimento e a colaboração entre nós”

Que objectivos concretos nortearam este encontro?

Este encontro parte de uma antiga ideia, nascida em Seul, em Novembro de 2004, na assembleia geral da CISAC, em que a Sociedade Portuguesa de Autores se encontrou com as sociedades congéneres dos países lusófonos e desse encontro surgiu a ideia de nos juntarmos e fazermos um pólo da lusofonia, para procurarmos defender interesses comuns, procurarmos plataformas de cooperação e entendimento entre as sociedades e, de alguma maneira, através dessa união, darmos uma expressão mais correcta da importância do mercado cultural lusófono, face a outros mercados mundiais.

E porque só agora se conseguiu efectivar essa ideia que já leva cinco anos de maturação?

Foi uma ideia que foi amadurecendo, foi-se falando dela em vários momentos e agora pareceu-nos que estavam reunidas as condições para dar o pontapé de saída neste projecto. Estávamos na fase final da presidência portuguesa da CPLP e com o alto patrocínio do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da comunidade dos países de língua portuguesa, a SPA levou a cabo esta iniciativa de reunir aqui representantes de todos os países onde existem sociedades de autores de língua portuguesa



constituídas e em funcionamento. Está o Brasil, está Moçambique, está Angola e está Cabo Verde.

Tentámos também que estivessem presentes representantes de países lusófonos que ainda não têm sociedades de gestão de direito de autor, conseguimos que estivesse presente um representante de Timor-Leste – deu-nos essa honra o senhor embaixador José Barreto Martins junto da CPLP –, não foi possível termos ninguém da Guiné e de São Tomé, mas, enfim, este é o primeiro encontro, esperemos que este projecto não fique por aqui. Aliás, tem sido muito interessante, porque houve várias propostas, entre elas que se fizesse este encontro anualmente, e várias ofertas para a realização do II Encontro para o próximo ano, nomeadamente o Brasil propôs que ele se efective no Rio de Janeiro. Esperamos que nessas futuras ocasiões possamos contar com a presença também de observadores vindos desses países lusófonos que ainda não possuem nenhum organismo de gestão do direito de autor.

Sendo a mesma língua a falada por todas as sociedades de autores participantes, o certo é que elas se encontram muito dispersas, sem um “elo de ligação” e isso influi, decerto, no peso económico que podem ter a nível internacional...

Nós pensamos que é muito importante estarmos unidos, porque, efectivamente, a comunidade lusófona estende-se por vários continentes, é muito grande, mas está separada geograficamente: o Brasil na América do Sul, Portugal na Europa, uma série de países em África, Timor na Ásia. Portanto, era importante construirmos aqui um pólo aglutinador, por forma a que pudessem ser veiculados os recursos para o desenvolvimento de sociedades que mais precisam. No fundo, ao ajudarmos essas sociedades, estamos a ajudar todos. Porque são os nossos reportórios – o reportório português,

o reportório brasileiro, países onde existem já sociedades de autores mais estruturadas -, mas os seus reportórios são utilizados nos outros países também e, portanto, é no interesse de todos cobrarmos para que se desenvolvam estruturas suficientemente sólidas em todos os territórios da lusofonia.

Quando fala em estruturas sólidas, refere-se especificamente a quê?

Falo em sociedades de gestão que se enquadrem no quadro legislativo correcto e adequado, que utilizem métodos de funcionamento que se caracterizem pela clareza, pela transparência, pela idoneidade, por forma a serem reconhecidas como entidades de referência nas sociedades em que estão inseridas, de forma a serem respeitadas, a serem ouvidas, para poderem, realmente, ser instrumentos de defesa dos autores, melhor, dos criadores. Não só dos criadores nacionais nos estados em que essas sociedades se inserem, mas dos criadores de todo o mundo. Porque essas sociedades, através dos mecanismos dos contratos de representação, podem representar nos seus territórios os autores de todo o mundo e defender esses autores no seu território. Portanto, isto é, no fundo, a prossecução de um desiderato comum.

E também é uma forma de uniformização de regras e métodos processuais, decisivos para a eficácia da gestão dos direitos de autor.

Isso também é um ponto muito importante, porque, na realidade, no mundo globalizado, em que os contactos se multiplicam e em que a velocidade do tráfego de informação é gigantesca, de uma rapidez impressionante, é muito importante que as sociedades possam partilhar instrumentos de gestão a nível informático, a nível da documentação das obras, a nível dos processos de distribuição, porque, se comungarmos dos mesmos instrumentos, vamos facilitar o entendimento e a colaboração entre nós.

Mas há países do espaço lusófono que não têm ainda sociedades de autores constituídas. É prioridade das entidades aqui representadas impulsionar a sua criação?

Guiné, São Tomé e Timor-Leste são os únicos países da CPLP que não têm ainda sociedades de autores. Guiné já teve e o projecto falhou. Eu não conheço suficientemente as realidades nacionais desses países para dizer se é um objectivo longínquo ou se abrem amanhã. Nós gostaríamos que, quanto mais cedo melhor. Mas também percebemos que esses países têm outras prioridades e, por isso, as coisas acontecerão quando tiverem de acontecer. Agora, o que é para nós muito importante – que é essa tecla que temos vindo a bater – é que esses organismos devem nascer bem. Devem estar enquadrados por uma legislação específica que os preveja, que determine as condições em que operam, devendo orientar-se pelos princípios da clareza, da transparência, da eficácia, da idoneidade. Isso é muito importante. ■EE



Um trabalhador da música

ANTÓNIO VITORINO D'ALMEIDA

António Vitorino d'Almeida anda agastado, perplexo e magoado. Tendo como lema “não se calar”, porque “a palavra não dita envenena”, o maestro luta contra a falta de condições em Portugal para trabalhar na música de concerto. “Os biscates que centenas de músicos bons são obrigados a fazer, por falta de emprego certo, não lhes permitem aceitar convites de qualidade.” E quem paga são os seus projectos. E a cultura em geral. Uma coisa o faz feliz neste panorama agreste: o apoio concedido, recentemente, pela SPA para lançar três CD, sem limite apertado de tempo. “Estou a oferecer-lhes o meu melhor!”, garante agradecido, depois de lançada já a primeira obra deste projecto, que se insere na celebração dos seus 70 anos de vida, a completar em Maio de 2010, e dos 55 de carreira.

O protesto veemente do maestro Vitorino d'Almeida não se fica, porém, pela falta de músicos, de instrumentos e de espaços para gravar concertos. Nesta entrevista, confessa-se magoado, porque acha “um crime” que a estação televisiva do Estado o “proíba” de continuar a divulgar a música mais complexa para gente comum, como começou a fazer há quatro décadas com o programa “Histórias da Música”. Afinal, o meio que o levou a transformar-se numa figura popular junto de todos os públicos. Que não se leve à cena no São Carlos a sua ópera sobre Camões, encomendada pela RTP há 40 anos, e que nunca chegou a ser emitida por dificuldades técnicas. E que o seu filme “A Culpa”, primeiro filme português distinguido com um primeiro prémio num festival internacional, não tenha sido transmitido na televisão, nem

passado a DVD. “Acho tudo isto burlesco, ridículo e até obsceno”, remata.

UMA QUESTÃO DE PRAZOS

No meio de toda a sua perplexidade, no entanto, releva, por um lado, as contrapartidas financeiras que lhe têm sido proporcionadas por várias entidades, municípios e empresas, nomeadamente pelo Millenniumbcp, as quais constituem um garante de confiança que o entusiasma a ir para a frente com os seus grandes e pequenos concertos, gravados ou ao vivo. Com um senão comprometedor para a sua execução: a certeza de um cumprimento de prazos, alguns bem apertados, como o que aconteceu agora por ocasião do Natal. E a causa, já a denunciou: “Temos excelentes profissionais de música, simplesmente, eu não consigo juntar dois por causa dos biscates em que todos andam envolvidos, por não terem emprego certo. Quanto mais oito ou dez! E mais ainda: não temos estúdios. E sem estúdios não há instrumentos...”.

Por isso, para o maestro, a abertura que a Sociedade Portuguesa de Autores – através do seu Fundo Cultural – lhe proporcionou, sem impor um limite temporal rasante, quando se lhe dirigiu a pedir apoio para um projecto de edição de três CD com o melhor da sua obra, foi como que uma luz fulgurante a cintilar no horizonte cinzento que o cobria. “Profundamente agradecido” aos responsáveis da cooperativa, que havia confrontado na lista oposta aquando das últimas eleições, conforme fez questão de sublinhar, já lançou, entusiasta, o primeiro CD, tem pronto o segundo e já está a trabalhar no último disco desta série, feita com os melhores músicos que logrou congregar, salienta.



Pratos do Dia
SOPA DE LEGUMES 1,40
PERNA DE FRANGO NO FARIÑO 7,50
LOLINHOS DE SALGADO CRUJEIADOS 9,00
FRANGO FRIO À PORTUGUESA 7,00
PÉDO COZIDO COM ERVILHAS E HORTALIÇA 11,00
CORNOS SALTADOS COM ALBUDELA 9,00
BACALHAU À PORTUGUESA 8,00
COSTELA DE VITELA COM COMIDAS FINAS 12,00
COSTELHAS DE FRANGO COM COQUILHAS 8,00
SALADA DE PÃO DE MELÃO FRABE 8,90
COSTO LETAS DE BORRAGO 12,00
GRUJEIADOS MISTOS DE CARNE 11,00
BACALHAU ASSADO COM AZEITE E ALHO 12,50





“Eu poderia dar coisas mais recentes, mas acho que este projecto é mais histórico, tem mais a ver com a SPA e com aquilo que é o meu objectivo: dar-lhe o meu melhor

NÃO HÁ CONDIÇÕES

O primeiro momento do nosso encontro no Estrela da Sé, um restaurante queiroziano que lhe serve de refúgio, casa e escritório há longos anos, foi, de resto, de verdadeiro desassossego e desespero. Bramindo impropérios, censuras e críticas hirsutas, naquele seu jeito de peito aberto e coração ao pé da boca, o maestro chegou ao discreto gabinete dos fundos, onde mal cabiam duas cadeiras e uma mesa, em completo desalinho. Não fosse a sua conhecida excentricidade e ficaríamos boquiabertos. Libertou-se num ápice do casaco e ajeitou a inseparável bengala de castão de prata no cabide. As mãos, dirigindo uma orquestra virtual de protestos, não param. Desabafa, inconsolável:

“Não há condições! Uma pessoa quer trabalhar e não pode... Não existem condições em Portugal para se trabalhar na música!”

As faces vermelhas de alteradas alojavam a excitação que lhe transparecia em todo o corpo atirado para a frente, numa atitude desafiante. Uma revoada de exaltação. As palavras atropelam-se agora nos lábios finos, cortantes, com frases sobrepostas e um esgare que não mente. Vem irritado.

DINHEIRO NÃO É PROBLEMA

“Há tanto desemprego entre os músicos e sabe o que acontece? Não se arranja ninguém para trabalhar. Isto parece um desconsenso, mas não é. Precisamente porque não há pessoas empregadas em orquestras, em coisas fixas, não se pode telefonar a ninguém e perguntar: ‘olha, estás livre no dia tantos do tal?’. A pessoa vai à agenda e... não está. Os instrumentistas estão todos a viver de biscates. Há dezenas ou centenas de músicos a viver de biscates. Então, não se pode contar com nenhum... E mesmo projectos que tinha em carteira de coisas pequenas, grupos de sete, oito músicos, eu não consigo

arranjar, porque estão todos a fazer biscates e não temos hipótese de os juntar no mesmo dia. Eu, ontem à noite, fui-me deitar e disse: ‘Rendo-me. Não consigo.’”

Em causa estava um grande projecto a lançar no Natal, com orçamento já acordado – “dinheiro não é o problema” – e que ele não sabia como concretizar naquelas condições.

“Eu consegui facilmente o dinheiro e a parte da gravação da orquestra: telefonei, marquei estúdio na Bulgária, até já mandei dinheiro, tudo tão simples, tudo tão fácil. Mandei as partituras, tenho as datas, tenho tudo, terei perdido três quartos de hora da minha vida a resolver tudo para fazer quatro gravações sinfónicas com uma orquestra de 90 músicos na Bulgária e por um preço perfeitamente acessível! Agora, ao pretender fazer música para agrupamentos menores sem ser uma orquestra sinfónica, agrupamentos de sete, até dez músicos, que também fazem parte dos discos, fui tão estúpido que disse que o queria fazer em Portugal, até porque temos músicos ótimos. E mais uma vez bato com a cabeça na parede... Eu não posso fazer coisas em Portugal, porque não é possível.”

A curiosidade sobre quanto importa um projecto desta natureza vem, naturalmente, ao de cima. “Qualquer coisa como quarenta e tal mil euros”, afirma, sem qualquer hesitação. “Três discos, tudo pronto, basicamente com música sinfónica e música para agrupamentos menores, música de câmara, com tudo incluído e oferecendo ainda mil discos e conferências minhas.”

MÚSICA LIGEIRA E DE CONCERTO

Mas o principal objectivo que levou a “Autores” até Vitorino d’Almeida foi, exactamente, um outro grande projecto, que é, de momento, a grande satisfação do maestro: o lançamento de três CD de música de concerto apoiados pelo Fundo Cultural da Sociedade Portuguesa de Autores, com a chancela da SPA e da Numérica, inseridos na celebração dos seus 70 anos de vida, em Maio de 2010, e dos 55 de carreira. Sendo que o primeiro da série já saiu para o mercado e o segundo está pronto.

“Estou muito grato à SPA, devo dizer, instituição com cujo funcionamento em relação à música de concerto eu estou em total e absoluto, inequívoco e irrevogável desacordo – mas eu penso que eles também estão – porque não funciona, de facto.



Não confundam, em Portugal, camelos e dromedários. São parecidos, mas não são a mesma coisa.” Explicando melhor esta sua analogia, o maestro afirmou:

“Música ligeira é uma coisa, música de concerto é outra! Não se está aqui a tomar partido pelos dromedários ou pelos camelos. São animais diferentes, dignos, respeitáveis, cheios de qualidades, marrecos todos, mas cada um é o que é. Mas na SPA existe música e isso não dá. Só alterando os estatutos...”

Vitorino d’Almeida insiste que a palavra ligeira não tem para ele qualquer sentido pejorativo. “No entanto”, sublinha, “há necessidade de separar a música de concerto – a expressão música clássica é um disparate pegado, porque a música clássica é a música do século XVIII – da música dita ligeira.”

Adverte que “não é um problema que tenha sido criado por esta direcção”, mas que “vem de sempre e enquanto não for alterado, não dá”.

UM DISCO QUE É UMA FESTA

Por falar em nomes qualificadores, procuramos saber como é que o maestro classifica o “Divertimento” para orquestra, que encerra o primeiro CD apoiado pela SPA, atendendo a que existe também um concerto para tuba e um concerto para oboé.

“Como o nome indica” explica, “é um divertimento em tons diversos, fazendo jogos com os sons. O concerto é quando há um instrumento solista.



Conversa intimista

A conversa que mantivemos com o maestro, refugiados à mesa do restaurante que lhe serve de ancoradouro, em Lisboa, arrastar-se-ia pelo almoço fora até à hora do lanche. Cada vez mais desassombrada, mas também mais intimista. Vejamo-la através dos olhos filmicos de Vitorino d'Almeida, como se se tratasse de um documentário audiovisual, por *takes*, com imagens de suporte do seu quotidiano:



Dos seus hábitos: “O Estrela da Sé é o meu refúgio, a minha casa, o meu escritório. Há longos anos que venho cá almoçar e passar a tarde. Mas antes dou um salto à Sé, sinto-me ali bem. Gosto de igrejas, simplesmente para estar.”



Das superstições que odeia, de que se envergonha e das quais se quer libertar, mas que teimam em segredar-lhe compulsivamente: “A gente não deve falar dessas coisas, porque, quando fala, fica com elas.”



Das suas colecções: “Tenho 2000 animais grandes de peluche e sei os seus nomes todos de cor; até é a única coisa que tenho informatizada!”



Das suas frustrações: “Sempre quis ser zoólogo, até porque em casa dos meus pais havia muitos animais e agora também tenho dois cães que me fazem muita companhia, são os meus irmãos de estimação. Se calhar, a ternura que tenho pelos peluches é uma transferência...”



Das suas três filhas e sete netos, ele que foi filho único: “As três miúdas aqui de Lisboa, quando vão a minha casa, desde pequeninas que ouvem Schönberg, Weber, Stravinski... podem ver a televisão que querem, mas com outra música. Foi assim que eduquei também as minhas filhas. Depois, torna-se um hábito.”



Da influência dos seus pais: “O meu pai era muito culto, racionalista e com um humor fortíssimo, mas recusava-se a ver o absurdo; a minha mãe era toda instinto e via todos os dias coisas extraordinárias. Nesse aspecto, sou muito parecido com ela, assisto sempre a histórias incríveis!”



Dos seus discos: “Tenho 4000 CDs, todos de música clássica, não só os do século XVIII, mas todos os clássicos da música. Claro que tenho a minha adorada Elis Regina, o Carlos Jobim e o Frank Sinatra, todo o Brel e o Brassin, a Edith Piaff e o bom jazz. Estão arrumados por épocas e sei onde eles estão todos.”



Das suas pareções ou não com Mozart, no princípio de vida, ao compor a sua primeira obra aos cinco anos, o que lhe valeu o epíteto de menino-prodígio: “Todas as crianças são prodigiosas! O que eu compus nessa altura não valia nada. Eu acho que hoje, com 69 anos, sou muito melhor do que era antes, ao passo que o Mozart em muito pequenino já era óptimo. Teve de fazer bem depressa, pois morreu apenas com 36 anos.”



Das suas excentricidades, cabelo e bengala como imagem de marca: “Tenho horror a ser excêntrico... Se tenho o cabelo comprido é porque não tenho tempo para o cortar. Comecei a andar de bengala aos 14 anos, porque era bonita, era do meu avô. Parti essa e a minha mãe, no dia dos meus anos, ofereceu-me outra, e já não a deixei, a partir daí. Há 40 anos, o meu pai ofereceu-me esta que uso agora.”



Das suas raízes: “Sou um lisboeta muito relativo. A minha cidade é Viena de Áustria”



Dos seus instrumentos: “O piano é o meu instrumento de trabalho. Não sei tocar mais nenhum instrumento, nem sei cantar. Estagaria tudo.”



Dos seus tempos de trabalho: “Sou um trabalhador da música. Rendo-me a ela, rigorosamente. Das nove ao meio-dia, das duas às sete da tarde e das nove às dez da noite. Sou um profissional. Acho que a inspiração é um conceito para amadores.”



Das suas mágoas: “Televisão tenho feito muito, até que agora me proibiram. Os meus programas de televisão eram mais conversa e, realmente, acho asqueroso que eu seja saneado da televisão. Acho muito bem que Prof. José Hermano Saraiva tenha um programa vitalício na televisão. Acho muito mal é que eu não tenha.”



Dos seus sonhos: “Entre muitos outros, claro que gostaria de ter um programa televisivo! Mas a actual RTP recusa-se terminante e oficialmente a dar-me trabalho. Fico muito triste. Se pudesse, punha lá uma bomba.” ■EE

Deve haver sete ou oito concertos de tuba no mundo ao longo da história. O Sérgio Carolino é o maior tubista mundial! E o Pedro Ribeiro é um dos grandes instrumentistas mundiais de oboé. Eu tenho aqui duas vedetas internacionais! É, de facto, uma festa este disco, constatamos. “A festa da música. E depois o ‘Divertimento’ é tocado pela Brückner Orchester Linz, uma das maiores orquestras mundiais, actualmente. O que eu posso agradecer à Sociedade Portuguesa de Autores é a sua atitude, o facto de me facultarem estas gravações. É importante citar que eu fui cabeça de lista pela oposição e não fui inconscientemente. As razões que me levam a discordar da SPA não podem fulanizar as questões. Pessoalmente, somos todos amigos uns dos outros. E eu penso que até estamos de acordo. Podíamos não estar e sermos à mesma amigos, mas acho que até há coisas – é um caso quase perverso – em que, além de sermos amigos, até estamos de acordo.”



“Estes três CD dão um panorama vasto, não numericamente, claro, dão uma amostra estilística da amplitude da minha obra



Nomeadamente, estão de acordo, adiantou, em tentar alterar os estatutos no que diz respeito à distribuição do dinheiro dos direitos de autor em relação aos camelos e aos dromedários. “Mas num país onde não se altera nada, também não se pode exigir demasiado da SPA”, admite. “Já teve algum problema em relação aos direitos de autor?”

“Não, eu não recebo quase direitos de autor... Porque hei-de eu ter problemas com o zero?!”

UMA OFERTA DO SEU MELHOR

Voltando ao *leitmotiv* que nos levou até Vitorino d’Almeida, pedimos-lhe para descrevesse o conteúdo do segundo disco a lançar pela SPA.

“O segundo CD será a minha 2.^a Sinfonia, que nunca foi tocada em Portugal, interpretada por uma orquestra internacional basicamente asiática, dirigida por um excelente chefe de orquestra chinês, e que vai ter um concertino para orquestra excelentemente feito pelo Álvaro Cassuto. Já está gravado, mas ainda não foi lançado por dificuldades da editora, a Numérica.”

E o terceiro?

“Será, em princípio, diferente. Vai conter uma gravação, que tem 20 anos, por Ana Ferraz, uma das melhores vozes soprano que eu alguma vez conheci – em Portugal seguramente –, António Costa, trompetista, a Carmen Cardeal, notável artista portuguesa de harpa, Ravelle Chapuis, que acho que já não toca flauta, mas



**E depois de estar
o trio pronto
eu gostaria
de realizar-me
nalguma coisa
em que pudesse
explicar que eu,
como autor, retribuí
o apoio
que a SPA me deu**

que foi um flautista notabilíssimo, professor do Liceu Francês, e José João Gomes dos Santos, que é o actual director da Escola Superior de Música, no piano. A par desta peça, o CD vai ter o laureado pianista António Rosado, na Sonata n.º 5, que foi uma gravação feita ao vivo e, ainda, o grande guitarrista português Ricardo Rocha, com a música feita para ‘A Ferreirinha’ e que está excelente!”

Sublinhou, empolgado:

“Eu acho que é um disco muito importante para a Sociedade Portuguesa de Autores. Eu poderia dar coisas mais recentes, mas acho que este é mais histórico, tem mais a ver com a SPA e com aquilo que é o meu objectivo: estou a dar o meu melhor à Sociedade Portuguesa de Autores.”

O maestro pensa que estes três discos esclarecem o público português relativamente à sua música e a quem a toca, o que lhe parece muito importante. “E depois de estar o trio pronto – assinala – eu gostaria de fazer fogo na Sociedade Portuguesa de Autores. Realizar-me nalguma coisa em que pudesse explicar que eu, como autor, retribuí o apoio que a SPA me deu com aquilo que eu considero três obras das melhores que eu posso oferecer neste momento. E este primeiro disco já é um exemplo.”

Sintetizando: “Dão um panorama vasto, não numericamente, claro, dão uma amostra estilística da amplitude da minha obra.”

E, quanto às suas preferências entre todos os conteúdos apresentados nesta amostra, é peremptório:

“Não tenho preferidos, são todos meus filhos. O que estou a fazer faço sempre a sério.”

■ **Edite Esteves**

Assinada cooperação entre a SPA e o CLEPUL

Tertúlia “Letras com Vida” surpreende com diálogo cultural original



O ciclo de debates designado por Tertúlia “Letras Com Vida”, iniciativa promovida conjuntamente pelo Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa (CLEPUL) e pela SPA, que estabeleceram um protocolo de cooperação, teve início no dia 21 de Outubro, no auditório Frederico de Freitas da SPA. A sessão surpreendeu, desde logo, pela exposição e diálogo originais, “permitindo a oscilação entre a intervenção mais ensaística, a conversa informal e o workshop”, numa interacção em que o importante é que cada um dos intervenientes e observadores saia mais enriquecido, com informação e conhecimento.

O objectivo é “estabelecer sinergias institucionais”, não só com a SPA, mas também com as diferentes entidades e personalidades que vão colaborando nos ciclos temáticos, com vista a “promover o diálogo entre os três vértices da comunicação na cultura - o artista, o investigador e o grande público”, segundo explicitou à “Autores” a Prof.ª Annabela Rita, coordenadora geral desta riquíssima iniciativa (ver entrevista).

O ciclo inaugural subordinou-se ao título “As Várias Faces do Mito” e foi coordenado pela Prof.ª Marília Futre Pinheiro. Na primeira sessão deste ciclo, em que

se abordou o tema “Mitos de Ontem e de Hoje”, participaram Aurélio Lopes, Malangatana e Marília Futre Pinheiro.

A coordenação geral da Tertúlia “Letras Com Vida” está a cargo da Prof.ª Annabela Rita, sendo os ciclos temáticos coordenados por nomes como Ana Paula Lemos, Fernando Cristóvão, Filomena Oliveira, Francisco Nuno Ramos, Inocência Mata, José

Eduardo Franco, Marília Futre Pinheiro, Miguel Real, Paulo Mendes Pinto e Pedro Calafate.

Estão associadas a Tertúlia “Letras com Vida” as seguintes instituições: CRUL (Área de Ciências das Religiões da Universidade Lusófona); APE (Associação Portuguesa de Escritores); APT (Associação Portuguesa de Tradutores); COMPARES (Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos); Europa Viva-Associação Europeia para a Criatividade e Solidariedade Social; IECC-PMA (Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes) e OLP (Observatório da Língua Portuguesa). A segunda sessão deste primeiro ciclo, a 29 de Outubro, ainda no auditório da SPA, versou o tema “Mitos e Civilizações”, tendo participado como conferencistas Angélica Varandas, Luís Araújo, Marília Futre Pinheiro e Nuno Rodrigues.

“Mitos e Arte (Música, Cinema, Literatura)” foi o tema da terceira sessão do ciclo inicial. Realizou-se a 6 de Novembro e já mudou de “cenário”, passando para o Auditório da FNAC do CCColombo. Participaram activamente Ana Alexandra Sousa, António Pedro de Vasconcelos, Luis Cerqueira e, mais uma vez, Marília Futre Pinheiro.

MITOS E UTOPIAS

A primeira sessão do segundo ciclo da Tertúlia, a 12 de Novembro, foi um pouco diferente. Desejando assinalar o 80.º aniversário de Fernando Cristóvão, especialista das Literaturas e Culturas Lusófonas e coordenador de um ciclo de “Letras com Vida”, realizou-se, simbolicamente, no Auditório Espaço Machado de Assis da Embaixada do Brasil junto da CPLP e foi dividida em duas partes.

Na primeira parte, debateram-se os “Mitos e Utopias Eslavas e Ibéricas”, integrados no tema geral “Mitos e Utopias Antigos e Modernos”. Coordenada por José Eduardo Franco, esta sessão teve como palestrantes Ana Filipa Isidoro, Beata Cieszyńska, Cristiana Lucas e José Eduardo Franco. Na segunda parte, decorreu a homenagem, com “elogio académico” por Jorge Couto (Biblioteca Nacional de Portugal), entrega da medalha de mérito criada pelo CLEPUL (de que é Vice-Presidente) para o efeito e a circulação de um Livro de Saudações para os participantes escreverem as suas mensagens (D. Manuel Clemente, na impossibilidade de ali se deslocar, inscreveu logo a sua).

“Mitos e Utopias Lusófonas e Africanas” foi o tema da sessão que decorreu a 26 de Novembro, então na sede da COMPARES (Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos) e que teve como conferencistas Fernando Cristóvão, também seu coordenador, Fernanda Santos e LattePaul Angoli.

As sessões da Tertúlia são reproduzidas pela primeira rádio cultural privada, a CSB, lançada por Paulo Sérgio Santos, o jovem cooperador e presidente do Conselho Fiscal da SPA, que apresenta também, neste momento, o magazine cultural “Autores” desta sociedade, emitido pela TVI24, aos domingos à noite.

Para informações mais detalhadas, os interessados poderão consultar o site <http://sites.google.com/site/tertulialetrascomvida/>

Annabela Rita explica objectivos dos ciclos temáticos

“É uma reflexão entre o investigador, o artista e o grande público”

Como nasceu a ideia destas tertúlias?

O projecto nasceu numa conversa com o Dr. José Jorge Letria e adquiriu nome noutra com o meu

sua conclusão. Como numa visita, chegará o momento da despedida...

Qual o objectivo das mesmas, nesta promoção conjunta do CLEPUL, Centro de Literatura de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa e da SPA?

É, fundamentalmente, juntar sinergias institucionais (daí as instituições que se nos vão associando e assumindo alguns ciclos temáticos ou colaborando neles) para promover o diálogo entre os três vértices da comunicação na cultura (o artista, o investigador e o grande público), para evidenciar a artificialidade desse equacionamento da relação de papéis (cada um de nós vai mudando de “lugar” nesse triângulo e nessa relação), para debater e perspectivar diversamente os temas que a todos interessam, para partilhar saboreadamente conhecimento e informação, reflexão em curso... conversar em tertúlia cultural, recuperando uma tradição que se perdeu, embora de forma diferente, pois a vida, a sociedade e os cafés mudaram.

Que público alvo pretendem atingir, preferencialmente?
Todos os actores do processo cultural: é rigorosamente para lutar contra a tendência que progressivamente se tem imposto de criar “nichos” culturais e sociais, grupos que tendem a fechar-se em si mesmos. Essa “insularização” cria clivagens, fronteiras dentro das quais o discurso e a reflexão tendem a perder vitalidade, poder regenerador. É na diferença que se gera a vida e é ela que a constitui...

Qual a importância desta iniciativa comum a várias insti-

tuições?

Creio que ganhamos todos: quando, sobre um mesmo tema, os ângulos de perspetivação se multiplicam, cada observador conquista informação e conhecimento, sai enriquecido do diálogo, é surpreendido por questões que nunca se colocou...

Existem protocolos com a Faculdade de Letras com vista a uma licenciatura específica e a um mestrado na área da cultura, fora dos já existentes?

Creio que se refere a uma licenciatura e a um mestrado em Ciências da Cultura criados no âmbito de uma instituição criada por um protocolo realizado entre a FLUL e a ESAD-FRESS (Fundação Ricardo Espírito Santo Silva), instituição que resultou já de um itinerário de trabalho iniciado com o Congresso Internacional Padre Manuel Antunes: o Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes. Esses são, de facto, cursos com características muito específicas: na senda do pensamento do grande professor de Cultura em honra de quem o IECC-PMA foi criado, eles exploram essa cooperação entre instituições, promovendo o diálogo com e entre representantes seus, o conhecimento delas por dentro, na prática, creditando também iniciativas diferentes das aulas e dos currícula, às vezes, exteriores às aulas, mas convergindo para um conhecimento compreensivo e vivido da cultura, que excede a teoria estudada, a aula escutada ou participada, o trabalho dirigido de forma mais rígida. EE



amigo e colega Prof. José Eduardo Franco. Quanto à ideia de abrir a Academia ao grande público, essa, partilho-a com alguns colegas, como o Prof. José Eduardo Franco, e temos tentado realizar algumas iniciativas nesse sentido. Dois exemplos: o do “Clube Literário BULHOSA” (2007) e, mais recentemente, o da “Tertúlia BYBLOS”. Esta foi particularmente gratificante pelo entusiasmo com que debatíamos temas, obras, autores, promovendo o diálogo entre escritores, ensaístas e leitores.

Agora, porém, seduziu-me mais a ideia de alargar o âmbito do diálogo, dos seus protagonistas e do seu “cenário” e torná-lo itinerante, passando por diversos espaços e enquadramentos, permitindo a oscilação entre a intervenção mais ensaística, a conversa informal e o workshop...

Quantas sessões irá ter esta tertúlia?

Wendy Steiner disse que a cultura é uma “never-ending conversation”. Deixemos que a nossa conversa defina a

“Sinto que ainda agora comecei”

JOÃO AFONSO

Tem 44 anos, feitos em Julho, e já conta 20 de “percurso circundante” pela música, como gosta de dizer. Mas, mesmo assim, mantém intacto o ar modesto de rapazinho tímido que os amigos e o público lhe conhecem desde sempre. “Um Redondo Vocábulo” é o seu quinto CD em nome próprio – depois de “Mis-sangas”, “Barco Voador”, “Zanzibar” e “Outra Vida” – e nele assume por inteiro o seu afecto pela obra do tio, de quem herdou muito mais do que o apelido e o gosto pela música. Chama-se João Afonso e deuse à conversa como se dá a todas as coisas que lhe dão gozo. Em Lisboa, no Jardim da Estrela, ou em qualquer outro lugar onde se sinta bem. Porque o importante, diz ele, não é a “carreira”, em que não acredita, mas os pequenos momentos que se vivem e o prazer que está lá dentro.

À parte o “Maio, Maduro Maio”, com a Amélia Muge e o José Mário Branco, este é o primeiro dos teus discos onde assumes por inteiro o facto de seres sobrinho de José Afonso. E isso não te inibiu...

Não, pelo contrário. Estimulou-me e motivou-me. Mas este é um disco com características particulares, é um disco de três pessoas, e é mesmo nosso: o *master* pertence a mim, ao João Lucas e ao José Fortes. Fomos os três que abraçámos o projecto, com o apoio da SPA – sem o qual nunca teria saído o disco, pelo menos desta forma – e depois conseguimos distribuí-lo com o Público. O disco vive do diálogo entre a minha voz e a voz do piano do João Lucas, que, além de grande amigo meu é um músico excepcional e fez uns arranjos muito especiais das músicas do meu tio. Eu gosto muito de o ouvir tocar, de tal maneira que, às vezes, engano-me: nós temos aquilo já tão entrosado, tão ensaiado e temos tocado bastante o “Um Redondo Vocábulo”, mas, por vezes, acontece nos espectáculos que eu fico a ouvir os solos dele, e fico tão enternecido a escutá-lo que me esqueço de entrar...

A ideia de gravares um disco inteiramente dedicado a canções do teu tio surgiu como?

Foi um bocado por acaso. O “Um Redondo Vocábulo” começou por ser um “picanço”, digamos, do meu irmão Zé, que foi o primeiro autor deste guião. E depois eu comecei a trabalhar com ele na ideia original, que era um percurso pelas canções menos conhecidas do meu tio. E começou por ser um espectáculo,





FOTOS DE JOSÉ PEDRO SANTA BARBARA

só depois é que surgiu a hipótese de o gravar, mas a ideia não era essa, era mesmo só cantá-las. O José Fortes, que toda a gente reconhece pela excelência do seu trabalho, foi mais do que um técnico e deu um contributo fundamental na produção. Mas, voltando ainda à tua pergunta anterior, acho que chegou a altura de eu, depois de ter criado um certo afastamento, me voltar a aproximar. Porque houve uma época em que cantava essencialmente as músicas que ia inventando, mas só aqui ou acolá punha uma música do meu tio, que foi sempre um gosto muito especial...

"A INFLUÊNCIA DO MEU TIO FOI MUITO GRANDE"

Aliás, tu comesças a cantar publicamente, por causa dele. A primeira vez que te ouvi foi, salvo erro, num espectáculo de homenagem ao Zeca, na Galiza, em 1987...

Talvez. Aí foi uma brincadeira, foi quando eu comecei a cantar. Eu comecei, profissionalmente, por volta de 89, está a fazer 20 anos, mas sempre gostei de cantar. E a minha cultura musical não é só "zeca-fonsina", naturalmente, mas passa muito por aí. A influência do meu tio foi muito grande, e mesmo a parte "híbrida", africana, que eu tenho, passa muito por ele – os "ailé ailés", os "lá no Xepangara". E o estímulo, o impulso que ele me deu e que me permitiu mostrar o meu trabalho é uma coisa que eu não nego, assumo isso com muito gosto. O "Missangas", o meu primeiro disco e que foi produzido pelo Júlio Pereira, apareceu e sei que uma quota-parte do interesse das pessoas passava por ouvir o sobrinho do Zeca Afonso.

Aliás, tens dois inéditos dele nesse primeiro disco...

Há duas letras que eu musiquei: "Eu Não Sei o Que Faz o Sol" e "Entre Sodoma e Gomorra". Depois houve um período em que, apesar de sempre ter gostado muito de cantar canções do meu tio – e cantei muitas, muitas vezes, com o meu irmão António e com o Sérgio Mestre –, houve um período em que quis inventar coisas minhas. Depois do "Missangas", o meu afastamento foi intencional, porque queria continuar a fazer aquilo que gosto de fazer. O que eu valorizo no meu percurso é o percurso circundante das coisas pequenas da vida. E uma delas é o gosto do convívio que tenho tido com músicos excepcionais, de quem sou amigo, como o José Moz Carrapa, com quem fiz o



Neste momento, tenho um trabalho praticamente feito em casa, a que eu chamo “Mapa Cor-de-Rosa”: são poemas inéditos do [José Eduardo] Agualusa e do Mia Couto



Barco Voador e o Zanzibar, e o João Lucas, que já tinha produzido o “Outra Vida”, e o Júlio Pereira, que já referi. São pessoas que me marcaram. E poderia referir inúmeros músicos mais, já sem falar do meu irmão Toninho, com quem tenho cultivado muito estes jogos de vozes, de pergunta e resposta, que vão desde o “Missangas” até ao “Outra Vida”. Isto para dizer que, a partir de certa altura, o que me questionei foi se era mesmo isto que eu queria fazer. Porque tinha de ter a certeza do que estava a fazer, para não haver confusões...

“AS CANÇÕES DELE DIZIAM-ME AFECTOS”

E havia talvez também a necessidade de mostrares às pessoas que não eras apenas “o sobrinho de José Afonso”...

Sim, basicamente era isso. A certa altura tive de perceber que a história da “semelhança tímbrica”, de que as pessoas me falavam, não me podia bloquear. Eu até acho que é uma coisa um bocadinho exagerada, porque pode haver algumas semelhanças, mas a minha voz é diferente. Agora: o meu tio tinha um dom de compositor e tinha um dom de intérprete. E o “Um Redondo Vocábulo” é um bocadinho o reconhecimento disso, ou seja: comecei a cantar estes temas e a perceber que não tinha só um afecto pelo meu tio, como pessoa, mas tinha também um afecto pelas canções dele. As canções diziam-me histórias, diziam-me afectos, ligações à minha infância, a Moçambique. Eu lembro-me de que era miúdo, ouvi a “Menina dos Olhos Tristes” e sem saber porquê comovi-me, vie-

ram-me lágrimas aos olhos. Eu sei, hoje em dia, que ele tinha uma atitude a cantar – e tem – que nos chega à alma, ao coração, era um grande cantor, um grande intérprete, uma voz. Há músicas, como o “Um Redondo Vocábulo” ou o “Que Amor Não Me Engana”, que me fazem arrepiar. Agora, eu posso reconhecer isso, orgulhar-me de ser sobrinho de quem sou – porque cada vez gosto mais de o admirar como grande intérprete, grande cantor, grande poeta – e, ao mesmo tempo, saber que há que separar águas, que eu sou mais um cantor que canta em português, em Portugal, e que gosto de inventar canções. E que, cada vez mais, valorizo esse prazer que me faz ficar horas com uma viola, ou sem ela, em torno de uma canção. É um prazer que ainda não me saiu. Há coisas que vão acabando com a idade, deixamos de gostar de certas coisas para apreciarmos outras, ou passamos a gostar de outra maneira. Mas isto é uma espécie de “ioga” que eu tenho, ao inventar uma canção nova...

A alegria da criação?

É isso. Começa como uma brincadeira, como as brincadeiras que partilhei com os meus irmãos. E isso espero que nunca desapareça, porque é o que me dá alento para continuar, mesmo com todas as contrariedades que existem neste país, em termos da divulgação, das dificuldades da edição. E nesse sentido o “Um Redondo Vocábulo” é uma coisa que me está a dar um grande prazer, até porque foi uma vitória sobre essas dificuldades. Gravámos em Viseu, no Teatro Viriato, sem dinheiro nenhum,

durante quatro dias e foi um prazer enorme, foi uma grande comunicação entre nós três. E, como sempre, depois de acabar um disco, já estou com a cabeça virada para o próximo.

“QUERO ASSUMIR A NOSSA HISTÓRIA”

Que já não vai ter nada a ver com este, calculo...

Nada. O “Um Redondo Vocábulo”, para mim, também é o fecho de um ciclo, apetece-me mostrar agora coisas muito diferentes. Neste momento, tenho um trabalho praticamente feito em casa, a que eu chamo “Mapa Cor-de-Rosa”: são poemas inéditos do [José Eduardo] Agualusa e do Mia Couto. É um disco que eu tenciono que seja mais abrangente, que tenha colaborações de músicos da nossa lusitanidade: Angola, Moçambique, Cabo Verde...

E terá alguma ligação também a Espanha, à Galiza, aos outros lugares por onde tens andado?

Estou na dúvida. O Kepa Junquera, com quem colaborei recentemente num disco, disse que ia participar. Mas, essencialmente, quero assumir a nossa história de homens que andaram pelo mundo. Eu tenho um tema no “Zanzibar” que fala justamente de pessoas que assumiram aventuras complicadas e andaram pelo mundo em condições adversas, encontrando lugares muito distantes, e eram pessoas de uma grande coragem, que seguiam o seu percurso. E, muitas vezes, por questões de um certo fundamentalismo ideológico, nós andámos de costas voltadas para o nosso passado, não assumindo esse lado cosmopolita de Portugal. E acho que já é altura

de olharmos para a nossa história e orgulharmos dela. Não temos que negar a nossa história, temos é de nos orgulhar da miscelânea que fizemos com os países onde vivemos. Por isso é que temos escritores que são tão portugueses como moçambicanos e angolanos, como o Mia Couto ou o Agualusa. Que, para além de terem uma grande qualidade literária, são pessoas de uma grande coragem: estou a ler o livro mais recente do Agualusa e estou arrepiado pela sua qualidade e pela atitude corajosa de denúncia da corrupção e do abuso de poder que existem em Angola, actualmente. E isso só me enche de orgulho, por ser amigo de uma pessoa como ele é.

“VIR DE MOÇAMBIQUE FOI UM CHOQUE”

Nascestes em Moçambique e viestes para Portugal aos 12 anos, já depois do 25 de Abril e da independência das colónias. Como foi essa mudança na tua vida?

Foi um choque. O “Missangas” fala um pouco disso. É um conjunto de relatos desse período feliz da infância que eu tive em Moçambique e depois em Cascais. Vivi em Moçambique os primeiros três anos após a independência, entre 75 e 78, e foi um período muito rico, efervescente, de muita animação. Eu fazia teatro, num grupo chamado O Milho Tem de Crescer, dei aulas de alfabetização, embora ainda fosse um puto. E cantava. Cantava para centenas de pessoas, tinha uma lata que hoje já não tenho, foi uma fase de grande alegria. Tive sempre uma ligação muito grande aos meus irmãos, foi uma infância muito feliz, de espaços abertos, com cheiros que aqui não existem. Voltei anos mais tarde a Moçambique e identifiquei-me muito com esses cheiros do Índico, que são únicos, e com o riso dos moçambicanos, aquele riso bonito, verdadeiro. Em Moçambique vivi essa efervescência, e tudo o resto, a realidade, pas-

sava-me ao lado. Hoje, à luz do que sei, naturalmente não viveria esse tempo da mesma maneira, mas eu era um puto e não sabia que se estavam a dar as maiores injustiças, as maiores atrocidades por parte dos novos governantes. Hoje, sei que havia campos de concentração, que havia muita coisa que estava e ainda está um bocado branqueada. Mas o que me sobra são as vivências de um miúdo que estava longe disso tudo.

E depois chegas a Portugal...

Chego a Portugal e apanho um ambiente muito frio. Para além do clima, que foi um choque, não estava habituado. Usava *colants* debaixo das calças, porque não aguentava o frio! Foi uma fase de inadaptação terrível. De tal maneira, que cheguei a pôr a hipótese de voltar e ir viver com um grande amigo meu que era o professor Aurélio Quintanilha, um grande cientista a quem dediquei a música “Fugir com o Cientista”. Lembro-me que cheguei a falar com o Camilo Mortágua para voltar a Moçambique. Eu era um puto, e queria voltar a ter aquelas vivências. Mas depois falaram mais alto as alegrias com os meus irmãos, com os amigos, e nessa altura agarrei-me muito à parte desportiva, tornei-me fanático pelo futebol, jogava de manhã à noite. A verdade é que foi um grande contraste. Também em termos humanos havia uma certa distância que transpus, se calhar inconscientemente, para o desporto, porque, apesar de tudo, há uma aproximação corpo a corpo. E depois tinha a minha família, os amigos, éramos muito próximos.

“NÃO GOSTO DA PALAVRA CARREIRA”

Estás a celebrar os primeiros 20 anos daquilo a que vulgarmente se chama carreira. O que valorizas mais do que já fizeste?

Eu não gosto da palavra carreira. O meu percurso é um pouco circundante, cada vez valorizo mais as pequenas coisas que me rodeiam: a história de um vizinho próximo, as relações amorosas, o gosto de escrever. O meu pai ensinou-me que devemos valorizar as coisas que são aparentemente menos importantes, porque essas são as que realmente interessam na vida: a relação que tenho com os meus filhos ou com os meus sobrinhos, a forma de valorizar o dia-a-dia, às vezes mais cansativo, às vezes menos cansativo, o gosto de contar histórias, e de

brincar histórias. Eu tenho sempre a casa cheia de miúdos... E no meio disto vou fazendo canções, não sou daqueles que se fecham para fazer um novo disco, isso a mim faz-me uma grande confusão. Vou fazendo canções, e quando surge o desafio, “bora lá fazer um disco”, eu tenho as canções e vou trabalhar sobre elas. Muitas vezes, é quase um desabafo, assim como fechar os olhos depois de uma boa garrafa de vinho, ou do convívio com alguém, com quem encontro um dedilhado... Às vezes, são ciclos de canções redondas, de dedilhados, que impulsionam uma canção. Depois tento criar alguma distância sobre esse momento um bocado embriagado da curtição. E, às vezes, é uma desilusão, um *déjà vu*, outras vezes é um grande gozo. Eu não sou poeta, mas gosto muito de escrever, e os textos que escrevo para as canções são burilados até ao último momento. Às vezes, venho para aqui para o Jardim da Estrela à procura de uma palavra...

Consideras-te mais um compositor ou um intérprete?

Eu gosto muito quando o meu amigo Luís Filipe Rocha me chama “ó cantor!” Gosto muito desse termo, “cantor”. Mas não nego a minha faceta de autor, que é também uma das coisas que me ajudam a viver. Inclusive, tenho composto para outras pessoas, a Filipa Pais, a Uxía, o Luís Pastor, os Quinta do Bill, já escrevi um fado para o Camané. E gosto muito de o fazer, gosto de me colocar na voz das pessoas e imaginar como é que aquele intérprete vai cantar aquela canção. Esse lado da composição para outras pessoas ainda está a crescer, como eu próprio. Sou um músico autodidacta, mas estou a fazer o percurso ao contrário: e agora estou a estudar música, a aprender solfejo, e estou a adorar. Só tenho pena de não ter começado antes, mas pronto, nunca é tarde para aprender, e eu quero estudar mais e aprender mais. Sinto que ainda estou muito no princípio, a sensação que tenho é que ainda agora comecei. E a procura da quimera de poder chegar um dia e dizer que fiz uma canção que me encha as medidas dá-me alento para continuar neste mundo, nem sempre fácil, da música. Essa busca da quimera, que também tem a ver com o reencontro com os dias felizes da infância, essa pesquisa da música que fale das tais pequenas coisas é o que me dá alento para continuar.

■ Viriato Teles



Eu não sou poeta, mas gosto muito de escrever, e os textos que escrevo para as canções são burilados até ao último momento



ROSA LOBATO FARIA

"Sou uma escritora solar"

Rosa Lobato Faria, atriz e escritora, a recuperar de uma hospitalização prolongada, conta os dias para voltar aos seus "queridos romances", que é como se refere aos escritos e aos por escrever. A pretexto de livros, falámos de tudo: de trabalho e de talento, de disciplina e de inspiração, de Deus e de culinária. E mais, muito mais.

Sempre escreveu poesia e, a partir dos 30, também prosa, no entanto, nunca quis ser escritora. Porquê?

É verdade. Mas para lhe responder a isso teria de saber a razão de as coisas acontecerem como acontecem e está aí uma coisa que não sei... Proporcionou-se ser atriz, que foi o que sempre quis ser, fui atriz. Do mesmo modo, quando se proporcionou ser escritora, fui escritora, o que nunca pensei querer ser até descobrir que as duas coisas eram perfeitamente compatíveis, logo, não tinha de escolher. Escrever é uma actividade solitária e representar é o contrário, por isso, se conciliam e completam tanto e tão bem.

Quando começou a escrever, tinha algum tema recorrente? O que é que a inspirava?

O que eu queria era escrever. Não tinha tema nem musa inspiradora. Tinha uma necessidade grande e uma vontade ainda maior de escrever, isso sim. Era uma coisa que puxava por mim e me dava, simultaneamente, ânimo e prazer.

E quando começou a ler, lembra-se que escritores e que obras tinham sobre si esse mesmo efeito?

O meu percurso de leitora é igual ao de todas as crianças da minha geração, acho eu... Recordo os contos da Condessa de Ségur e, a seguir, passei muito rapidamente, para autores como Júlio Verne. Em adulta, comecei a apaixonar-me por Érico Veríssimo que hoje leio menos, mas ficou-me dele a paixão pelos autores sul-americanos e pelo seu realismo mágico, uma coisa que acho, absolutamente, fantástica! Como leitora, essa é a literatura de que eu gosto.





**“Escrever
novelas
é uma grande
escravidão, porque
não se pode fazer
rigorosamente
mais nada.
Dia e noite
novela, não...”**

Um dia disse que Deus quis que, aos 63 anos, nascesse de novo. Foi quando começou a publicar... Não acha que uma mudança tão radical só pode ter a mão de Deus? De repente, era tudo tão diferente daquilo a que estava habituada e a minha vida ficou também ela tão diferente... Sempre escrevi e sempre escrevi para publicar, mesmo se demorei tanto para o fazer, mas, também por isso, o meu primeiro romance não parece um primeiro romance. É fruto de tudo o que escrevi antes dele.

"A FÉ É UM DOM QUE OU SE TEM OU NÃO SE TEM"

O que não parece ser fruto de uma grande planificação. Não faz planos?

Faço agora planos, servia-me de muito ter feito planos para agora adoecer, assim, desta maneira estúpida... As coisas são tão inesperadas. Fui operada duas vezes em quinze dias, fiquei sem andar e sem escrever. Só agora sinto que estou, realmente, a recuperar, mas estou cheia de força. Aqui sim, houve a mão de Deus.

Aí está um tema recorrente... Como é a sua relação com Deus?

Foi sempre muito boa. A fé é um dom que ou se tem ou não se tem. Tenho uma fé inabalável. Tenho uma fé que me faz acreditar que vou ficar boa e me faz agarrar à vida todos os dias. Não posso dizer que tenha sido criada na tradição católica, na medida em que nunca fui praticante. O meu pai era ateu e não queria os filhos batizados. Perdeu para a minha mãe que nos bap-



tizou a todos e nos transmitiu a fé católica, mas não os seus rituais. Quando acredito, já estou próxima de Deus, não preciso de participar isto a mais ninguém, é uma coisa minha.

Uma coisa que não é só sua, é o seu trabalho. Assim sendo, que momentos marcantes guarda, por exemplo, da sua actividade como actriz?

Vamos lá ver, eu não sou grande actriz e como gosto de ser lúcida temos de o dizer... E também não me levo a sério, de todo, é um facto. Guardo memória de uma carreira muito divertida e, de vez em quando, ainda me chamam, o que me deixa muito feliz. Faço umas velhas divertidíssimas. Em “A Minha Sogra É Uma Bruxa” e “Aqui não Há quem Viva” nunca soube se aquilo correspondia, exactamente, ao que se espera do humor português, mas que nós, que o fazíamos, nos divertíamos imenso, divertíamos-nos!

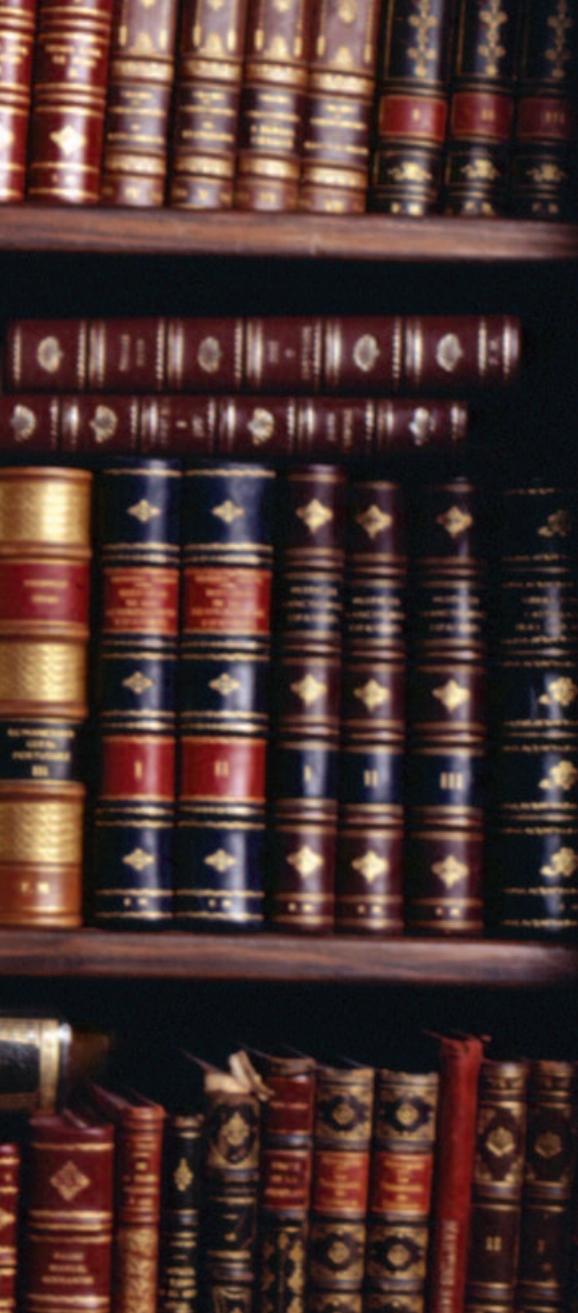
E como é que se dá a transição de actriz para autora de novelas, algumas das quais também interpreta?

Escrever novelas é uma grande escravidão, porque não se pode fazer rigorosamente mais nada. Tem de se viver em função da novela, dia e noite novela, não... Não quero mais, mas, como experiência, valeu. Aliás, todas as minhas experiências valeram e é isso que é importante.

**“O TALENTO É UM DOM, MAS UM DOM
QUE SE TRABALHA”**

Escritora de géneros tão distintos como a novela e o romance, o teatro e a crónica, o conto e a poesia, qual é o que lhe enche as medidas?

À légua, os meus queridos romances e, muito de vez em quando, um poema. Acontece-me estar a escrever um romance e, de repente, uma chatice, aparece-me um poema a querer meter-se e eu a tentar que ele espere, mas, como não espera, “pronto, está bem, então, diz lá”... Ele diz e eu escrevo. E lá volto eu para o meu romance. A haver tema comum a todos os meus romances, deve ser a paixão. A paixão com que os escrevo e sobre a qual escrevo.



Que mais a apaixonava e, por contraste, qual é o seu ódio de estimação?

Apaixonava-me a culinária, acredita? É criativa e bela e boa e dá tanta alegria aos outros quanto a mim própria. Pouca coisa me deixa tão de bem com a vida como pôr um jantar na mesa feito por mim do princípio ao fim. E gosto mais de cozinhar salgadinhos do que doces, mas, só para mim, não há pachorra... Por contraste, o que me tira do sério é a vaidade, a futilidade. Evito ambas sempre que posso e apareço cada vez menos em eventos públicos, agora então, não poder mesmo ir é um alívio.

E, por mencionar o alívio, acredita no poder terapêutico da escrita?

Estou tentada a acreditar, mas, acima de tudo, acredito no talento. O talento é um dom, mas um dom que se trabalha, prova disso sou eu. Tudo o que escrevi até aos 63 anos foi o chamado trabalho de casa. Escrevi muito para treinar a mão, antes de escrever para publicar, por isso, o meu primeiro livro não é um primeiro livro.

Subscreve a existência de uma escrita feminina distinta da masculina?

Acho que sim, o que não quer dizer que a escrita feminina seja um exclusivo das mulheres e a

masculina dos homens. A escrita feminina tem características próprias, nomeadamente, ser muito mais directa e muito menos fantasiosa do que a masculina. A minha, como eu a entendo, é ultra feminina. Mas toda a escrita depende da forma como se escreve e não do sujeito que escreve.

Não obstante, o seu mais recente livro, “13 Gotas ao Deitar”, é uma co-produção de seis mulheres e explora um género tradicionalmente masculino, pelo menos entre nós, o policial...

Divertidíssimo... Os livros a várias mãos sempre foram uma brincadeira, mas, como nos divertimos todos muito, continuámos e, depois de uma série de livros mistos, fizemos um primeiro só com mulheres e, para o ano, há mais... Acho que elas (Alice Vieira, Catarina Fonseca, Leonor Xavier, Luísa Beltrão, Rita Ferro) estão um bocadinho à minha espera e, depois, já estou a ver-nos: Como é que se vai chamar? Quem fica com o primeiro capítulo? E quem continua? Quando não nos entendemos, tiramos à sorte!

É sempre assim tão, aparentemente, anárquico o seu processo criativo?

O meu processo criativo é tudo menos anárquico. Levanto-me sempre com vontade de escrever e só escrevo de manhã. Não partilho da mística do artista que só escreve pela noite dentro. Sou uma escritora solar, gosto do sol da manhã, da luz da manhã, é isso que me inspira. Tomo o pequeno-almoço e, no lugar onde estou, fico: onde antes comi, depois, escrevo. E escrevo até à hora do almoço.

É maior a disciplina do que a dispersão que deixava adivinhar a distribuição de papéis anterior... E a inspiração entra aonde nessas manhãs rituais?

Não sei o que seja a inspiração. Quando vou escrever já tenho a cabeça tão cheia de coisas que só quero despejá-las de uma vez para o papel. E ando agora muito aflita, porque tenho muitas coisas que fui acumulando na cabeça durante estes meses em que tenho estado doente e isso deprime-me. Ter coisas para escrever e não poder... Deixei de escrever, porque não tenho força na mão, mas hei-de voltar a ter, claro. É que tenho romances para escrever!

■ M. Vinhas



Um fervilhar de ideias

Rosa Maria de Bettencourt Rodrigues Lobato Faria, mais conhecida por Rosa Lobato Faria, nasceu em Lisboa há 77 anos e desde os seis que escreve poemas. Aos 30, experimentou a ficção e, aos 63, os romances de que hoje não se separa. Ao contrário dos poemas que lhe nascem na cabeça e é só esperar que a mão lhes escreva, as histórias que escreve como quem tece uma tapeçaria dão trabalho. Também por isso, defende, o seu primeiro romance (“O Pranto de Lúcifer”, de 1995) “não parecia um primeiro romance”. O segredo do sucesso: muito trabalho. Escritora, mas nem sempre nem somente, Rosa Lobato de Faria teve o seu primeiro público na televisão, a dar voz à poesia dos outros, graças a uma irrepreensível dicção. Com a entrada em cena das novelas portuguesas, procurou Nicolau Breyner a quem desafiou a dar-lhe um papel, desafio que, em boa hora, ele aceitou e assim se ganhou uma actriz (“Vila Faia”, 1983). Fez cinema com João Botelho (“Tráfico”, 1998 e “A Mulher que Acreditava Ser Presidente dos Estados Unidos da América”, 2003) e Lauro António (“Paisagem Sem Barcos”, 1983 e “O Vestido Cor de Fogo”, 1986) e ainda Monique Rutler (“Jogo de Mão”, 1984). Escreveu peças de teatro e letras de canções, sendo, a par de Ary dos Santos, a mais bem-sucedida letrista do Festival RTP da Canção, com quatro primeiros lugares... Curiosa e irrequieta, tal como antes achou ser capaz de representar, não demorou a achar que também seria capaz de escrever novelas como aquelas em que, como actriz, já dava cartas. E, se bem pensou, melhor o fez. Da experiência diz guardar a melhor recordação, mas vaticina: “Escrever novela é uma violência.” Por estes dias, temos a romancista de volta. Fervilham ideias. ■MV

PEREIRA

“Myra” de Maria Velho da Costa recebe Prémio Pen Clube

Maria Velho da Costa, na ficção, Manuel Gusmão, na poesia, Frederico Lourenço e Isabel Cristina Pires Mateus, no ensaio, foram os vencedores por unanimidade dos prémios Pen Clube 2008. Todos têm o valor pecuniário de 5 mil euros, com excepção do Prémio para a Primeira Obra (2500 euros), que não foi atribuído nesta edição. A entrega dos galardões foi efectuada no passado dia 29 de Novembro, numa sessão na Sala Carlos Paredes da Sociedade Portuguesa de Autores.

O romance “Myra”, de Maria Velho da Costa (ed. Assírio & Alvim), foi distinguido com o Prémio de Ficção. Presidiu a este júri Maria João Reynaud, que liderou o grupo integrado por Artur Anselmo e Isabel Pires de Lima.

“A Terceira Mão”, de Manuel Gusmão (Ed. Caminho), foi a obra poética escolhido pelo júri presidido por João David Pinto Correia e constituído ainda por Fernando Pinto do Amaral e João Barrento.

O Prémio de Ensaio foi atribuído ex-aequo a Frederico Lourenço pelo livro “Novos Ensaios Helénicos e Alemães” (Cotovia), e a Isabel Cristina Pinto Mateus, por “Kodakização e Despolarização do Real” - para uma poética do grotesco na obra de Fialho de Almeida (Caminho). O júri deste prémio foi presidido por Francisco Belard e completado por Ernesto Rodrigues e Eunice Cabral.



Imprensa Nacional publica a sua obra em quatro volumes

Norberto Ávila comemora 50 anos de escrita teatral

Nos últimos meses tem vindo a decorrer a comemoração dos 50 anos de escrita teatral de Norberto Ávila. A Imprensa Nacional Casa da Moeda tomou a iniciativa de publicar a sua obra, em quatro volumes, e várias homenagens estão a ser promovidas um pouco por todo o lado, pelas mais diversas entidades. Norberto Ávila é o dramaturgo português com maior carreira internacional.

Norberto Ávila nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de Setembro de 1936. Frequentou a Universidade do Teatro das Nações, em Paris, de 1963 a 1965; em Lisboa (1973-75), criou e dirigiu a revista Teatro em Movimento e chefou a divisão do Teatro, na Secretaria de Estado da Cultura, durante quatro anos (1974-78). A partir de então, entregou-se mais afincadamente ao ofício de dramaturgo. Do seu currículo também faz parte a tradução de obras de consagrados escritores e dramaturgos e a direcção, na Rádio Televisão Portuguesa, de uma série de programas dedicados à actividade teatral portuguesa.

Norberto Ávila é um dos mais reconhecidos, traduzidos e representados dramaturgos portugueses. A diversidade temática percorre mitos da Grécia Antiga e da literatura mundial, mergulha nos temas bíblicos e da história de Portugal e penetra nos problemas político-sociais contemporâneos.

Os seus trabalhos têm sido representados por numerosas companhias portuguesas e estrangeiras. O texto mais conhecido, As Histórias de Hakim, foi traduzido em 16 idiomas e representado na Alemanha, Áustria, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça.

As peças teatrais de Norberto Ávila têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça. Em Portugal, grupos de Évora, Lisboa, Porto, Funchal, Alfovelos, Cascais, Almada e Portalegre, entre outros, têm levado à cena algumas das suas obras.

Pela qualidade da sua obra foi premiado sete vezes, destacando-se o Prémio Manuscritos de Teatro (1962), o 1.º prémio da Sociedade Portuguesa de Autores atribuído à peça As Cadeiras Celestes (1975), o prémio da Associação Portuguesa de Escritores atribuído a Florânia ou A Perfeita Felicidade (1987) e o Prémio Natália Correia, para o primeiro livro de poemas Percurso de Poeta (1999). Para além de dramaturgo, é também romancista e poeta.

A emigração açoriana para o Canadá foi abordada na peça O Homem Que Caminha sobre as Ondas.

Lídia Jorge dá nome a Biblioteca Municipal de Albufeira

Lídia Jorge, que venceu em 2007 o Grande Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores/Millennium BCP com o romance Combateremos a Sombra, viu o seu nome ser atribuído à Biblioteca Municipal de Albufeira, uma honra que lhe foi prestada, no passado dia 6 de Outubro, pela autarquia de Albufeira em reconhecimento da sua obra.

A consagrada escritora algarvia, nascida em Boliqueime, esteve também presente no dia 8 de Outubro, à noite, na Biblioteca Municipal de Olhão, no âmbito do Ciclo de Encontro com Escritores ‘Páginas Trico(n)tadas’.

Nesta iniciativa, a autora conviveu com o seu público, que a ouviu contar histórias que a marcaram, naquela que foi uma boa sessão para os apreciadores da escrita e figura da autora de Contrato Sentimental, a sua última obra, recentemente vinda a público.

Lídia Jorge tem 15 livros editados em várias línguas, contando-se entre eles romances, antologias de contos e uma peça de teatro.

Mário de Carvalho arrebatou galardão pela segunda vez

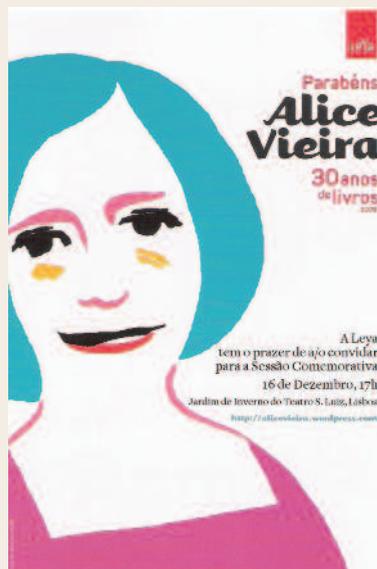
“A Sala Magenta” vence Prémio Fernando Namora

O romance “A Sala Magenta” da autoria de Mário de Carvalho foi o vencedor do Prémio Literário Fernando Namora, no valor de 25 mil euros, anunciou a 15 de Outubro passado, a Estoril Sol, que o instituiu em 1988.

Esta é a segunda vez que o cooperador da SPA Mário de Carvalho é distinguido com o Prémio Fernando Namora. A primeira vez foi em 1996, com o romance Um Deus passeando pela brisa da tarde, que também recebeu o Grande Prémio Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores.

O júri, presidido por Vasco Graça Moura, salientou em acta “a elevada qualidade estilística e narrativa desta obra e a humanidade do olhar que lança sobre o universo da criação artística e da existência”.

O galardão mundial mais importante para a literatura juvenil **Alice Vieira foi nomeada para Prémio ALMA**



Alice Vieira foi nomeada, no início do mês de Outubro, para o Prémio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award), atribuído pelo Conselho Nacional de Cultura sueco e com o valor aproximado de 500 mil euros. O ALMA é o prémio mais importante a nível mundial de literatura infanto-juvenil, mais ainda que o Prémio Hans Christian Andersen. “E só isso me faz ficar contente!”, comentou para a revista “Autores” a conhecida escritora portuguesa, que soma “30 anos de livros”. O vencedor só será anunciado a 24 de Março de 2010, na Feira do Livro de Bolonha. Entre 168 candidatos de 61 países, Portugal está também representado pelo projecto Palavras Andarilhas, “um encontro de narração oral e promoção da leitura que se realiza desde 1998, em Beja, organizado pela Câmara Municipal de Beja e pela Associação de Defesa do Património Cultural da Região de Beja”, lê-se no blogue da iniciativa.

“Deixem-me estar vaidosa...”

“Deixem-me estar um bocadinho vaidosa..., mas nada de exageros, trata-se somente de uma nomeação”, confessou a destacada

autora, membro preponderante da SPA, naquele seu estilo tão despojado e sincero, que é uma das suas características da escrita para crianças e jovens, em que é especialista. “Claro que fui eu nomeada e mais 70 [escritores], espalhados pelo mundo inteiro, e são todos eles – pelo menos aqueles que eu conheço – ‘pesos pesados’...”, acrescentou Alice Vieira, garantindo que, por isso mesmo, e pela importância do prémio, a nomeação já a deixa “muito contente”.

“Estou ao lado de grandes autores, de quem eu gosto muito, caso do Michael Morpurgo, do Peter Sis ou da Jaqueline Wilson, por exemplo”, salienta. E ainda de Iuri Orlev, com quem já disputou o Prémio Hans Christian Andersen em 1996. E perdeu. “Nestas coisas – lembra – é evidente que ninguém pensa em ganhar, mas todos pensam em ganhar...”

Mas será que esta nomeação ou o eventual prémio poderá dar-lhe outro estímulo para escrever? Ou influenciá-la de alguma maneira?

Alice Vieira não hesita na resposta: “Claro que não é por isso que vou escrever mais ou melhor, mas talvez dê, ao autor que ganha, maior visibilidade internacional. Mas é mesmo ‘talvez’... Na última edição do ALMA ganhou a australiana Sonia Hartnet e, para muitos (mesmo para aqueles que estão dentro destes assuntos), ela continua a ser uma ilustre desconhecida...”

A autora portuguesa nomeada para o ALMA foi convidada do programa “Autores” da SPA na TVI 24, no passado dia 8 de Novembro, juntamente com Daniel Sampaio e alvo de uma sessão comemorativa dos seus “30 anos de livros”, promovida pela editora Leya, a 16 de Dezembro, no Jardim de Inverno do Teatro São Luiz, em Lisboa.

No próximo ano, para além dos seus múltiplos afazeres literários, entre escrever os seus livros e divulgar a escrita, principalmente nas escolas, Alice Vieira tem já agendada a direcção e coordenação de um Curso de Escrita Criativa, promovido também pela sua editora, a Leya. De 11 de Janeiro a 10 de Fevereiro, às segundas e quartas-feiras, das 18h30 às 20h30, os inscritos irão

descobrir com Alice Vieira o mistério da escrita e da leitura e saber o que é necessário para se ser escritor.

Em prol da promoção da leitura

O prémio ALMA foi criado pelo Governo sueco em 2002, em memória da autora de “Pipi das Meias Altas” e é atribuído todos os anos a autores, ilustradores e organizações que promovam a leitura à luz dos princípios de Astrid Lindgren.

O ano passado, o ALMA foi atribuído ao Instituto Tamer para a Educação Comunitária (de Ramallah). Criado em 198, o Instituto Tamer é uma organização independente que actua nos territórios autónomos de Gaza e da Cisjordânia através de oficinas de escrita, narração, drama e conversas sobre livros para crianças e jovens. “Seguindo o espírito de Astrid Lindgren, o Instituto Tamer vê o poder da palavra e do livro, a força da narrativa e a fantasia como chaves para a coragem, a auto-estima e a tolerância”, lê-se na acta do júri.

O Prémio Astrid Lindgren é o maior prémio para literatura jovem e infantil e o segundo maior prémio de literatura no mundo. O prémio de 5 milhões de coroas suecas (500 mil euros) é concedido anualmente a um ou mais escritores, ilustradores, contadores de histórias ou editoras pelo trabalho realizado durante sua vida, não importando o seu idioma ou a sua nacionalidade. O trabalho deve prezar por uma qualidade artística excelente e evocar profundamente o espírito humano que Astrid Lindgren tanto admirava. O propósito do prémio é o de aumentar o interesse na literatura jovem e infantil no mundo, bem como fortalecer os direitos das crianças em termos globais.

A seleção dos ganhadores é feita pelo júri baseada no alcance das obras dos nomeados no mundo. O júri pode sugerir nomeados por conta própria, porém indivíduos ou organizações não podem nomear-se. O prémio é administrado pela Conselho Nacional Sueco de Assuntos Culturais e foi criado pelo governo sueco com o intuito de honrar a memória de Astrid Lindgren, a autora sueca favorita e uma das mais conhe-

cidas mundialmente. O Prémio Astrid Lindgren de literatura consiste num fundo governamental destinado a um prémio internacional de literatura jovem e infantil. Apesar de serem extremamente suecos, os livros de Astrid Lindgren já foram traduzidos para mais de 86 idiomas e tiveram mais de 80 milhões de cópias vendidas no mundo.

Memória da autora de “Pipi das Meias Altas”

Astrid Lindgren nasceu em 1907 e teve uma infância cheia de amor e risadas. Por isso nos seus livros podemos reconhecer um pouco da própria infância da autora que se lembrava perfeitamente quão difícil é ser uma criança cheia de inseguranças, mas com muita esperança e imaginação. Astrid começou a criar as suas histórias quando a filha Karin ficou doente aos sete anos e lhe pediu que lhe contasse as histórias de “Pippi das Meias Altas”. Passado algum tempo, a autora torceu o pé e durante o período de repouso recomendado para a sua recuperação, caneta e papel foram a sua companhia.

Na altura, porém, Astrid Lindgren não encontrou receptividade na procura de um editor para os seus contos. A primeira tentativa fracassou, pois o editor não queria responsabilizar-se por histórias que mostravam crianças a brincar e a desarrumar tudo em redor.

Mas Astrid Lindgren não desistiu e procurou outro editor. Graças a ele, o mundo pôde, finalmente, conhecer as lindas histórias de Astrid Lindgren e o mundo mágico das crianças, para além de proporcionar, mais tarde, a outros autores o incentivo para a elaboração de muitas mais histórias embuídas do seu espírito. Ou seja, em que o poder da palavra e do livro, a força da narrativa e a fantasia são chaves para a coragem, a auto-estima e a tolerância.

Astrid Lindgren faleceu em 2002, aos 94 anos de idade, e deixou histórias que viverão para sempre e uma fundação que perpetua a sua memória com a atribuição deste valioso prémio. **EE**

Prémio Carlos Paredes 2009 para «Casa Nostra» dos MU

O álbum Casa Nostra dos MU, um grupo português inspirado nos sons das culturas musicais europeias, que toca com instrumentos de todo o Mundo, foi o vencedor do Prémio Carlos Paredes 2009. A sua música é considerada diversa e alegre, convidando à dança.

O galardão – que visa premiar o melhor CD de música instrumental não erudita, feita por portugueses no ano anterior – foi entregue numa cerimónia que decorreu no dia 4 de Novembro, pelas 21h30, no auditório do Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira. Na edição deste ano – a sétima – do Prémio Carlos

Paredes, o número de participações triplicou em relação ao ano passado, passando de 5 para 15 candidaturas. O júri foi constituído por José Jorge Letria (em representação da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira), Pedro Osório (representante da Sociedade Portuguesa de Autores), Ruben de Carvalho (crítico musical) e Pedro Campos (compositor e músico).

O prémio é atribuído anualmente com uma dotação de 2500 euros e entrega de uma placa alusiva. No âmbito da cerimónia realizou-se um concerto a solo com o guitarrista Pedro Jóia, vencedor do prémio no ano passado.

SPA apoia associação Megafone 5 com dois prémios anuais

Os Dead Combo, Oquestrada, Gaiteiros de Lisboa e A Naifa actuaram no passado dia 4 de Novembro no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, para lançar o projecto Megafone 5, de homenagem ao músico João Aguardela, falecido este ano.

Megafone 5 é uma associação cultural destinada a recordar o trabalho de João Aguardela e a incentivar a nova música portuguesa de inspiração popular e tradicional.

Entre as iniciativas lançadas pela associação contam-se o concerto no CCB e o lançamento de dois prémios anuais, em parceria com a Sociedade Portuguesa de Autores.

**Abel Neves vence Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia**

“Jardim Suspenso” vai à cena em Abril de 2010 no Teatro Nacional

Abel Neves, dramaturgo na sua essência, decorrente de uma experiência como actor que o marcou para sempre n' A Comuna, acaba de arrecadar o Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva, com a peça “Jardim Suspenso”, que subirá à cena no Teatro Nacional D. Maria II em Abril de 2010 e, simultaneamente, no Brasil

Solitário e de poucas falas, Abel Neves, que já passou pela experiência enriquecedora de viver por dentro o teatro, durante 12 anos, n' A Comuna, onde fez “de tudo”, como gosta de afirmar, dedica-se há quase duas décadas apenas à escrita. E, principalmente, à dramaturgia, onde o seu currículo soma 30 peças de teatro. A 13 de Outubro, recebeu a notícia da boa paga por esta paixão: entre dezenas e dezenas de candidatos – “só no Brasil concorreram 278 obras”, confiou à “Autores” – foi o vencedor do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva com a peça “Jardim Suspenso”.

“É uma história para teatro que tenta apresentar-se simples e, simultaneamente, complexa e que é também uma história da nossa condição humana”, afirma o dramaturgo na sinopse. Cingindo a trama numa única frase do autor: “Até onde pode levar a fidelidade a alguém num amor que não é correspondido?”

O anúncio do prémio foi feito após uma reunião do júri luso-brasileiro realizada por videoconferência

entre as sedes das duas instituições, em Lisboa e no Rio de Janeiro, e a nota saída indicava que “a decisão de atribuição do prémio foi tomada, por maioria, com voto de qualidade do presidente do júri português”. Do lado português, o júri foi constituído por Carlos Paulo, Gonçalo Amorim, João Paulo Cotrim e Rui Pina Coelho e, do lado brasileiro, por André Luiz Antunes Netto Carreira, Cristina Sobral Correa Jesus, Renato José Pecora e Tarciso de Souza Pereira.

Foi também atribuída uma Menção Honrosa, por unanimidade, à peça “Clitemnestra ou a Tragédia Doméstica”, da autoria do português Micael de Oliveira.

POESIA ATRAVESSA TODA A SUA OBRA

Nascido em Montalegre, em 1956, mas a viver em Lisboa desde os 11 anos, o dramaturgo, poeta e romancista, com vasta obra em Portugal e muitas colaborações no estrangeiro, incluindo o Brasil, iniciou-se na literatura pela poesia e garante que, apesar de se espriar pela dramaturgia e pelo romance, o seu amor primeiro continua a atravessar toda a sua escrita.

Abel Neves, que gosta de voltar às suas raízes e de se isolar sempre que pode na pequena aldeia com mosteiro Pitões de Júnias, é autor, entre as mais recentes, das peças para teatro “Além



**Uma história para teatro
que tenta apresentar-se
simples e,
simultaneamente,
complexa e que é
também uma história da
nossa condição humana**



as Estrelas São a Nossa Casa”, “Este Oeste Éden”, “O Paraíso à Espera” e “Vulcão”. Autor, também, de textos para televisão, publicou o seu primeiro de seis romances em 1996, “Corações Piegas”, seguido de “Asas” para que vos quero (1997). Em 1998, publica, ironicamente, o único livro de poesia “Eis o Amor a Fome e a Morte” e, em 2002, um volume de ensaios, “Algures” entre a resposta e a interrogação

Destaca-se ainda por manter uma actividade regular no domínio da pedagogia da escrita teatral, tendo sido responsável, em Julho passado, pelo ateliê de escrita dramaturgica levado a cabo no âmbito do III Encontro de Teatro dos Leitorados do Instituto Camões, que teve como palco a Fábrica da Pólvora de Barcarena, no concelho de Oeiras.

Sobre a peça vencedora, Abel Neves afirmou que não julga que seja uma peça melhor ou pior do que outras que tem. A sua satisfação,

mais do que os 15 mil euros que irá receber com o prémio e até a sua edição em Portugal e no Brasil, por iniciativa do Instituto Camões e da Funarte, é a sua representação nos dois países. Algo que tem muito a ver com a filosofia que o mantém ligado intimamente às companhias, como aconteceu ainda este ano, por exemplo, com a colaboração estabelecida com a Escola da Noite, de Coimbra, no espectáculo “Este Oeste Éden”, e à importância que dá à relação autor-actor-público.

Aliás, foi com viva expressão de contentamento que anunciou à “Autores” a exibição de “Jardim Suspenso” em Abril de 2010, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, e também no Brasil, país com que costuma cooperar em várias iniciativas e procura “enraizar trabalho”, como afirmou à “Autores”. Não sabe, no entanto, ainda, em que cidade: se em Salvador, São Paulo ou Rio de Janeiro.

TRABALHO DIRECTO COM AS COMPANHIAS

No teatro de pesquisa A Comuna, “o primeiro grande e bom contacto do fazer teatral” que teve, Abel Neves fez “de tudo”, o que lhe permitiu conhecer os vícios e as virtudes do trabalho do actor – que ajuda a configurar os vícios e as virtudes de quem escreve”, segundo considera. Depois, ou outras companhias acederam aos seus textos ou lhe pediram que os escrevesse, e não só em Portugal, também no exterior. “Ainda hoje os meus relacionamentos normais de escrita passam por trabalhar directamente com companhias”, referiu.

Abel Neves sucedeu ao brasileiro Fábio Luís Mendes, vencedor da 2.ª edição, em 2008, com a peça “The Cachorro Manco Show”, apresentada em Lisboa em Abril passado, no Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII), outro dos parceiros do prémio, juntamente com a Direcção-Geral das Artes de Portugal. O vencedor da 1.ª edição do Prémio, em 2007, foi o dramaturgo português José Maria Vieira Mendes com a peça “A Minha Mulher”. De acordo com o regulamento do concurso, os concorrentes foram seleccionados, numa primeira fase, em cada um dos países, por júris nacionais. Os textos dos oito concorrentes (quatro em cada país) escolhidos foram depois apreciados pelo júri conjunto, que escolheu o vencedor.

UMA ESCRITA SEMPRE EM ACÇÃO

Na altura em que recebeu a notícia do prémio, Abel Neves iria estrear, no dia 30 de Outubro, com o Teatro de Montemuro, um divertimento teatral, que é uma coisa que gosta de fazer com eles sempre que possível, chamado “Saloon ié-ié, o Paraíso à Espera.

Nesse mesmo dia tinha uma estreia em São Paulo, no Brasil: um texto curto que lhe pediram, de 20 minutos, que se chama A “Mãe e o Urso” e que é um espectáculo construído com a contribuição de cinco dramaturgos de geografias diferentes. “Sou eu de Portugal, é um dramaturgo francês, um brasileiro, uma uruguaia e uma iraniana”, especificou, adiantando que se tratava de um espectáculo único que tem um título também longo “Da Possibilidade de Alegria no Mundo”. No Teatro Nacional, com estreia marcada para 26 de Novembro, tinha agendado, igualmente, um monólogo, que iria ser feito pela Custódia Galego, denominado “Vulcão”. Isso, para além de outras coisas avulsas. ■ *Edite Esteves*

“Teatro sem espectadores é... **como relação amorosa a solo**”

JORGE CASTRO GUEDES

Deslocou-se, em Novembro último, com uma peça encenada por si, para a apresentar na Malaposta, às portas de Lisboa. Mas não é adepto da itinerância. Jorge Castro Guedes, que dirige o Centro Dramático de Viana, companhia profissional de teatro residente no Teatro Municipal Sá de Miranda, em Viana do Castelo, acarinha o projecto de incentivar os espectadores da sua região a visitarem o seu teatro, quer sejam crianças ou adultos. E, para dar corpo à filosofia pedagógica que desenvolve, constrói minuciosos programas com incidência na mudança de mentalidades e hábitos culturais. Exemplo disso é a peça “Taras Mínimas”, em cena de 16 de Outubro a 7 de Novembro, um êxito de audiências e de objectivos. “A ‘movida’ em Portugal, hoje, passa pela província”, afirma, convicto

O que leva um encenador profissional com o seu currículo riquíssimo e de matriz nitidamente urbana a encetar e desenvolver um projecto multidisciplinar de vertente teatral na chamada província, ainda que numa companhia profissional e numa cidade de litoral?

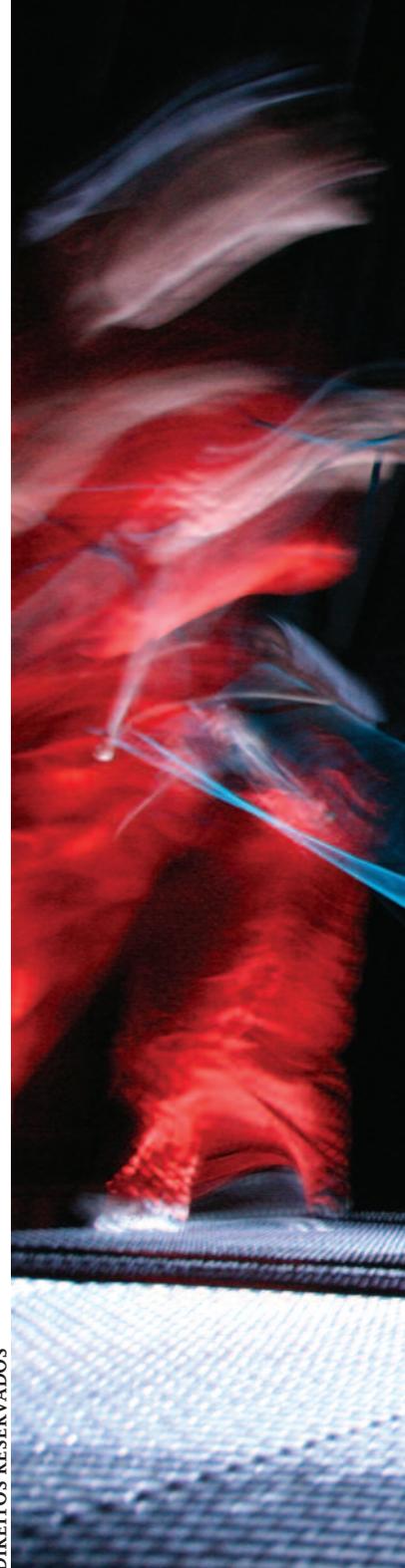
Quero trabalhar para um público real e concreto e que o meu concreto trabalho tenha impacto numa comunidade, sendo sociologicamente significativo. Não me basta ser reconhecido nos meios intelectuais e não ter público; não me interessa trabalhar para circuitos fechados sem qualquer incidência na mudança de mentalidades e hábitos culturais. Já passei a adolescência para me preocupar com a afirmação pessoal... A minha obra, melhor ou pior, tem

um destinatário que é mais do que eu e uns quantos amigos.

Em que assenta a sua filosofia de desenvolvimento de uma linha pedagógica do teatro, designadamente junto das escolas, na escolha do reportório e no cruzamento dos actores e demais personagens num município como Viana do Castelo, que tem 90 000 habitantes como concelho e 250 000 no distrito?

O lado “pedagógico” do meu trabalho é tão-só aquilo que eu penso ser a única forma de trabalhar efectivamente em direcção aos públicos, harmonizando a “mensagem estética” com as entidades reais, sejam escolas, autarquias, associações recreativas, empresas... A ideiação român-

DIREITOS RESERVADOS





tica de abrir as portas de um teatro e ficar à espera de público, no século XXI, é tão desajustada da realidade como ficar à espera que os espectadores cheguem em charretes!

Estreou, recentemente, a peça “Taras Mínimas” e já está no arranque, em Viana do Castelo da temporada teatral de 2009/2010. Entretanto, trouxe ao palco da Malaposta, em Lisboa, nos dias 12, 13 e 14 de Novembro, a peça “Histórias para Serem Contadas”. Segundo julgo saber, a itinerância não é um objectivo do seu projecto artístico para o CDV. Em que âmbito é que aconteceu esta vinda à capital?

As idas do CDV às portas da capital têm acontecido na sequência de um entendimento cultural com

a direcção artística do Centro Cultural da Malaposta (Manuel Coelho). A última passagem foi, na realidade, muito recente com as “Histórias para Serem Contadas”, uma obra emblemática do



As idas do CDV às portas da capital têm acontecido na sequência de um entendimento cultural com a direcção artística do Centro Cultural da Malaposta

teatro independente original (Argentina, final das décadas de 50), muito politizada e, infelizmente, de novo de grande actualidade, acolhida nas três representações às portas de Lisboa todos os dias com “bravos”... Isso é reconfortante...

“A IDA AO TEATRO É, EM SI MESMA, UM ACTO CULTURAL”

Tem escrito em vários artigos que os espectadores deverão deslocar-se ao espaço onde acontece teatro com as condições adequadas e onde, normalmente, a companhia trabalha, no seu caso, ao Teatro Municipal Sá de Miranda. Mas como é que isso é possível, numa altura em que se está em crise económica, por um lado, e quando as distâncias,



FOTOS DE JOSE PEDRO SANTA BARBARA

a nível de província e tendo em atenção o nível sócio-cultural dos eventuais espectadores, são, às vezes, tão difíceis de vencer?

No caso vertente do CDV e do Teatro Municipal Sá de Miranda, em que essa acção é feita em articulação com o poder autárquico, a questão não se põe... A deslocação dos espectadores é de menor custo do que a do próprio espectáculo ir às freguesias do concelho. Mas, independentemente disso, o teatro é para ser feito num teatro, acho eu. Sobretudo quando, como em Viana do Castelo, ele existe e é uma das mais belas salas à italiana do País. Ir ao Sá de Miranda também encerra em si mesmo um acto cultural para o espectador, responsabiliza-o: é assim como que um “cenário”, no sentido em que o psiquiatra atende no consultório e não fazendo domicílios...

Recebe apoios financeiros da Câmara e do Ministério da Cultura, certo? Chegam para todos os programas que constam do seu projecto? E também para as deslocações organizadas dos espectadores?

Todos os programas que desenvolvemos no CDV são economicamente sustentados. O “subsubfinanciamento” por parte do Ministério da Cultura inibe é a amplitude e potencial de crescimento que eles mesmos vêm demonstrando à fatura. Quanto à Câmara Municipal, dada a sua realidade (trata-se de um concelho economicamente carenciado), não me atrevo a um queixume relativamente ao passado. Espero, isso sim, no futuro, alguns reajustamentos de outro tipo para que o desenvolvimento do nosso projecto tenha ainda mais resultados.

“É GRITANTE O QUE RECEBE O CDV EM RELAÇÃO A CONGÉNERES SEUS”

O que quer dizer, exactamente, quando se refere a um “subsubfinanciamento” do Ministério da Cultura para o CDV?

A cultura continua a ser a parente pobre na agenda política e, conseqüentemente, o teatro e as demais artes performativas estão subfinanciadas no seu todo (embora o teatro, tenho de o dizer, nem é dos subsectores que está pior!), mas o caso do CDV é particularmente gritante, porque recebe entre metade e um terço do que recebem estruturas congéneres em Braga, Covilhã ou Coimbra. É um escândalo: mais do que uma “injustiça” trata-se de um “crime” pelo que vem matando no tanto que germina. Desafio o Ministério da Cultura a fazer-me prova da razão de quantificar um espectador em Évora, por exemplo, a 10 vezes o custo de um em Viana do Castelo, porque se dividirmos o financiamento das estruturas respectivas pelo número de espectadores reais é essa proporção que temos...

Ou seja, em seu entender, os financiamentos governamentais devem depender, essencialmente, do número de espectadores?

De maneira nenhuma. Entendo muito bem que há projectos distintos e que as avaliações têm de ser distintas, entrando em linha de conta com um sem-número de factores para uma quantificação final, o que, aliás, nem acontece. Eu entenderia muitíssimo bem que pudesse haver dois, três ou seis projectos de investigação em que, independentemente do público servido, absorvessem quantias maiores do que outros de reportório e serviço público singularmente considerados, desde que este último sector – do teatro de reportório – fosse a base de uma política cultural em direcção



O espectáculo “Taras Mínimas” teve uma carreira mais longa (18 sessões) do que algumas produções nos teatros nacionais...

aos cidadãos e não a interesses particulares de criadores, por mais meritórios que, como tal, eles sejam. Mas no exemplo dado isso nem conta. Trata-se de comparar estruturas idênticas nos meios, objectivos e processos estruturais... que diferem justamente no número de espectadores alcançados e... dos financiamentos a esses mesmos espectadores!...

Então, mas isso significa que, ao lograr maior número de espectadores, uma companhia possa ter menos necessidades de financiamento, devido à bilheteira realizada...

O teatro não é, não pode ser, auto-sustentado, se quer manter um nível de intervenção artística e cultural e não se limitar a ser um objecto de consumo do “mercado” do lazer, como melhor que ninguém o já explicou Giorgio Strehler há mais de 40 anos. Nestas criações e produções teatrais, o bilhete que os espectadores pagam tem um “preço social”, é uma “taxa moderadora”: representa sempre menos de uns 15% do custo real. Aliás, em minha opinião, é por isso que se justificam os financiamentos do Estado... Portanto, a diferença das receitas de bilheteiras é, nestes casos, irrelevante na comparação feita.

“‘TARAS MÍNIMAS’ ATINGIU ÍNDICES QUE NUNCA PENSEI VER EM VIDA”

O CDV, dirigido por si, tem um programa expressamente dedicado aos espectadores, não é? Isso porque não há teatro sem espectadores?...

Sim: teatro sem espectadores não chega a sê-lo... É como uma relação amorosa a solo: quando muito, trata-se de um acto narcísico e/ou onanista.

“Taras Mínimas” é um tema extremamente actual e acutilante, que muitas pessoas da região onde está instalada a sua companhia, sentem e sofrem



na pele – a sobre-exploração da mão-de-obra feminina na indústria têxtil, literalmente falando. Qual o *feedback* que teve em relação a isso? Temas como este são escolhidos “a dedo” para o público-alvo que pretende atingir? É uma questão política?

Posso responder-lhe com vários índices para que faça uma avaliação: 38 pequenas empresas (a “plateia das empresas”) pré-compraram “cadernos” de bilhetes; 19 organizações civis (de ranchos folclóricos a grupos de teatro de amadores, de colectividades recreativas a clubes de empresas industriais) formam a “teia”, que divulga e promove a nossa própria actividade junto dos seus associados, vizinhos, familiares e colegas de trabalho; tivemos 3299 espectadores num universo total de talvez 60 000 cidadãos possíveis de atingir; ou seja, mais de 5% da população (duas vezes e meia a média tida por muito eficaz

pela UNESCO); numa lotação de 254 lugares, a taxa de ocupação foi de 72%, correspondendo a uma média por sessão de 183 espectadores; o espectáculo teve uma carreira mais longa (18 sessões) do que algumas produções nos Teatros Nacionais...

Gostaria que nos falasse sobre as suas dificuldades na acção que persegue e os sonhos que já conseguiu realizar.

Sonho que, francamente, não pensei chegar a ver em vida foi a resposta do público e da comunidade a um espectáculo tão elaborado esteticamente e tão forte em termos ideológicos como as Taras Mínimas, quer na quantidade de pessoas, quer na qualidade da percepção do espectáculo. Dificuldades são as que decorrem da forma subsubavaliada deste trabalho.

Trabalhar na província, em princípio, vai ser sempre doravante o seu leitmotiv?

A “movida” cultural, a meu ver, em Portugal, hoje, passa pela província. A prazo, será nas grandes metrópoles que ela se refinará e ficará como marca distintiva de uma época a outra, natural e inevitavelmente; mas, no presente e no futuro próximo, creio que as grandes urbes são terreno estéril como alfofre para o que é realmente novo. Porque os fenómenos ditos “alternativos” ou “marginais” passam-se nas margens de um “sistema” em que não há alternativa a essas alternativas... E isso não me atrai, enquanto tiver a possibilidade de fazer melhor sementeira noutra sítio.

■ **Edite Esteves**



Encenou Morais e Castro em **O Beijo da Mulher Aranha** no Teatro Villaret

O encenador Jorge Castro Guedes, nascido em 1954, na cidade do Porto, foi fundador da Seiva Trupe e fundador e director artístico da primeira companhia de teatro profissional de Viana do Castelo, o Teatro Estúdio de Arte Realista -TEAR (1977/1989), estagiou com Jorge Lavelli no Théâtre National de la Coline (Paris), na temporada 88/89, e foi autor e apresentador do magazine teatral “Dramazine” na RTP2, onde foi consultor de teatro (90/93). Encenador convidado no Teatro Nacional D. Maria II, Serviço Acarte/Gulbenkian, Casa da Comédia, Teatro Aberto/Novo Grupo, Teatro Villaret/Morais e Castro, Teatro Villaret/Raul Solnado, Teatro da Trindade, Cendrev, Filandorra, Teatro Universitário do Porto, Cenateca e Plebeus Avintenses, Castro Guedes, nome por que é conhecido no meio teatral, foi igualmente encenador convidado no Centro Dramático de Viana, em 1993, dois anos depois da sua fundação.

Aqui, esteve como director artístico associado de 94 a 98 e de 2001 a 2003, passando a director artístico singular em 2003. Esta continua a ser, actualmente, a sua “família”, com residência no histórico Teatro Municipal Sá de Miranda. Autor de “À Esquerda do teu Sorriso”, peça em um acto, publicada pela Editora Campo das Letras, da adaptação aos tempos de hoje do “Auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente, um texto à guisa de revista chamado “Gira pró Inferno”, editado pela SPA a lançar em Janeiro próximo e de outras à espera de publicação, e acidentalmente, *copywriter* na MCCann/Erikson (90/92), o actual director artístico do CDV foi também professor convidado da Escola Superior de Teatro e Cinema (Lisboa), Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (Porto), Escola Superior Artística do Porto, Academia Contemporânea do Espectáculo (Porto), Convenção Teatral Europeia (Lisboa) e Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

A sua família não via com muito bons olhos a opção do teatro que se começou a desenhar pelos seus 13 anos, mas Jorge Castro Guedes acabou por ter o apoio crucial dos seus pais em momentos determinantes, já mais tarde.

Segundo referiu à “Autores”, o actor, encenador e advogado José Morais e Castro, falecido no passado dia 21 de Agosto, era seu primo em 3.º grau, mas “tinham uma relação familiar muito forte desde sempre e mesmo depois de se ‘divorciarem’ ideologicamente”. “Ele foi o protagonista da primeira peça de teatro que eu vi - “O Valente Gondalim” pelo Teatro do Gerifalto – e, 26 ou 27 anos mais tarde, convidou-me para o encenar em “O Beijo da Mulher Aranha”, no Teatro Villaret. É uma memória comovente que guardo”, confidenciou. Para Jorge Castro Guedes, “o que é mesmo imprescindível no teatro é actor e espectador numa representação do primeiro para o segundo”. ■ **EE**

PERFIL



FOTOS DE JOSÉ PEDRO SANTA BÁRBARA

SPA evoca Solnado e apresenta a sua biografia actualizada

“O Raul fará sempre parte do espírito deste lugar”

Foi numa sala repleta de autores, actores, encenadores e muita gente ligada ao teatro, à televisão, ao cinema e a tantas outras artes e ofícios que a Sociedade Portuguesa de Autores evocou e homenageou Raul Solnado, que nesse dia - 19 de Outubro - faria 80 anos, se a morte não o tivesse vindo buscar, insperadamente, a 8 de Agosto.

Uma sessão, onde a jornalista e escritora Leonor Xavier, que com ele partilhou quase duas décadas de vida e a cuja sociedade está também intimamente ligada, fez questão de lhe prestar especial homenagem, ao apresentar ali a sua biografia actualizada: Raul Solnado – A Vida não se Perdeu. É que, segundo referiu, era desejo dele apresentar aquela segunda edição da sua biografia, exactamente, no espaço da casa a que dedicou muito do seu tempo e do seu esforço em defesa dos projectos e da causas dos autores.

José Jorge Letria, aliás, referiu com apreço que “o Raul esteve sempre presente em todas as acções da SPA” e “defendeu a sustentabilidade dos projectos a que esteve ligado”. À semelhança da sua acção em prol da Casa do Artista, também na SPA “ele pôs todo o seu empenho na criação da Casa do Autor e no Museu do Autor, projectos que ainda acalentamos”, acrescentou.

“O espírito essencial de unidade”

O administrador-delegado da SPA lembrou, depois, muitas das particularidades da sua personalidade multifacetada e humanista em várias frentes e a oportunidade que esta casa a que ele pertenceu de corpo e alma teve de o homenagear ainda em vida com a grande exposição “A Vida É Um Palco”, que lhe foi dedicada em 2005, naquela mesma sala Carlos Paredes. O mesmo acontecendo com a atribuição do Prémio Consagração de Carreira e da Medalha de Honra da SPA, nesse mesmo ano – curiosamente, a cooperativa também fazia 80 anos de vida – e o convite, que Solnado aceitou, para que elaborasse a Mensagem do Dia do Autor.

E já após a sua morte, adiantou, a SPA teve a honra de propor que fosse dado o seu nome ao Teatro Capitólio, algo de que muito se orgulha.

Assumindo o compromisso de recordar aquele que a SPA classifica como “uma das figuras mais marcantes da cultura e do espectáculo em Portugal no século XX”, José Jorge Letria, que se expressou igualmente como amigo de Raul Solnado, concluiu no final da sessão, resumindo tudo o que foi dito durante o participado evento: “O Raul representa o espírito essencial de

unidade. Faz e fará sempre parte do espírito deste lugar!”.

“A Vida Não se Perdeu”

“Esta é uma festiva homenagem póstuma a Solnado”, enfatizou, por seu turno, Leonor Xavier, deixando transparecer nestas palavras muitos pormenores dos “bastidores” do humorista, que ela registou na sua biografia e de que deu alguns exemplos, designadamente, alguns nomes de amigos a que Raul Solnado se referia com frequência, amigos de infância, autores, actores, jornalistas...

“O Raul acompanhou até às provas finais este livro”, acrescentou António Lobato Faria, editor da Oficina do Livro, que publicou a sua biografia, no que foi corroborado pela autora, especificando que o último capítulo o livro, acabado no Verão deste ano, foi todo escrito e revisto com o apoio do biografado, conforme, de resto, Leonor Xavier já tinha confiado à “Autores” na edição anterior.

E sem querer falar muito sobre o seu biografado – as pessoas terão oportunidade de ler o livro – Leonor Xavier limitou-se a duas expressões qualificativas sobre Raul, que reflectem a sua grande intimidade: “O homem perplexo! O humor terno!”

“Um homem bom”, “pequeno no tamanho, mas muito grande”, “humilde”, “inventor exímio, quando se esquecia do texto”, “desarmante”, “de uma generosidade extrema”, “o corpo do humor melancólico português”, “corajoso” foram epítetos atribuídos ao homenageado pelos criadores e amigos que tiveram três minutos cada um para lhe dedicarem algumas palavras e recordarem episódios comuns, muitos deles hilariantes, como se impunha numa evocação ao grande humorista que eternizou o célebre quadro de “A minha Ida à Guerra”. Falaram dele e das suas histórias com ele: Alice Vieira, António Casimiro, Inês de Medeiros, Nuno Artur Silva e Rui Mendes. Também leu uma simples carta emocionada a Raul Solnado a pequena Beatriz, neta de Leonor Xavier, surgindo, na altura, a oportunidade de se anunciar o próximo livro a publicar pela autora. Casas Contadas – e são 13 – é uma espécie de auto-reportagem, onde Leonor se espria pelas recordações que tem de tudo o que viveu nas casas que habitou, desde a infância até à actualidade.

A vida não se perdeu mesmo. O Raul continua entre nós.. e a impulsionar novos projectos.

■ **Edite Esteves**



Programa "Autores" na TVI 24

Homenagem a Solnado destacou importância do humor na cultura

O segundo programa da série "Autores", transmitido na TVI 24, no passado dia 24 de Outubro, evocativo de Raul Solnado, na passagem do 80.º aniversário do seu nascimento, teve a participação da jornalista e escritora Leonor Xavier e do ensaísta e presidente do Centro Nacional de Cultura Guilherme d'Oliveira Martins.

No programa falou-se de "Raul Solnado – A Vida não se Perdeu", biografia do actor-actor, da autoria de Leonor Xavier, em segunda edição, apresentada na SPA a 19 de Outubro (ver texto sobre o evento), e da importância que o humor tem na cultura, aspecto salientado por Guilherme d'Oliveira Martins.

"O Raul era um homem de cultura. Tinha um registo popular - era amado pelo público e fazia rir com muita inteligência, e um registo intelectual - era muito respeitado por estar no primeiro plano da língua portuguesa", disse Guilherme d'Oliveira Martins, frisando. "O Raul Solnado ajudou-nos a tornar mais rica a nossa língua, a língua que se fala na Europa".

E, aludindo às qualidades intelectuais e humanas de Solnado ao "jogar" com o humor, fez questão de explicar que sendo a língua como a plasticina, "o Raul conseguia dar a volta às palavras, tinha os intervalos certos e os silêncios certos... com um ar sério", contraste a que ninguém resistia. "Era um homem extremamente inteligente, com uma grande capacidade de compreender o take", salientou. "O humor não é um fim em si, tem a ver com a vida e o Raul gostava de viver a vida. Nunca se impunha aos outros, era um grande mestre, o seu exemplo é que se impunha".

Esta emissão contou ainda com uma breve intervenção musical ao piano de Paulo Sérgio Santos, apresentador do programa, que recordou a popular canção Mal-me-quer, integrada na revista à portuguesa Prá Frente Lisboa.

Ainda neste programa dedicado a Raul Solnado foram incluídos, entre outros, depoimentos sobre o homenageado da autoria de José Nuno Martins, António Casimiro, São José Lapa, Miguel Guilherme, Luís Filipe Borges e Nilton.

Criadores de viva-voz

O programa seguinte da série "Autores", que passou no dia 1 de Novembro, contou com a participação de Nuno Carinhas, encenador e director do Teatro São João do Porto, de Bernardo Sasseti, compositor e pianista, com duas intervenções musicais e ainda de João Salavisa, distinguido com a Palma de Ouro do Festival de Cannes para curtas-metragens pelo seu filme "Arena".

No terceiro programa deste magazine cultural, emitido a 8 de Novembro, estiveram em evidência dois escritores: um direc-

nado para crianças e jovens, Alice Vieira, e outro, ensaísta, muito vocacionado para os temas ligados aos pais e avós.

O encenador e co-fundador, em 1965, do Teatro Experimental de Cascais Carlos Avilez e o pianista e compositor de jazz e música erudita, para além de ensaísta e autor de livros sobre música António Pinho Vargas foram os convidados do programa "Autores" do dia 15 de Novembro. Curiosamente, ambos receberam a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique.

Para o quinto programa desta série apresentada pelo jornalista, autor e músico Paulo Sérgio Santos foram figuras de destaque Emanuel, professor de guitarra clássica e embaixador da música popular portuguesa, e o maestro António Vitorino d'Almeida. Um ao piano e outro na guitarra lograram um programa vivíssimo, recheado de diálogos espontâneos e exemplos práticos, e que "desconcertou" para o bem o eventual guião traçado.

O último programa que conseguimos visualizar, antes do fecho desta edição da revista, foi o que pôs diante das câmaras da TVI24 neste programa da SPA o baladeiro, poeta, ficcionista e outras coisas mais Pedro Barroso e o homem da rádio e da comunicação em geral José Nuno Martins.

Temos conhecimento que, entretanto, foram gravados, pelo menos, mais dois programas: um que levou lado a lado ao "Autores" a actriz e encenadora Inês de Medeiros e o escritor e crítico literário Pedro Mexia; e outro que colocou em cena neste magazine cultural o escritor e dramaturgo José Luís Peixoto, Prémio Literário José Saramago e o compositor e cantor Jorge Palma.

O programa "Autores", que surgiu de um protocolo entre a Sociedade Portuguesa de Autores e a TVI24, com conteúdos da responsabilidade da cooperativa e apresentado pelo autor, jornalista e músico Paulo Sérgio Santos, tem recebido dos criadores portugueses os melhores comentários, desde a sua estreia em meados de Outubro com a participação de José Cid e André Sardet.

TOME NOTA

Actualmente, o magazine cultural passa, semanalmente, aos domingos naquela estação, entre as 23 e as 24 horas, tendo uma primeira repetição no canal generalista da TVI às 3 da madrugada já de segunda-feira e, depois, mais duas, na TVI24: na segunda-feira, às 11 horas, e na terça-feira, à mesma hora. Segundo a produção do programa, no entanto, a hora e o dia destas duas repetições poderão ser alterados, por necessidades de programação.

“Um património vivo do Porto”

Germano Silva foi homenageado no Museu Soares dos Reis

O jornalista e escritor Germano Silva, que assina uma crónica ao domingo no JN, foi homenageado pela Sociedade Portuguesa de Autores no Museu Soares dos Reis, no Porto, no passado dia 2 de Outubro. No tributo estiveram presentes, entre outros, Manuel António Pina, Álvaro Magalhães e o administrador-delegado da SPA, José Jorge Letria, que considerou Germano Silva “um património vivo do património que é a cidade do Porto”.

“Não sou um criador, sou apenas um contador de histórias. Procuo, no que faço, ser rigoroso e o mais perfeito possível”, considerou Germano Silva, em noite de tributo pelos seus 50 anos de profissão.

Germano Silva, que não gosta de homenagens pois entende que elas geralmente só acontecem quando a pessoa está perto de “virar o barco”, revelou ter sido enganado a propósito desta iniciativa coordenada por Álvaro Magalhães. Segundo o que explicou na sua intervenção, foi convidado para fazer a primeira sessão de um ciclo dedicado a “recuperar a cultura da cidade do Porto, que tem andado pelas ruas da amargura”.

Destacando que o Porto sempre foi terra de cultura, o jornalista evocou ainda, no seu discurso, o período “romântico” da cidade no século XIX: “Se houve uma cidade, entre todas, que devia ser eleita para capital do romantismo, era o Porto”.

Por seu turno, o escritor Manuel António Pina descreveu Germano Silva como alguém com “uma escrita capaz de se inscrever nos leitores, utilizando o rigor factual e maravilhamento”.

Amândio de Barros, historiador, lembrou também o Porto do século XIX, em que havia uma grande identificação das pessoas com a cidade. Lamentando ter-se perdido essa herança, Barros referiu, porém, que a “podemos reencontrar quando lemos um artigo do Germano Silva”.

José Jorge Letria, vice-presidente e administrador-delegado da SPA, enalteceu o trabalho de um “grande jornalista português da área memorialista” que, segundo o próprio, é “um património vivo do património que é a cidade do Porto”.

A noite ficou ainda marcada pela actuação do Rancho Folclórico do Porto e pelo anúncio da agenda cultural do Museu Soares dos Reis, ao abrigo de um protocolo assinado com a SPA, nesse mesmo dia, conforme consta do comunicado emitido pela administração que aqui publicamos na íntegra.



Actividades da delegação do Porto
**Clube de Leitura “Amor e Transgressão”
dirigido por Mário Cláudio faz sucesso**

Arrancou com sucesso o Clube de Leitura “Amor e Transgressão” promovido pela delegação do Porto da Sociedade Portuguesa de Autores e dirigido pelo escritor Mário Cláudio. A primeira das sete sessões programadas para este espaço iniciou-se no passado dia 23 de Novembro, na Sala da Música do Museu Nacional Soares dos Reis. Nesta sessão, o escritor discorreu sobre o tema e apresentou vários modelos literários elucidativos, recorrendo também à projecção de imagens, para se centrar, depois, no romance Ana Karenina, de Leon Tolstói. As sessões seguintes serão dedicadas a outros tantos romances e decorrerão no mesmo local, quinzenalmente, sempre à segunda-feira, em horário pós-laboral, das 19 às 21 horas. Esta iniciativa foi um sucesso de participação, na sua sessão inaugural, sendo necessário recorrer à exclusão de interessados, devido ao limite de 30 pessoas imposto pelo formador e sujeita ao pagamento de 70 euros. Ainda assim, foram registadas 34 inscrições. A segunda sessão decorreu no dia 14 de Dezembro.

Porto da SPA para os próximos meses, da responsabilidade do escritor Álvaro Magalhães.

Já neste mês de Dezembro, o compositor e escritor Carlos Tê orienta um curso de escrita criativa de canções e, logo no arranque de 2010, seguir-se-á um outro de escrita criativa de textos literários, orientado pelo também escritor Pedro Sena-Lino.

Depois da homenagem a Germano Silva, no início do mês, sucedem-se, em breve, idênticas iniciativas dedicadas a Manuel António Pina e Jorge de Sousa Braga, entre outros autores.

Estas iniciativas resultam de um protocolo de colaboração estabelecido entre a SPA e o Museu Nacional de Soares dos Reis, mediante o qual os eventos culturais organizados pela cooperativa de defesa dos direitos dos autores terão lugar preferencialmente naquele espaço museológico. As inscrições para o curso “Amor e transgressão” podem ser feitas através do telefone 226061920.

SPA e Museu Soares dos Reis assinam protocolo de cooperação



A Sociedade Portuguesa de Autores e o Museu Nacional de Soares dos Reis assinaram na passada sexta-feira [dia 2 de Outubro] no Porto um protocolo de cooperação cultural que permitirá à SPA utilizar regularmente o auditório e outras salas daquele importante museu para a realização de iniciativas culturais integradas na programação dirigida à cidade por iniciativa da nossa cooperativa.

O protocolo foi assinado pela directora do Museu Soares dos Reis, Dr.ª Maria João Vasconcelos, e, em representação da SPA, pelo administrador-delegado e vice-presidente da Direcção, José Jorge Letria, bem como pelo director e administrador João Lourenço.

O programa de animação foi concebido pelo escritor Álvaro Magalhães, cooperador da SPA, e iniciou-se na noite do dia 2 de Outubro com uma sessão de homenagem ao jornalista e escritor Germano Silva, em que participaram destacadas figuras da vida cultural portuense, com realce para o poeta e jornalista Manuel António Pina. Nessa sessão, em que um grupo etnográfico da cidade apresentou um conjunto de “Cenas Românticas”, foi apresentada a programação para os próximos meses, dela se destacando, em Novembro, uma sessão dedicada à obra de Manuel António Pina, em Dezembro, outra dedicada à obra de Carlos Tê, e ainda, a partir da primeira segunda-feira de Novembro, um ciclo de leitura e reflexão intitulado “Amor e Transgressão”, a cargo do escritor e cooperador da SPA Mário Cláudio que, ao longo de sete sessões, falará de outros tantos livros por si seleccionados. Esta sessão inaugural esgotou a lotação do auditório do museu.

Em Dezembro, será a vez de Carlos Tê orientar um curso de escrita criativa de canções, a que se seguirá um outro de escrita criativa de textos literários orientado por Pedro Sena-Lino.

Estas sessões culturais estão programadas para o auditório e para a sala de música do Museu Nacional de Soares dos Reis, que se localiza na vizinhança da Delegação da SPA no Porto.

É a primeira vez que a Delegação do Porto da SPA polariza um programa de animação destinado à população da cidade e contando com a participação de destacados autores portuenses.

Por seu turno, a SPA assegurará a deslocação, até ao espaço daquele museu, de exposições que tenham estado patentes na Galeria Carlos Paredes, bem como outras formas de cooperação entretanto em estudo.

Para colmatar falta de público nas salas de espectáculos

Virgílio Castelo propõe um teatro transversal



Virgílio Castelo baseou-se na sua experiência como actor de teatro, cinema e televisão para procurar reflectir com os presentes no Auditório Maestro Frederico de Freitas, no passado dia 26 de Novembro, sobre o divórcio existente no nosso país entre o público e os vários intervenientes no processo teatral.

Convidado para preencher a 97.ª sessão do ciclo “A Dramaturgia e a Prática Teatral”, que a SPA vem organizando sob a coordenação do dramaturgo Jaime Salazar Sampaio, o destacado actor propôs uma solução para colmatar a comprovada falta de público nas salas de teatro, que se pode resumir à procura de “um teatro transversal”.

Dando como exemplo o caso de Shakespeare, que só teria sobrevivido porque houve público, não por obrigação cultural, mas pela dimensão de festa que o acto de ir ao teatro pode constituir, Virgílio Castelo argumentou que “é preciso criar um sistema que faça apelo ao risco”. “O teatro pode transformar as pessoas em melhores seres humanos”, salientou, lamentando: “Mas nós não estamos a fazer teatro para as

pessoas comuns, um teatro que seja transversal a vários públicos. Não estamos a fazer teatro para que o professor universitário se comova e, simultaneamente, que a empregada doméstica pense e saia da sala com mais conhecimentos”.

E, segundo ele, há textos belíssimos e bons actores, mesmo alguns que nasceram na televisão. Porque não? O que é necessário é voltar a encenar esses textos sem preconceitos intelectuais e restaurar sem medos o star system. Apresentar textos bons com actores e actrizes que tenham o carinho do público, de tal forma que apeça ir vê-los ao teatro. Uma medida positiva, em seu entender, é o facto de, para o ano, o Nacional ir levar à cena a conhecida peça Um Eléctrico Chamado Desejo, de Tennessee Williams, um texto de um autor que “serve” uma banda muito larga de público e que pode ser visto de vários pontos de vista ao mesmo tempo.

Por outro lado, Virgílio Castelo foi de opinião que se diversificassem as fontes de financiamento para o teatro, para que ele se torne mais acessível para todos. “Que o Governo dê incentivos ao aparecimento de colectivos de actores ou de empresários para se fazerem projectos fora do sistema

de subsídios”, alvitrou, pormenorizando a sua proposta: “O Governo tem de criar novos motores de produção para além dos subsídios, dando contrapartidas, designadamente incentivos de ordem fiscal, promovendo o teatro para jovens no âmbito do Ministério da Educação, garantia de compra de um número determinado de espectáculos...”

E concluiu, a propósito: “O Governo tem de legislar no sentido de promover um novo sistema de produção, articulado com vários ministérios (e não só tendo em conta o Ministério da Cultura), com vista à criação de riqueza, conforme o Primeiro-Ministro disse”.

A reflexão alargou-se ao público presente, que expressou as suas próprias experiências e trocou opiniões ente si. Do diálogo surgiu uma outra conclusão: que o teatro faça como a música, que não é subsidiada, vive de estrelas e tem uma rede pelo país inteiro. EE

Ciclo de Cinema Português

«Filmes Esquecidos» passam na SPA

Um Ciclo de Cinema Português com «Filmes Esquecidos» preencheu 12 sessões no Auditório Maestro Frederico de Freitas da Sociedade Portuguesa de Autores, entre 4 de Novembro e 18 de Dezembro.

Organizado pelo ABC CineClube de Lisboa com a cooperação e colaboração, respectivamente, da Sociedade Portuguesa de Autores e da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, esta iniciativa contou com o patrocínio do Instituto do Cinema e do Audiovisual e do Ministério da Cultura (Programa de apoio à Exibição não Comercial - REDE 2009).

O ciclo, que passou sempre às 18 horas, integrou obras para maiores de 16 anos, que, embora conhecidas de alguns cinéfilos, nunca encontraram vaga ou ocasião para a desejada e desejável estreia comercial. A saber, por ordem de apresentação: A Moura Encantada, filme realizado e produzido por Manuel Costa e Silva, não estreado comercialmente; Ma Femme Chamada Bicho, realizado e montado por José Álvaro Morais, estreado na RTP2 em 1978; Continuar a Viver ou Os Índios da Meia-Praia, com ideia e realização de Antó-

nio da Cunha Telles; Histórias Selvagens, com realização, argumento e montagem de António Campos; Maria, argumento, realização e montagem de João Mário Grilo; Acto dos Feitos da Guiné, realizado por Fernando Matos Silva; Gestos & Fragmentos, realizado por António Seixas Santos; Azul Azul, realizado por José de Sá Caetano e O Movimento das Coisas, realizado por Manuela Serra, todos não estreados comercialmente; Uma Rapariga no Verão, com realização e argumento de Vítor Gonçalves, estreado na RTP2 em 1988; Transparências em Prata, com realização e argumento de João Brehm, não distribuído comercialmente e Uma Pedra no Bolso, com realização, fotografia e montagem de Joaquim Pinto, não estreado comercialmente.

Trata-se, segundo referia Maria do Carmo Abreu no texto divulgado pela SPA, de “um lote apenas exemplificativo do contingente de filmes que, na sua diversidade e diferentes graus artísticos, percorreram não obstante os vários festivais, nacionais e estrangeiros” e muitos deles “foram, aliás, objecto de estima e não poucas vezes de prémios”.



Nuno Gomes dos Santos edita livro com apoio do Fundo Cultural da SPA

“Reserva de Fumo” é “crítica social” de ataque aos fundamentalismos

Uma “crítica social fortíssima de ataque aos fundamentalismos das sociedades de hoje” foi como Nuno Gomes dos Santos definiu o seu novo livro Reserva de Fumo, lançado no passado dia 3 de Dezembro, no Auditório Maestro Frederico de Freitas da Sociedade

Portuguesa de Autores.

Na presença do cooperador Nuno Gomes dos Santos, a obra editada pela Associação Cultural Manuel da Fonseca, com o apoio do Fundo Cultural da SPA, foi apresentada pelo jornalista e escritor Viriato Teles, colaborador da revista “Autores”.

A sessão foi complementada com a participação do cantautor Samuel, que interpretou temas do seu reportório.

No dia 5 de Dezembro, “Reserva de Fumo” foi apresentado no Forum Romeu Correia, em Almada, cidade onde vive e trabalha o autor, por José Jorge Letria, seguindo-se também a actuação de Samuel.

A acção de “Reserva de Fumo”, uma ficção e uma fábula com o subtítulo Smoke Gets in Your Eyes, gira em torno de um país fictício, os Estados Federais, que estão a proibir o fumo e que acabam por se tornar num “país-ilha rodeado de reservas em constantes e sucessivas tentativas de diálogo”, segundo Gomes dos Santos.

Incorporações de personagens da Banda Desenhada, como o Lucky Luke, o seu cavalo Jolly Jumper, e os irmãos Dalton, e “figuras conhecidas, desconhecidas ou alguns figurões produzidos pelos Estados Federais” são, de acordo com o autor, entidades que atravessam a narrativa.

“Reserva de Fumo” é o nono livro de Nuno Gomes dos Santos.

João Morales faz balanço de segundo ciclo "Com Todas as Letras"

"Foi uma mais-valia cruzar diferentes protagonistas do mercado do livro"



A edição de livros em Portugal, a sua distribuição e comercialização e a relação dos editores com os autores e com os leitores entusiasmarão de tal forma os próprios intervenientes nos debates do ciclo "Com Todas as Letras" que contaminaram a assistência, levando-a a discorrer abertamente sobre os temas lançados na mesa.

Promovido e organizado pela revista independente "Os Meus Livros" em conjunto com a SPA, este segundo ciclo (o primeiro realizou-se há três anos), que começou a 15 de Setembro e se prolongou por sete sessões, fez no passado dia 9 de Dezembro aquilo a que chamou, na sua última "prelecção-conversa", "Um Balanço com Balanço".

O que se editou, o que se gostava de ter editado, o que vendeu mais, as apostas que passaram ao lado, o mercado que mudou, as surpresas e as confirmações; o olhar das grandes e pequenas editoras e da imprensa sobre a actividade que deu origem a este ciclo - a edição de livros em Portugal - foram os temas finais em discussão.

Entretanto, desde que começou, conforme noticiámos na última revista, o ciclo "Com Todas as Letras", foi muito bem acolhido pelas diversas audiências, que o acarinharam com múltiplas e pertinentes questões, prevendo-se que, para o ano, possamos continuar a debater situações que tanto interessam a quem é autor e editor.

"Evento direccionado para todos"

"Uma das mais-valias destes debates foi poder cruzar diferentes tipos de protagonistas do mercado do livro", confiou à "Autores" João Morales, coordenador do ciclo e jovem director da revista "Os Meus Livros".

Um dos dez agraciados com o Prémio Pro-Autor, atribuído este ano pela SPA, pela primeira vez, por ocasião do seu 84.º aniversário, a todos aqueles que ajudaram a divulgar os autores e os seus direitos, João Morales salientou como sendo um sinal muito positivo "a diversidade de abordagens que se pretenderam imprimir a um evento desta natureza". E, indo ao encontro do sentimento com que havíamos ficado de todas as sessões, acrescentou: "Não deixa de ser curioso o interesse que os temas e textos abordados suscitaram não só nos protagonistas do evento, como junto do leitor comum ali presente".

Na verdade, o ciclo não constituiu um encontro business-to-business, ou seja, uma oportunidade de trocar informações apenas de negociante para negociante. Foi destinado a toda a gente. Houve informações - até em quantidade e qualidade apreciáveis -, mas todos tiveram oportunidade de aprender.

"Intervenientes de grande qualidade"

Para fundamentar a sua asserção, João Morales enalteceu a qualidade dos intervenientes directos nesta edição, onde figuraram "alguns dos principais protagonistas

do mercado do livro", desde Manuel Carmelo Rosa, director do Serviço de Educação e de Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian, António Lobato de Faria da editora Oficina do Livro, Carlos Veiga Ferreira da Teorema, Alexandre Vasconcelos e Sá da Objectiva, a escritora Margarida Rebelo Pinto, Sven Mensing, director da Biblioteca do Goethe Institut, Luis Caetano, realizador e apresentador da Antena 2 da RDP e realizador do programa "Câmara Clara" da RTP, também ele distinguido com o Prémio Pro-Autor da SPA, o escritor e investigador José Noretton, Eduardo Boavida da Bertrand, a escritora Irene Pimentel, Prémio Camões, a um representante da Livraria Trama, apenas com dois anos de vida, mas que se destaca por ser a alternativa mais importante, neste momento e ao escritor David Soares, o mais prolífero escritor português do género fantástico. Os temas tratados, dada a sua actualidade, também puxaram a um diálogo bem vivo, provocando uma interacção muito saudável entre intervenientes e público. Senão vejamos: O Regresso: Tendências, Previsões e Outros Riscos (15 Setembro); Audiolivros: O Som das Palavras (29 Setembro); Romance Histórico: O Passado Revisto (13 Outubro); FC e Literatura Fantástica: O Reinado da Imaginação (27 Outubro); Editar sem Editora: Quem Faz o Quê? (10 Novembro); Livrarias de Ontem, Livrarias de Hoje, Livrarias de Sempre (24 Novembro) e 2009: Um Balanço com Balanço (9 Dezembro).

"Nunca se leu tanto como agora!"

A propósito de balanço, pedimos a João Morales, como coordenador da acção, para fazer um balanço deste segundo "Com Todas as Letras", depois de um interregno de três anos. "É uma iniciativa a repetir para o ano", disse, convicto. "Encontros, debates e tertúlias, estamos a voltar ao gosto por estas coisas! E temos de os fazer para demonstrar que o livro interessa cada vez a mais gente." "Nunca se leu tanto como agora e cada vez se lê mais!", garantiu, lembrando que, realmente, "durante muitos anos o mercado do livro esteve parado, foi igual a si mesmo", mas que, de há uns poucos anos a esta parte, "tem-se assistido a uma dinâmica um pouco por todo o mundo, que só agora chegou a Portugal".

Na prática, isso reflecte-se no facto de, há três anos para cá, aparecerem muitas pequenas editoras, muito direccionadas, com catálogos de género, para poderem sustentar-se.

"Se não fosse um negócio com margem de interesse, não havia tanta gente a querer editar", conclui Morales, chamando a atenção para a realidade que representa o querer acudir à curiosidade do leitor comum.

Relativamente ao reforço do chamamento da SPA para integrar cada vez mais os editores nas suas "fileiras", João Morales salientou:

"Acho que faz todo o sentido, pois os editores devem ser dos mais preocupados em defender os interesses dos seus autores. Eles são a sua mais-valia!". EE

SPA vai reunir com Google

A Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) vai reunir muito brevemente com os responsáveis da Google com vista à discussão da futura digitalização de obras através dos serviços da gigante da Internet.

A informação foi avançada pelo administrador-delegado e vice-presidente da SPA, José Jorge Letria, que diz estar “expectante” face à evolução do mercado de livros electrónicos. “Estamos expectantes, não estamos sequer receosos nem apreensivos”, assegurou José Jorge Letria, defendendo que, “quem quiser fazer vingar estas novas tecnologias no mercado”, terá de levar em conta os autores e as sociedades que fazem a gestão dos seus direitos, ou estará a cometer “actos de pura pirataria”.

O vice-presidente da SPA considera que as novas tecnologias podem ser o maior aliado dos autores “quando se trata de multiplicar, reproduzir e fazer chegar as obras a cada vez mais público”, no entanto – salienta –, “se não for regulada, a sua utilização pode transformar-se num dos maiores inimigos dos criadores e de quem os representa”.

As situações que mais preocupam a instituição que representa os autores portugueses serão as reproduções em suporte digital de obras que ainda não se encontram no domínio público, acrescentou José Jorge Letria

O programa de digitalização de livros do Google não tem decorrido pacificamente, tendo sido alvo de várias queixas de autores e editores, nomeadamente na Europa.

Num acordo alcançado recentemente com a UE, a empresa norte-americana comprometeu-se a retirar da lista de livros todos os títulos que ainda estejam à venda no continente europeu e a negociar, directamente, com os editores europeus e autores no sentido de voltar a incluir estas edições no Google Books. Será neste quadro que se insere o encontro agora anunciado com a SPA.

O Natal da SPA organizado pelo CCD

O Centro Cultural e Desportivo da Sociedade Portuguesa de Autores juntou os filhos dos funcionários e sócios desta cooperativa, no passado dia 5 de Dezembro, no Funcenter do Colombo para a já habitual Festa de Natal organizada pelo CCD, presidido por José Fidalgo. O ponto alto foi a entrega de presentes pelo Pai Natal.

O tradicional convívio e jantar de Natal para todos os que colaboram activamente na gestão colectiva e defesa dos direitos de autor na Sociedade Portuguesa de Autores decorreu animado no dia 11 de Dezembro, no Hotel Real Palácio, em Lisboa. Desta festa, daremos pormenores no próximo número.

Entretanto, a revista “Autores” aproveita para desejar a todos os seus leitores e aos sócios, cooperadores, funcionários, colaboradores e amigos da SPA um Natal em paz e um 2010 recheado de cultura.



Júri distingue cinco autores com menções honrosas

Domingos Lobo ganha Prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno

Domingos Lobo foi o vencedor da segunda edição do Prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno, com a peça original “Não Deixes que a Noite se Apague”. A peça passa-se no Ribatejo nos anos 60 e tem como pano de fundo as greves estudantis e conturbadas relações amorosas.

O prémio, no valor de 15 mil euros, foi entregue na Grande Gala Bernardo Santareno, no dia 22 de Novembro, na sala de espectáculos do Teatro Sá da Bandeira, em Santarém, constituindo o momento alto da iniciativa “Novembro Mês de Santareno”.

O anúncio do vencedor foi feito na semana anterior, em conferência de imprensa, pelo presidente do Instituto Bernardo Santareno, Vicente Batalha, que disse “que é preciso afirmar o Prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno no panorama nacional, à semelhança do que acontece com outros prémios de teatro”.

O Prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno distinguiu ainda com menções honrosas as obras: “Os Filhos de Teresa”, de Sandra Pinheiro (Oeiras), “A Morte do Soldado”, de Carlos Alberto Machado (Lajes do Pico/Açores), “Vodka e Cachupa”, de Miguel Real e Filomena Oliveira (Colares/Sintra), “O Sonho de Rosa Damasceno ou Públia Hortênsia, Marinheira Estática”, de Armando Nascimento Rosa (Évora) e ainda “Concerto para Dois Violoncelos”, de Isabel Millet (Lisboa).

Além dos 15 mil euros, o prémio contempla ainda a edição em livro do original de Domingos Lobo e a recomendação à organização do prémio para a publicação das obras premiadas dos autores das menções honrosas.

O júri do concurso foi constituído por José Manuel Mendes, escritor, em representação da Associação Portuguesa de Escritores (APE),

Norberto Ávila, dramaturgo, em representação da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), Fernanda Lapa, actriz e encenadora, Maria João Cardona, presidente da Escola Superior de Educação de Santarém, e Vicente Batalha, presidente do Instituto Bernardo Santareno.

A segunda edição do prémio contou com 145 trabalhos concorrentes de todo o país, “mais 10 por cento do que na 1ª edição de 2007”, salientou Vicente Batalha, acrescentando que, “o júri se viu confrontado com uma decisão muito difícil, pois existia um lote de trabalhos de rara qualidade, em número superior ao que é usual em prémios congéneres”. Vicente Batalha frisou ainda que a obra que venceu “tem uma excelente viabilidade cénica”.

Domingos Lobo é um nome conhecido da escrita e do teatro. Dirige, actualmente, o SobreTábuas – Grupo de Teatro de Benavente, para o qual encenou O Duelo, de Bernardo Santareno. É também programador cultural na Câmara Municipal de Benavente e coordenador do Prémio Nacional de Poesia Natércia Freire, instituído pela Câmara de Benavente e Companhia das Lezírias.

Domingos Lobo foi este ano também distinguido com o Prémio Literário Cidade de Almada/2009 com a obra inédita Para Guardar o Fogo, e tem várias obras de ficção, poesia e teatro publicadas. É autor das peças de teatro Pensa Enquanto Tens Cabeça (representada pelo GATO – Teatro Comuna/1975); Vida e Morte de Um Português Malcomportado (representada pelo GATO – Teatro Comuna/1976; Um Violino na Lama (representada pelo Grupo de Acção Teatral de Salvaterra de Magos/1987 e Cenas de Um Terramoto (sobre o terramoto de 1909 – a estrear em Novembro, no Cineteatro de Benavente – SobreTábuas).

Livros esgotados em papel ganham versão digital

O director editorial da Assírio e Alvim revelou que a editora portuguesa pretende disponibilizar em formato digital alguns dos livros que se encontram esgotados e cuja reimpressão em papel não se apresenta como viável. Entre as obras visadas estão principalmente “livros de ficção, de ensaio, datados e que a Assírio não tem muito interesse em publicar porque a publicação tradicional acarretaria custos que não teriam o retorno necessário para justificar o investimento”, explicou Vasco David, em declarações à Agência Lusa.

De acordo com este responsável, o formato digital torna menos arriscado “editar projectos difíceis, livros que sabemos que não vão vender muitos exemplares”, porque quase não implica custos. Actualmente, a editora encontra-se a desenvolver contactos e a estudar a melhor forma de concretizar o projecto, nomeadamente no que concerne a plataformas para disponibilização dos conteúdos e à adaptação do seu site. “Em meados de 2010 gostávamos de ter o projecto em marcha”, disse o porta-voz da empresa.

Sem que tenham sido revelados nomes de autores ou obras a incluir na iniciativa, fica-se a saber que a poesia - um dos géneros mais publicados pela Assírio e Alvim - não deverá ser abrangido pelas primeiras edições digitais, devendo ser antes esperados géneros como “o ensaio, o livro técnico e o de auto-ajuda”. Por conhecer ficaram também as intenções da editora no que respeita à política de preços a cobrar pelo acesso aos conteúdos.

Os livros digitais continuam a ganhar adeptos por todo o mundo. Embora em Portugal a oferta de leitores ainda seja tímida e só recentemente o país tenha sido colocado na rota de distribuição do Kindle, Vasco David acredita que a oferta de dispositivos vai aumentar, e “com certeza haverá forma de colocar livros em português [nesses suportes]”.

“O papel do dramaturgista na construção do espectáculo”

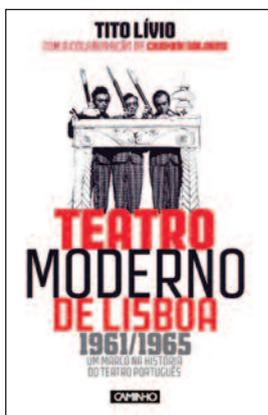
Vera San Payo de Lemos dá exemplos da sua actividade no Teatro Aberto

Vera San Payo de Lemos, reconhecida tradutora, dramaturgista, docente universitária e investigadora do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa, esteve na Sociedade Portuguesa de Autores a apresentar a sua teoria sobre “o papel do dramaturgista na construção do espectáculo”.

Nesta sessão, que decorreu no auditório da SPA, no dia 28 e Outubro, no âmbito do ciclo “A Dramaturgia e a Prática Teatral”, a convidada não ficou, todavia, apenas pela teoria: apresentou exemplos concretos da actividade que, desde 1980, tem vindo a exercer neste campo, muito em especial no Teatro Aberto, de que é director e encenador

Com chancela da Caminho, do Nacional e da SPA

Livro «Teatro Moderno de Lisboa» foi lançado no Teatro D.Maria II



O livro «Teatro Moderno de Lisboa (1961-1965)», de Tito Lívio, com colaboração de Carmen Dolores, foi lançado no passado dia 1 de Outubro, no Salão Nobre do Teatro Nacional Dona Maria II (TNDMII). A iniciativa teve chancela da Editorial Caminho, do Teatro Nacional D. Maria II e da Sociedade Portuguesa de Autores. Participaram nesta sessão Carmen Dolores, Eugénia Vasques, João Lourenço, Luiz Francisco Rebello, Maria João Brilhante, Tito Lívio e Zeferino Coelho. O livro é a obra de «actores e demais gente de teatro que soube

tomar o futuro em suas mãos, constituindo uma sociedade artística para fazer o Teatro de que gostavam e achavam necessário», segundo o TNDMII.

“Uma pedrada no charco”

“O Teatro Moderno de Lisboa (TML) foi uma pedrada no charco desde logo pela sua constituição - uma sociedade artística -, porque foi o primeiro grupo de teatro independente e pela escolha de um repertório actual, moderno, sendo ‘O Tinteiro’ a peça de estreia”, disse o autor à Lusa.

A obra, “Teatro Moderno de Lisboa - Um marco na história do teatro português”, escrita por Tito Lívio em colaboração com a actriz Carmen Dolores, constitui o “primeiro levantamento histórico” daquela companhia, e “conta ainda com as memórias de alguns dos seus elementos como Carmen Dolores, “uma das suas fundadoras e que tem sido fiel depositária de parte do espólio”, acrescentou o autor.

“Alguns dos perfis dos membros e colaboradores do TML foram elaborados por companheiros que ainda estavam vivos, caso do Morais e Castro, que fez o de Costa Ferreira, ou que estão vivos, como a Ângela Ribeiro,

o também membro da administração da SPA João Lourenço.

O contributo de uma profissional tão experiente como Vera San Payo de Lemos, que, quem está ligado de uma ou outra maneira ao teatro, liga inevitavelmente a toda uma obra de fundo que tem vindo a ser feita de forma criteriosa pelo Teatro Aberto, foi recebida de braços abertos pela atenta assistência que compareceu no Auditório Maestro Frederico de Freitas.

Premiada por portugueses e alemães

Vera San Payo de Lemos nasceu em Lisboa em 1951. Fez a licenciatura em Estudos Germanísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e o Mestrado em Estudos Alemães pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova Lisboa. É professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa desde 1993.

Em 2006, é distinguida com a Medalha Goethe “pela forma excepcional como estabeleceu a ligação entre Portugal e a Alemanha”.

Tem colaborado como tradutora e dramaturgista, sobretudo

com o encenador João Lourenço, na encenação de peças de Bertolt Brecht, Botho Strauss, Tankred Dorst, Werner Schwab, Urs Widmer, Bernard-Marie Koltès, Sam Shepard, David Mamet, Conor McPherson, Athol Fugard, entre outros autores, e em espectáculos musicais de Brecht/Weill e Stephen Sondheim, apresentados no Teatro Aberto, Teatro Nacional de São Carlos e Teatro Nacional D. Maria II.

Escreveu, com João Lourenço e José Fanha, Ubu Português, 2002 Odisseia no Terreiro do Paço (1984) e O Mar é Azul, Azul (1998). Publicou diversos artigos sobre teatro, sobretudo nos programas dos espectáculos em que colaborou. Participa em encontros, festivais e júris de teatro em Portugal e no estrangeiro. Colabora na tradução e coordenação da edição do Teatro de Bertolt Brecht, a publicar em 8 volumes pela Cotovia, com José Maria Vieira Mendes e Jorge Silva Melo. Traduziu, entre outros, Bertolt Brecht, Feydeau, Ariel Dorfman, Jim Cartwright, Frank McGuinness, Connor MacPherson, Olivier Bukowski, David Hare, Eugene O'Neill, Marius von Mayenburg, Sam Shepard, Lutz Hübner, Tankred Dorst, Botho Strauss, Jean Anouilh, Bernard Marie Koltès, Ulrich Plenzdorf, Carole Fréchet, William Shakespeare, Neil Labute, Urs Widmer, Shellagh Delaney. Pelas traduções das duas peças de Werner Schwab, As Presidentes (1998) e Peso a mais, sem pesa Sem Forma (2002), recebeu, em 1998 e 2002, o Prémio Austríaco de Tradução Literária. O Prémio da Crítica 2003 foi-lhe atribuído pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.

A celebrar 40 anos de carreira artística

Pedro Barroso lança

“Contos Anarquistas”

Considerado como um dos últimos trovadores de uma geração de coragem que ajudou pela canção a conquistar as liberdades democráticas para Portugal, Pedro Barroso continua a constituir-se como uma alternativa sempre diferente nos seus concertos, repletos de emoção e coloquialidade. Mas não se fica pelas canções e pela música, embora essa seja a sua principal motivação. As artes gráficas, onde transpõe o seu nome para o outro eu que o invade - o Pedro Chora -, a poesia e a ficção constroem o polímero harmónico da sua vivência intensamente humanista e retirada do bulício da cidade. É aqui que entra a notícia: o Pedro Barroso ficcionista acaba de lançar um livro de contos, Contos Anarquistas.

Foi no dia 22 de Outubro, ao fim da tarde, no Auditório Mastro Frederico de Freitas, que a obra e o seu autor foram apresentados por José Fanha, amigo e companheiro de lides de palco e outras tertúlias. Exactamente, quando está quase a terminar 2009, altura em que celebra 40 anos de carreira artística multifacetada, com lugar ainda para o teatro.

Nascido em Lisboa há 59 anos, Pedro Barroso estreou-se na RTP em Janeiro de 1969 no célebre programa televisivo Zip-Zip. Interessado, desde sempre, em compor, escrever a letra e interpretar as canções que canta, edita, em 1966, o livro Cantos Falados, (ED. ULMEIRO) que reúne toda a sua poesia - de canção e não só.

Com a atribuição a José Saramago do prémio Nobel da Literatura em 1998, torna-se num dos muito poucos autores que com ele partilha obra publicada - canção Afrodite (in LP Água mole em pedra dura, 1978). Em 2003, foi publicado o seu segundo livro das mulheres e do mundo (Ed. Mirante).

O seu livro de estreia em ficção - A história maravilhosa do país bimb, (Ed Calidum) -, em que aborda com sarcasmo e ironia alguns aspectos incompreensíveis de um país nunca identificado mas vagamente familiar, foi editado em 2005. Curiosamente, no mesmo ano em que foi editado o CD Antologia em caixa de duplo CD, registando os seus mais relevantes trabalhos realizados entre 1982 e 1990, onde avultam colaborações históricas com Mário Viegas e Sophia de Mello Breyner Andresen.

SPA cria serviço “Autores Mais” para cooperadores e beneficiários

No intuito de proporcionar mais vantagens e cada vez melhores serviços aos autores que representa, a SPA tem em fase de lançamento o serviço “Autores Mais”, fruto de um longo trabalho de negociações, pesquisa de parcerias e estabelecimento de protocolos. Através do serviço “Autores Mais”, os cooperadores e beneficiários da nossa cooperativa passam a usufruir de condições especiais e de importantes vantagens de utilização relativamente a prestigiadas marcas de bens e serviços da nossa sociedade, mediante a apresentação do cartão de membro da SPA.

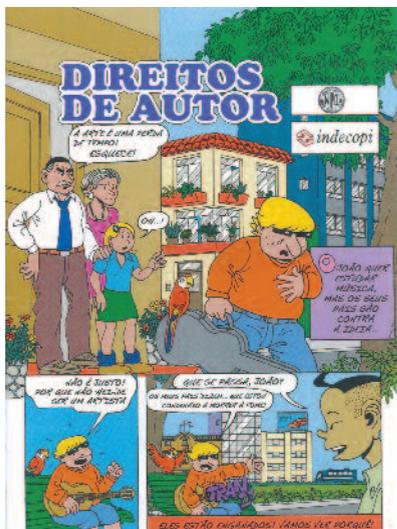
Os acordos estabelecidos até ao momento entrarão em vigor no dia 1 de Janeiro de 2010 e englobam empresas como ACP (Isenção de jóia e 10% de desconto na primeira quota), FNAC (100 pontos na adesão ao cartão FNAC), Impresa (Descontos de 30% a 40% na assinatura de publicações como Visão, Expresso, Jornal de Letras, Courier Internacional, Exame, Activa), Optivisão (Descontos de 20% em óculos graduados, 15% em óculos de sol, 10% em lentes de contacto), Holmesplace (Oferta

de inscrição anual e 10% na mensalidade em todos os clubes do país), Europcar (10% de desconto na tarefa promocional no aluguer de viaturas). Para além destes, importa lembrar os protocolos já existentes e devidamente anunciados, com a Vodafone (Tarifas especiais nas comunicações móveis), Casa da Imprensa (Área da saúde) e Universidade Autónoma de Lisboa.

Encontram-se ainda em fase de negociação acordos com entidades como INATEL - Pousadas de Portugal, A Vida é Bela, a agência de viagens Geotur/Star e um centro de massagens.

Estar abrangido pelo serviço “Autores Mais” é um benefício exclusivo dos autores representados pela SPA e não significa nenhum custo adicional para os sócios. A partir do início do ano, os autores interessados podem obter informações mais detalhadas sobre o “Autores Mais” junto do Secretariado da Administração.

Banda desenhada editada pela SPA promove direito de autor junto dos jovens



A SPA acaba de lançar, com uma tiragem inicial de 5000 exemplares, o pequeno livro de banda desenhada “Direitos de Autor”, editado originalmente pela Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), com sede em Genebra.

O texto desta publicação foi adaptado e traduzido para português, tendo como destinatários as crianças e os jovens em idade escolar.

Esta banda desenhada, será distribuída pelas escolas do país, designadamente através das delegações e correspondentes da SPA.

O texto, bem como as situações representadas na banda desenhada, faz uma alusão à importância que o trabalho de criação tem na afirmação individual e social dos jovens criadores, não podendo, por esse motivo, ser ignorada ou pirateada. Esta é apenas uma das acções que a SPA tem previstas para o próximo ano para promover o direito de autor junto das populações em geral e dos jovens em particular.

Humberto de Castro canta “grandes” em novo disco

Humberto de Castro apresentou o seu novo disco, com canções em português, francês e espanhol de nomes “grandes” da música, a nível internacional. José Afonso, Trovante, Madreus, Camões-Amália, Ary-Tordo, Sérgio Godinho, António Gedeão-José Niza, Jacques Brel, Aznavour, Bécaud, Léo Ferré, Boris Vian, Astor Piazzola e Patxi Andion figuram, entre outros, na lista de canções deste trabalho. A sessão teve lugar no Auditório Maestro Fredrico de Freitas da Sociedade Portuguesa de Autores, no passado dia 11 de Novembro, ao fim da tarde, tendo Humberto de Castro interpretado ao vivo alguns temas do disco, que contou na sua produção com arranjos orquestrais de Pedro Jordão. O intérprete repetiu a sessão no dia 14, na Biblioteca Municipal Camões, no Largo do Calhariz, em Lisboa.

SPA em reunião no CIADLV

A SPA esteve presente na reunião do Comité Executivo do Conselho Internacional de Autores Dramáticos e Audiovisuais (CIADLV), que se realizou em Londres, no passado dia 13 de Novembro. A representação esteve a cargo do administrador-delegado e vice-presidente da SPA, José Jorge Letria, que integra aquele órgão desde 2005.

Na reunião foram debatidos vários aspectos relacionados com a luta dos autores naquelas áreas contra a pirataria e também as posições a assumir em questões como a digitalização de livros pela Google. Foi ainda preparada a agenda da Assembleia-Geral do CIADLV, que decorrerá em Florença em Março de 2010.

[Centenário da escola assinalado com protocolo cultural entre as duas entidades](#)

Liceu Camões recebeu Medalha de Honra da SPA

A Medalha de Honra da SPA foi entregue ao Liceu Camões [no passado dia 17 de Outubro] durante a cerimónia comemorativa do centenário daquela escola, presidida pelo Presidente da República e que contou também com a presença da ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues. A medalha foi entregue pelo encenador João Lourenço, membro da Direcção e da Administração da SPA.

A Medalha de Honra da cooperativa foi atribuída ao Liceu Camões para consagrar um século de exemplar acção pedagógica e tendo em conta a proximidade física das duas instituições, bem como o facto de um significativo número de cooperadores terem sido professores e alunos daquela escola. Um protocolo entretanto assinado entre as duas instituições prevê a cooperação regular na área cultural através, designadamente, de exposições e colóquios organizados em parceria. Recorde-se que o Liceu Camões dispõe de um auditório com mais de duas centenas de lugares.



Foto do painel sobre Ferreira de Castro, montado pelo cenógrafo Fernando Filipe, para a exposição "Celebrar os Autores. Celebrar a Cultura", patente ao público na Sala Carlos Paredes da SPA

As palavras dos autores em revista

A obra e personalidade de Ferreira de Castro, esse notável escritor português autodidacta, considerado pela exigente crítica francesa como "um dos nomes mais prestigiosos da literatura mundial" e uma referência cívica e moral na luta contra o regime ditatorial em prol dos direitos humanos, são evocadas, nesta revista "Autores", através de um dos seus textos publicados no então ainda *Boletim* desta cooperativa, no Verão de 1961.

O ex-presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores em 1962, cargo que ocupou durante dois anos, na instituição que ajudou a criar, juntamente com Aquilino Ribeiro, e que recusou sempre as propostas para a sua candidatura ao mais alto galardão mundial – o Prémio Nobel – e ainda às eleições presidenciais de 1958, assina um texto aparentemente simples, que aqui lembramos, a que deu o título mui factual de Quando, onde e como escrevi "A Selva". Um texto que reflecte o seu carácter humanista e a sua escrita intimamente ligada ao povo e à natureza com que vive, convive e defende na sua obra máxima, reconhecida internacionalmente e que leva edições sobre edições em dezenas de línguas.

"Neste romance 'A Selva', Ferreira de Castro não descreve somente o inferno dos pesquisadores da borracha de uma forma para sempre inolvidável, mas também a majestosa natureza da floresta virgem, em toda a sua trágica beleza. Na sua obra, a selva do Amazonas foi vista, pela primeira vez, por um homem que não viajou, mas que viveu dentro dela própria. Este romance de Ferreira de Castro tanto me prendeu que eu desejei traduzi-lo imediatamente para alemão", escreveu em 1932 no prefácio da tradução alemã da mais emblemática

obra de Ferreira de Castro o Dr. Richard Bermann, escritor e médico austríaco, que usava o nome literário de Arnold Hoellriegel. Foi à sua tradução de "A Selva" para alemão que Ferreira de Castro e a literatura portuguesa em muito devem a sua expansão e atenção da crítica internacional.

Nesta edição de "Memória SPA" - um conjunto de artigos publicados nesta revista, desde a sua criação, em meados de 1958, ainda sob a forma de boletim, assinados por grandes nomes de autores portugueses, todos já falecidos – revisitamos as palavras do autor do célebre romance "A Selva". A propósito podemos acrescentar, que no boletim de Julho/Agosto de 1971, uma notícia dava conta de "um contrato firmado por intermédio da Sociedade de Escritores e Compositores Portugueses entre Ferreira de Castro, membro da nossa Sociedade de Autores, e o produtor brasileiro Luís Máximo de Miranda Correia, para adaptação cinematográfica do romance A Selva cuja acção, como é geralmente sabido, decorre no Brasil", "um acontecimento literário e artístico que não podemos deixar de registar", segundo uma nota da responsabilidade da redacção.

Com a recuperação desses artigos de autores destacados e prestigiados da cultura portuguesa do século XX, agora nesta secção da nossa revista, "a SPA pretende levar por diante a preservação e difusão de uma memória colectiva que pertence a todos os autores portugueses e, conseqüentemente, à cultura portuguesa", percebendo-se, ao lê-lo, "a importância da SPA como instituição cultural de referência, ao longo de mais de oito décadas". Porque, sublinha a direcção da SPA, "palavra de autor é para ser respeitada e dignificada. Sempre". ■EE

QUANDO, ONDE E COMO ESCREVI "A SELVA" (*)

Por Ferreira de Castro

A Selva foi escrita de 9 de Abril a 29 de Novembro de 1929. Director do magazine *Civilização*, que me atarefava o melhor do dia, redactor de *O Século*, colaborador de já não sei quantas publicações, para viver tinha de trabalhar imenso, dispersando-me constantemente em mil ninharias literárias; e ao meu pobre livro, único isento de obrigação, só podia oferecer um tempo escasso. Era das seis e meia às oito da noite, depois de haver estendido num divã, durante alguns minutos, a fadiga trazida, como um fato de chumbo, do magazine e do jornal, que me embrenhava na Amazónia. E nem todos os dias, porque a vida tinha ainda mais exigências e outras vezes eu regressava a casa tão exausto, tão saturado de papel em branco e de papel impresso, que me faltava disposição, frescura e forças para retomar a minha pena.

Em Julho, de novo interrompi A Selva, desta vez não por alguns dias, mas por dois meses e sem desgosto algum, antes com um prazer todo febril e exultante. Ia, finalmente, como enviado de *O Século*, consumir um dos maiores desejos de todos que se dedicam às letras e às artes, qualquer que seja a latitude em que habitem: trilhar, pela primeira vez, a França, o velho país literário que se incrusta no nosso espírito desde os anos infantis e parece ser não um trecho do Mundo, mas o próprio Mundo concentrado num sonho para quem vive longe e nunca o viu. O meu livro, deixado em embrião, nas sombras duma gaveta, bem pouco representava em face daquela alegria. Estas sucessivas interrupções, geralmente

tão prejudiciais aos romancistas, porque os forçam a reler, antes de recomeçarem, todas as páginas já escritas, a dar uma atenção mais firme a pormenores que já haviam esquecido e, sobretudo, a reentrarem na atmosfera abandonada, que nem sempre se entrega com a felicidade anterior, tinham, todavia, para mim, uma vantagem. A vantagem, justamente, de me libertar, por algum tempo, da atmosfera do livro, do passado que ressuscitava e se tornava presente com uma vitalidade angustiosa, pois se é verdade que neste romance a intriga tantas vezes se afasta da minha vida, não é menos verdadeiro também que a ficção se tece sobre um fundo vivido dramaticamente por mim. Tanto, tanto, que, algumas noites, suspendia bruscamente o trabalho, só por não poder suportar mais o clima que eu próprio criava.

* Nesse tempo, eu habitava o primeiro andar duma casita da Rua Tenente Espanca, quase isolada num bairro em construção, cheio de poeira no Estio, de covas e lama no Inverno, com montões de pedra, de tijolos e de tábuas dificultando-me os passos e esse aspecto das coisas caóticas, arestosas e provisórias que sempre feriram a minha sensibilidade. Como as vizinhas, a pequena casa não dispunha ainda de água, nem de luz e, por isso mesmo, era mais barata; mas as duas janelas que ladeavam a sacada prometiam ser agradáveis no futuro, se eu tivesse tanta resignação para esperar como tinha falta de dinheiro. Assim, a maior parte desta obra foi escrita à luz difusa dum

candeeiro de petróleo, como se eu a escrevesse realmente na selva, numa dessas barracas perdidas nas imensas solidões, onde da electricidade, como elemento de progresso e de conforto, havia apenas a notícia de que ela existia, mas em lugares mais felizes, longe, muito longe dali.

finalmente, naquela noite de 29 de Novembro de 1929, sete meses depois de o haver principiado, tracei a última palavra do romance, conforme me certifica o manuscrito onde meti a data e que está, de novo, já um pouco tímido e amarelado, na minha frente. Um manuscrito sem nenhum aparato, folhas de vários formatos, sobras de circulares duma escola automobilística, que não sei como me vieram parar às mãos, a mim que nunca me interessei por automóveis, restos de papel de diferentes qualidades, que a minha pobreza aproveitou como faria um avarento.

* A Selva foi publicada em princípios de Maio de 1930, andava eu, de novo como enviado de *O Século*, em viagem pelos Açores. Fraga Lamas, meu editor e meu amigo, enviara-me do Porto dois ou três exemplares, brochados à pressa, antes de eu partir.

Não constituía, porém, uma alegria esse que eu levava comigo, todo vistoso na sua capa, sobre a mesita do camarote. Era um tear de apreensões e tanto, às vezes, me inquietava vê-lo, tanto ele ensombrava a luz cromática e fresca das ilhas aonde aportávamos, que acabei por escondê-lo nas trevas duma maleta.

Eu temia, sobretudo, que o livro se tornasse fastidioso pelas suas longas descrições da floresta, e esse era, entre muitos outros, um problema estético que, desde o princípio, me deixara sempre insatisfeito. As selvas, fechassem elas o seu mistério nas vastidões sul-americanas, ou verdejassem, mais permeáveis à luz solar, na Ásia, na África, na Oceânia, representavam, desde há muito, um assunto maculado literariamente. Maculado por milhentos romances de aventuras, onde a imaginação dos seus autores, para lisonjear os leitores fáceis, se permitira todas as inverosimilhanças, todas as incongruências.

Eu pretendia fugir à regra. Pretendia realizar um livro de argumento muito simples, tão possível, tão natural, que não se sentisse mesmo o argumento. Um livro monótono porventura, se não pudesse dar-lhe colorido e vibração, mas honesto, onde o próprio cenário, em vez de nos impelir para o sonho aventureiro, nos induzisse ao exame e, mais do que um grande plano de fundo, fosse uma personagem de primeiro plano, viva e contraditória, ao mesmo tempo admirável e temível, como são as de carne, sangue e osso. A selva, os homens que nela viviam, o seu drama interdependente, uma plena autenticidade e nenhum efeito fácil – era essa a minha ambição.

(*) *Boletim nº 13, Verão de 1961, p. 4-5.*



AUTORES da SPA na TVI24

Vinte seis semanas no ar para mostrar quem são e o que fazem os autores portugueses. Pela primeira vez, uma **sociedade de autores** dispõe de um programa na televisão.

Rock in Rio

VOLTEI

artplan

ROCK IN RIO LISBOA 2010

ROCKINRIO-LISBOA.SAPO.PT

EM 2010, A EMOÇÃO DO MAIOR FESTIVAL DE MÚSICA DO MUNDO ESTÁ DE VOLTA A LISBOA. GARANTA O SEU LUGAR. BILHETES À VENDA A PARTIR DE 3 DE FEVEREIRO. PARA MAIS INFORMAÇÕES, VÁ A ROCKINRIO-LISBOA.SAPO.PT

Apoio Institucional



Media Partners



Diário de Notícias

Patrocinadores



PEPSI



vodafone

Patrocinador Principal

Millennium
bcp